



Universidade do Minho
Instituto da Educação

Maria Emília de Sousa Paiva Martins

**Da narrativa à ilustração, um trajeto no desenvolvimento
da criatividade**

Mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica
no Ensino Básico

Relatório de Estágio

Trabalho realizado sob a orientação do

Doutor José Alberto Lourenço Gonçalves Martins

Braga, Julho de 2012

DECLARAÇÃO

Nome: Maria Emília de Sousa Paiva Martins

Endereço eletrónico: mila.paivamartins@sapo.pt

Telefone: 919516432

Número do Bilhete de Identidade: 10179352

Título do Relatório: Da narrativa à ilustração, um trajeto no desenvolvimento da criatividade

Supervisor: Doutor José Alberto Lourenço Gonçalves Martins

Ano de conclusão: 2012

Designação do Mestrado: Mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico.

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTES RELATÓRIOS APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço ao meu marido...por tudo! Pelo apoio; pelo amor; pela compreensão das ausências; pela ajuda dada em todos os outros campos da minha vida; pelas palavras que tantas vezes me consolaram e me deram força para seguir em frente; pela atenção dada a este meu trabalho de investigação...enfim... por tudo o que está refletido nesta dissertação!

Aos meus dois queridos e pequenos filhos, as minhas desculpas pelas minhas ausências pela minha pouca disponibilidade, uma vez que se tornou imperativo tirar este mestrado. Agradeço o amor e o apoio que sempre me dedicaram e a força que me deram.

Um muito obrigada a todas as pessoas que me ajudaram tão prontamente.

Estou por isso agradecida ao:

Dr. José Martins, meu orientador, pela sua disponibilidade, pela sua paciência, pela dedicação, e por assumir o nosso mestrado;

Dra. Patrícia Pimenta, pela disponibilidade em ler e encaminhar o meu trabalho e pela amizade de sempre; Dra Wendy Araújo pela colaboração e presença, mas sobretudo pela nossa grande amizade; Dra Mara Jácome, pela cooperação amizade e carinho; Professora Filomena pelo apoio e carinho; Aos meus Sogros que foram a minha retaguarda, hoje e sempre; À minha Mãe pelo amparo, ajuda e presença e aos meus Irmãos pela coragem. À memória do meu Pai, pelo seu exemplo de trabalhador exímio e pessoa exemplar.

APPACDM, pela sua tolerância, sendo trabalhadora e estudante, e pelos anos de aprendizagem em ensino, e prática de ilustração. Não posso invalidar o quanto fui apoiada no meu local de trabalho, a começar pelas colegas que muitas vezes ficaram sobrecarregadas de trabalho para que me pudesse ausentar por conta do estágio e investigação. Assim, quero deixar um agradecimento claro às colegas da APPACDM.

À escola Básica EB2,3 de Nogueira que tão bem me recebeu, abrindo-me as portas de par a par. Ao presidente do Conselho Executivo, Prof. José António Pinto de Matos, Escola EB2/ 3 de Nogueira em Braga e à comunidade Educativa em geral.

À professora Maria Armada, par pedagógico da Professora Maria José, pela paciência, pois as suas aulas foram invadidas, por estagiárias ao longo do ano, e também pela sua colaboração. Não me posso também esquecer dos alunos do 6º ano do agrupamento de Nogueira sem os quais também nunca poderia ter realizado esta investigação, pois foram a peça fundamental desta dissertação.

Quero expressar aqui o meu reconhecimento à minha orientadora de estágio Prof. Maria José Ferreira, por todo o apoio e orientação que me deu, mas especialmente pelas palavras que me fizeram seguir em frente. Sem ela não tinha chegado aqui!

A todos os amigos que me encorajaram.

Quero também agradecer à Escola Superior Artística do Porto, em Guimarães e também no Porto, pelos muitos ensinamentos que me transmitiu, escola que muito me orgulho de ter pertencido, e que devo muito do que sou profissionalmente. A todos os Professores da ESAP, que me marcaram pela qualidade de ensino, um muito obrigada, estou muito reconhecida.

Bem-hajam

RESUMO

Esta investigação insere-se no âmbito do segundo ciclo escolar, do ensino básico, do mestrado profissionalizante, com vista à aplicação de um método de investigação em forma de estudo de caso numa turma na área de Educação Visual e Tecnológica (EVT).

O estudo integra os alunos que frequentam o 6º ano de escolaridade, de uma escola do distrito de Braga. Compreende a análise de trabalhos gráficos e questionários realizados pelos alunos.

Este trabalho tem um carácter exploratório e auto refletivo e o seu objeto de estudo é sobre as capacidades interpretativas das crianças na forma como ilustram uma história. Através das imagens, pretende-se estudar o impulso criativo, tendo como suporte a imaginação e a memória relativamente à forma como a criança descreve e ilustra as suas ideias.

O tema nasce da procura de fundamentar que a arte de desenhar está inerente à fantasia e à imaginação, sendo estes elementos fundamentais para uma real aprendizagem, que pode ter impulso nas palavras, uma vez que, estas são por vezes uma fonte criativa. Ver nas histórias um trampolim para a criatividade ou a magia de podermos ser quem quisermos.

Espero que este trabalho contribua para uma melhor valorização do ato criativo e fomente o recurso aos livros como motor sugestivo do instinto criador. Acima de tudo, possa contribuir para uma melhoria das práticas, para melhor formar o indivíduo, como estratégia de desenvolvimento pessoal e profissional, integrada no processo de investigação ação, que promoveu a minha reflexão sobre novas formas, novas abordagens metodológicas, nas atividades educativas.

Palavras-chave: Ilustração, desenho, criatividade, imaginação e histórias.

ABSTRACT

This research falls within the scope of the second cycle basic school education, integrated in a professional master's degree, with a view to the application of a method of investigation in the form of study case in a class of Visual and Technological Education.

The study includes students who attend the 6th grade at a school in the district of Braga. Comprises the analysis of questionnaires and graphic works by students.

This study has an exploratory and self-reflective way and its object of study is the interpretative skills of children and how they illustrate a story.

The theme comes from looking for reasons that the art of drawing is inherent in the fantasy and the imagination, which are essential to a real learning. It may also have a boost in the words, since these are sometimes a creative source. To see stories as a springboard for creativity and the magic that we can be who we want.

I hope this work will contribute for a better appreciation of the creative act and encourages the use of books as a creative instinct engine.

Above all may it contribute to an improvement of practices, to better train individuals, to be used as strategy for a personal and professional development, integrated into the research process that promoted my reflection on new forms and new approaches in educational activities.

Keywords: Illustration, draw, creativity, imagination and stories.

INDICE

AGRADECIMENTOS.....	III
RESUMO	V
ABSTRACT	VI
ABREVIATURAS E SIGLAS.....	VIII
LISTA DE QUADROS	IX
LISTA DE TABELAS.....	IX
LISTA DE GRÁFICOS	IX
Introdução.....	11
CAPITULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	13
1.1 Caracterização do meio/escola	13
1.2 Caracterização do Público – alvo.....	13
1.3 Contextualização da prática de ensino supervisionada	13
1.4 O impulso criativo na ilustração, inspirado nas palavras.	14
Capitulo II - Metodologia	30
2.1 Sequência e Procedimentos Utilizados em Contexto de sala de Aula.....	30
Capitulo III - Análise dos resultados	39
3.1 Síntese Descritiva das atividades realizadas	39
3.2 Análise dos resultados do 1.º questionário de auto avaliação sobre a ilustração	107
3.3 Análise dos resultados do 2.º questionário de auto avaliação sobre a ilustração	109
4. Conclusão, limitações e recomendações	116
Referências Bibliográficas	121
Anexos	127

ABREVIATURAS E SIGLAS

BD – Banda Desenhada

EVT – Educação Visual e Tecnológica

NEE – Necessidades Educativas Especiais

LISTA DE QUADROS

Quadro 3.1.1 - Fases dos momentos realizados	40
Quadro 3.3.1 - Parâmetros para avaliar os alunos	113
Quadro 3.3.2 - Avaliação realizada por mim no final do 1.º e do 2.º momento de avaliação das ilustrações.....	114

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 3.1.1 - Ilustração da aluna A na 1.º fase do estudo	42
Ilustração 3.1.2 - Desenho da aluna A na 2.º fase do estudo.....	43
Ilustração 3.1.3 – Desenho da aluna A na 2.º fase do estudo	44
Ilustração 3.1.4 - Desenho da aluna B na 1.º fase do estudo	45
Ilustração 3.1.5 - Desenho da aluna B na 2.º fase do estudo	46
Ilustração 3.1.6 - Desenho da aluna B na 2.º fase do estudo	47
Ilustração 3.1.7 - Desenho da aluna C na 1.º fase do estudo	48
Ilustração 3.1.8 - Desenho da aluna C na 2.º fase do estudo	49
Ilustração 3.1.9 - Desenho da aluna C.....	50
Ilustração 3.1.10 - Desenho do aluno D na 1.º fase do estudo	51
Ilustração 3.1.11 - Desenho do aluno D na 2.º fase do estudo.....	52
Ilustração 3.1.12 - Desenho da aluna E na 1.º fase do estudo	53
Ilustração 3.1.13 - Desenho do aluno E na 2.º fase do estudo.....	54
Ilustração 3.1.14 - Desenho da aluna E na 2.º fase do estudo	55
Ilustração 3.1.15 - Desenho da aluna F na 1.º fase do estudo	56
Ilustração 3.1.16 - Desenho da aluna F na 2.º fase do estudo	57
Ilustração 3.1.17 - Desenho do aluno F na 2.º fase do estudo	58
Ilustração 3.1.17 - Desenho do aluno F na 2.º fase do estudo	58
Ilustração 3.1.18 - Desenho do aluno G na 1.º fase do estudo	59
Ilustração 3.1.19 - Desenho do aluno G na 1.º fase do estudo	60
Ilustração 3.1.20 - Desenho do aluno G na 1.º fase do estudo	61
Ilustração 3.1.21 - Desenho do aluno H na 2.º fase do estudo	62
Ilustração 3.1.22 - 2.º Desenho do aluno H na 2.º fase do estudo	63
Ilustração 3.1.23 - Desenho do I na 1.º fase do estudo.....	64
Ilustração 3.1.24 - 1.º Desenho na 2.º fase do estudo do aluno I.....	65
Ilustração 3.1.25 - 2.º Desenho na 2.º fase do estudo do aluno I.....	67
Ilustração 3.1.26 - Desenho do aluno J na 1.º fase do estudo.....	68
Ilustração 3.1.27 - 2.º Desenho na 2.º fase do estudo do aluno J.....	69
Ilustração 3.1.28 - 2.º Desenho na 2.º fase do estudo do aluno J.....	70
Ilustração 3.1.29 - Desenho da aluna L na 1.º fase do estudo	71
Ilustração 3.1.30 - 1.º Desenho da aluna L 2.º fase do estudo.....	72
Ilustração 3.1.31 - 2.º Desenho da aluna L na 2.º fase do estudo	73
Ilustração 3.1.32 - Desenho do aluno M na 1.º fase do estudo.....	74
Ilustração 3.1.33 - 2.º Desenho do aluno M na 2.º fase do estudo.....	75
Ilustração 3.1.34 - 3.º Desenho do aluno M na 2.º fase do estudo.....	76

Ilustração 3.1.35 - Desenho do aluno N na 1.º fase do estudo	77
Ilustração 3.1.36 - 1.ºDesenho do aluno N na 2º fase do estudo	78
Ilustração 3.1.37 - 2.ºDesenho do aluno N na 2º fase do estudo	79
Ilustração 3.1.38 Desenho do aluno O na 1.º fase do estudo.....	80
Ilustração 3.1.39 - 1.º Desenho do aluno O na 2º fase do estudo	81
Ilustração 3.1.40 - 2.ºDesenho do aluno O na 2º fase do estudo	82
Ilustração 3.1.41 - Desenho da aluna P na 1º fase do estudo	83
Ilustração 3.1.42 - 1.º Desenho da aluna P na 2º fase do estudo	83
Ilustração 3.1.43 - 2.ºDesenho da aluna P na 2º fase do estudo	84
Ilustração 3.1.44 - Desenho da aluna Q na 1º fase do estudo.....	86
Ilustração 3.1.45 - 1.ºDesenho da aluna Q na 2º fase do estudo.....	87
Ilustração 3.1.46 - 2.ºDesenho da aluna Q na 2º fase do estudo.....	88
Ilustração 3.1.47 - 1.ºDesenho do aluno R na 1º fase do estudo	89
Ilustração 3.1.48 - 1.ºDesenho do aluno R na 2º fase do estudo	89
Ilustração 3.1.49 - 2.º Desenho do aluno R na 2º fase do estudo	90
Ilustração 3.1.50 - 1.ºDesenho do aluno S na 1º fase do estudo.....	91
Ilustração 3.1.51 - 1.ºDesenho do aluno S na 2º fase do estudo.....	92
Ilustração 3.1.52 - 2ºDesenho do aluno S na 2º fase do estudo.....	93
Ilustração 3.1.53 - 1.ºDesenho do aluno T na 1º fase do estudo.....	94
Ilustração 3.1.54 - 1.ºDesenho do aluno T na 2º fase do estudo.....	95
Ilustração 3.1.55 - 2.ºDesenho do aluno T na 2º fase do estudo.....	96
Ilustração 3.1.56 - 1.ºDesenho da aluna U na 1º fase do estudo.....	97
Ilustração 3.1.57 - 1ºDesenho da aluna U na 2º fase do estudo.....	98
Ilustração 3.1.58 - 2.ºDesenho da aluna U na 2º fase do estudo.....	99
Ilustração 3.1.59 - 1.ºDesenho do aluno V na 1º fase do estudo	100
Ilustração 3.1.60 - 1.ºDesenho do aluno V na 2º fase do estudo	101
Ilustração 3.1.61 - 2.ºDesenho do aluno V na 2º fase do estudo	102
Ilustração 3.1.62 - 1.ºDesenho do aluno X na 1º fase do estudo	103
Ilustração 3.1.63 - 2.ºDesenho do aluno X na 2º fase do estudo	104
Ilustração 3.1.64 - 2.ºDesenho do aluno X na 2º fase do estudo	105

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 3.1 - Distribuição dos alunos por Idades e Sexo	39
Gráfico 3.3.1 - Dados do 1.º e do 2.º Inquérito aplicado aos alunos	110
Gráfico 3.3.2 - Dados do 2.º Inquérito aplicado aos alunos	111
Gráfico 3.3.3 - Auto avaliação efectuada pelos alunos em relação às suas ilustrações. No segundo inquérito que efetuaram.....	112
Gráfico 3.3.4 - Evolução dos alunos de acordo com os parâmetros de avaliação estipulados	114

Introdução

Esta investigação insere-se no âmbito do Mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico, com vista à aplicação de um método de investigação em forma de estudo de caso numa turma na área de Educação Visual e Tecnológica (EVT).

O estudo integra os alunos que frequentam o 6º ano de escolaridade, de uma escola do distrito de Braga. Sendo de carácter pouco abrangente, em termos de amostra, o estudo, compreende a análise de trabalhos gráficos pedidos e os questionários aplicados para este efeito, aos alunos.

Assim, este trabalho tem um carácter exploratório e auto refletivo e o seu objeto de estudo é sobre as capacidades interpretativas das crianças na forma como ilustram uma história. Através das imagens, pretende-se estudar o impulso criativo, tendo como suporte a imaginação e a memória relativamente à forma como a criança descreve e ilustra as suas ideias.

O tema surge do interessa da investigadora em fundamentar que a arte de desenhar está inerente à fantasia e à imaginação, sendo estes elementos fundamentais para uma real aprendizagem, que pode ter impulso nas histórias, uma vez que, estas são por vezes uma fonte criativa. Ver nas histórias um trampolim para a criatividade ou a magia de podermos ser quem quisermos.

A criatividade é uma das qualidades essenciais do ser humano, pensa-se que todas as pessoas são criativas em maior ou menor medida.

“As imagens são de grande importância para o conhecimento do mundo e para a descodificação do texto escrito, são necessários critérios de rigor para a escolha de livros que contenha ilustrações de qualidade plástica permitindo uma fruição estética e acabando com a ditadura das imagens Disney.” (Veloso, 2001:22)

Se estimulando os sentidos, visual e o auditivo, proporcionando à criança histórias fabulosas, juntamente com imagens ilustradas, ricas em cores e personagens fantásticos, estaremos a preparar um terreno fértil e abundante em criatividade ou será simplesmente educá-las?

Valorizar a criatividade é muito importante, aumenta a autoestima e encoraja a tentar de novo. A criança poderá entregar-se com espontaneidade às atividades criadoras é o chamado

impulso criativo, ingênuo mas igual ao de um artista para que nasça a obra de arte. Para assim se poder criar fluidez e desinibição, propiciando condições favoráveis, como o acaso, o impensado, o natural, o deixar acontecer, e o porque sim.

O desenho, envolto de criatividade, bebendo nas águas suculentas das letras dos livros. O texto, um mar de palavras, que nos levam para realidades desconhecidas e nos alimentam as ideias.

Ler é um prazer que assiste a qualquer um, podemos colecionar livros, como objetos de desejo, com enredos de sonhos fantasiosos, que a nós leitores se revelam em saborosas teias repletas de coordenadas, que caracterizam cada escrita, tendo na ilustração verosimilhança, ancorada a uma relação de rutura ou conciliação.

Assim, espero que este trabalho contribua para uma melhor valorização do ato criativo e fomenta o recurso aos livros como motor sugestivo do instinto criador. Acima de tudo, possa contribuir para uma melhoria das práticas, para melhor formar o indivíduo, como estratégia de desenvolvimento pessoal e profissional, integrada no processo de investigação ação, que promoveu a minha reflexão sobre novas formas, novas abordagens metodológicas, nas atividades educativas.

Os objetivos centrais das aulas teórico-práticas são desenvolver as competências no âmbito da ilustração, experimentando diferentes métodos de representação plástica, variando as técnicas e os meios, com os diversos suportes e materiais. Procura-se nos registos dos alunos, ideias que possam ser transpostas para uma forma figurativa, sendo a imagem uma encenação do imaginário.

A minha investigação está dividida em três grandes partes.

Na primeira parte expondo as razões do tema do meu estágio, assim como as finalidades do estudo e a forma como abordei a temática junto dos alunos.

Na segunda parte coloco uma explicação pormenorizada da metodologia utilizada ao longo do estudo, nomeadamente, a estratégia de ensino/aprendizagem utilizada ao longo do estágio, e o método de avaliação final, assim como os recursos utilizados,

Na terceira fase e última apresento dos resultados obtidos ao longo do estágio e a sua análise. Os dados recolhidos foram obtidos através de observações das ilustrações realizadas pelos alunos assim como os questionários de autoavaliação. Ainda nesta fase apresento as principais conclusões do meu estudo e exponho algumas lacunas que poderiam ter sido contornadas.

CAPITULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 Caracterização do meio/escola

“O agrupamento de Escolas Nogueira, foi constituído em 2001, com sede na Escola EB2-3 de Nogueira, criada em 1994. A escola EB2/3 de Nogueira tem 816 alunos, 92 professores e 34 funcionários. O horário letivo desta escola é dividido em dois turnos, de manhã e de tarde, desenvolvendo cada um deles, em blocos de 90 minutos.” (A.E.N.;2001/2009)

1.2 Caracterização do Público – alvo

A turma que observei é “uma turma constituída por vinte e dois alunos do 6º ano de escolaridade, maioritariamente do sexo masculino, ou seja nove meninas e treze rapazes. As suas idades variam entre os dez anos e os doze anos.

Entre os alunos vinte e dois alunos, um tem Necessidades Educativas Especiais (NEE), caracterizado como aluno NEE, tem currículo adaptado.

De uma forma geral, os alunos são provenientes de famílias com um nível sócio - económico e cultural médio.

As dificuldades gerais da turma são a desconcentração e a atenção, assim como a dificuldade em interiorizar regras de comportamento. São no entanto, alunos assíduos, colaboradores, aceitam todas as propostas trabalhando com interesse, são unidos e ajudam-se mutuamente. Estão sempre atentos a possíveis problemas que possam surgir entre os colegas de turma tentando resolvê-los em conjunto ou com a ajuda da Diretora de Turma. Estão sensibilizados para o uso das novas tecnologias de informação e comunicação.”(A.E.N.;2001/2009)

1.3 Contextualização da prática de ensino supervisionada

O estágio na EB 2/3 de Nogueira, teve início a 26 de Outubro de 2010, e decorreu até ao final do 3º período, estruturado em duas partes:

-Observação de Práticas da Educação;

- Intervenção Pedagógica;

O módulo de prática de ensino supervisionada, tem como pano de fundo, estratégias para a resolução de problemas detetados na turma, com a qual desenvolvemos a nossa investigação.

Cabe ao observador ir reunindo questões colocadas em tempo real, para as quais se possa desenvolver estratégias, para colmatar dúvidas, estando esta observação relacionada com os moldes em que a investigação é levada a cabo.

Ressalve-se que pelo fato de a amostra ser muito pequena, não é representativa da realidade, por esse motivo as conclusões, não podem ser generalizadas.

Procura-se desenvolver novas competências no âmbito da ilustração, que pretende cruzar linguagens inerentes a outros campos do conhecimento e a outros modos do fazer, experimentando diferentes métodos de representação plástica, variando os meios e as técnicas no confronto com os diversos suportes e materiais. O aluno deverá recorrer às formas expressivas de representação como uma opção de linguagem narrativa.

Não posso deixar de referir a importância do texto como factor impulsionador do gesto de inventar, pois acredito que a leitura é uma “bengala” para a fluir ideias no ato de desenhar.

1.4 O impulso criativo na ilustração, inspirado nas palavras.

Vivemos cercados por uma efervescência de imagens e ideias, somos recetores de um universo visual, povoado de estímulos que nos envolvem e fascinam.

É o gosto pela ilustração de livros infantis, que gostaria que transparecesse nas minhas intenções e que se evidenciasse na estrutura e exploração deliberada deste trabalho.

Nesta indagação, procura-se a reflexão sobre a diversidade criativa, numa estratégia processual de tentar compreender realidades que nunca podem ser capturadas, mas controladas por possíveis estímulos, que cruzam um ímpeto intuitivo da ilustração, com as mais variáveis leituras que um texto possa ter. Tal como afirma Aenheim, (2007:91)

“na melhor das hipóteses, o artista é capaz de “melhorar” a realidade ou enriquecê-la com produtos da fantasia, omitindo ou acrescentando detalhes, selecionando exemplos adequados, reorganizando a ordem dada das coisas.”

Assim, tentarei escrever o que entendo por criatividade, estímulos criativos, relações entre as histórias e a imaginação, sistematizando depois alguns conceitos.

No confronto entre a história e a ilustração, desnudando frases lançadas para a escrita, que ancoradas a imagens de lugares interiores, revelam galerias de afetos, gostos e emoções, transformando os livros em puros objetos de desejo.

Numa estreita ligação da ficção com as verdades, que vigoram em mundos paralelos, no renovado interesse pela forma literária do conto.

Procura-se relações de causa-efeito, entre a força das palavras e o ímpeto criativo, que leva a ilustração à sua ampla conceção estética. *“A complementaridade das imagens e das palavras reside também do facto de elas se alimentarem umas das outras.”* (Joly, 2008:141)

O Desenho, está para a criação, como meio de alargamento da consciência de si (Rodrigues, 2010), este estudo é assim composto por duas fases, a primeira, relativa à apresentação de vários autores que nas suas obras se debruçaram sobre a relação entre texto e imagem, sobre o ato de desenhar, sobre a criação, sobre o processo criativo, sobre a arte de contar histórias, tanto por texto como por imagens e à de outros autores que procurem entender os fenómenos de natureza criativa.

Será este tipo de leituras que me interessam para confronto com as minhas ideias e debate com a minha conclusão ou simplesmente, fundamentar as minhas ideias.

A segunda parte será o debate desses pensamentos com a análise de dados e a conclusão.

O que leva um ilustrador a tornar visível a história que leu?

Já ouvimos dizer por diversas vezes, que quando lemos um livro e depois vemos o filme, que todo o imaginário suscitado pelo livro, na nossa cabeça, fez-nos criar um perfil de personagens, de ambiências, possivelmente relacionadas com as nossas vivências e experiências, mas quando deparamos com o filme, provavelmente estranhámos, pois para nós por certo aquele homem rude e rebelde da história que lemos, nunca teria aquele casaco, nem seria assim magro e ruivo como o da fita. Pois, mas quem teve a iniciativa de levar o livro ao grande ecrã, tem liberdade interpretativa, se fossemos nós, faríamos de outra forma, é por isso que os livros são tão ricos, pois potenciam estas diferentes interpretações.

Quanto mais expressivo e fecundo for o texto, isto na minha experiência, mais privilegia o insight criativo. Como um terreno fértil, para recriar em cima do já por si sugestivo e fecundo barro do oleiro.

“A palavra *insight*, como tem sido utilizada, é uma tradução inglesa para o conceito expresso em alemão como *Einsicht* ou *Einblick*, que seria traduzido literalmente para o português como *visão interna* ou *introvisão*” (Cabral; 2003:159). Segundo Mello (2001:90):

“O seu significado uniria *visão* e *intuição*, o sentido da *visão* somado a uma *apreensão direta da realidade*, como *ver e sentir pela apreensão dos sentidos sem passar pelo raciocínio, pelo intelecto*. Observa-se que o conceito de *insight* tem sido continuamente associado a momentos internos de *síntese*, quando o indivíduo tem uma *visão interior* e a *solução para um problema lhe aparece de repente*.”

Procurando a singularidade, a originalidade, sacrificando as horas, em torno do momento certo, dando espaço, sustentando a respiração, deixando-se levar pelo instinto, confiando no acaso, esse é o momento, a arrepiante brisa, que nos encoraja a arriscar. Que nos atraí para o instante mágico, do ato criativo. Como se um texto rasgasse caminhos de estranha lucidez, como nos sonhos e nos deparássemos com novas realidades, sem as estranhar, levando-as ao registo por reflexo, do nosso pensamento, numas frações de segundo. O desenho aparece neste contexto como elemento criador, permitindo libertar a mente para exponenciais soluções que provêm desse imaginário interno (Rodrigues, 2010).

O enquadramento cénico, a originalidade das composições, a qualidade do desenho, a expressão dos personagens, os ambientes envolventes, o modo de traduzir elementos descritivos, simbólicos e sentidos, um discurso estilístico autónomo, são ingredientes da ilustração, na tentativa de conciliar a arte das palavras, com a arte das imagens, terminando com a possibilidade de o leitor interagir com a obra. “... *as palavras e as imagens estão ligadas,...* , *alimentam-se exaltam-se mutuamente. ...quanto mais trabalhamos sobre as imagens mais amamos as palavras.*” (Joly, 2008:154).

Dar às palavras, extensões físicas delas mesmas, ligando-as ao palpável e tangível, como alguém detentor de um poder de visão, capaz de ver o que outros não vêem e ainda traduzir em signos, o lado de lá, dos livros escritos.

Como meio de transporte, que rasga percursos de caminhos criativos, em regiões mentais inexploradas como nos sonhos, assim é a palavra (Velo, 2001).

Um livro ilustrado é um somar de camadas inventivas sobre camadas inventivas, ampliando visões de personagens impossíveis, paisagens atípicas, para olhares comuns. Numa revelação intramundana, transformando a ilusão em mito consciente, destituído de sentido, abrindo a possibilidade de inventar uma verdade, só possível noutras esferas. Esferas circunscritas à ficção, que para Oliveira constituem o cerne da ilustração, segundo o qual “a

ilustração começa no ponto em que o alcance literário do texto termina, e vice-versa.”
(2008:44)

O texto puxa a imagem, mas hoje em dia as imagens também desafiam o texto. Um texto pode ser o mote da ilustração, como a ilustração pode inspirar o texto e como ainda se podem fazer trabalhos em conjunto por etapas, que o livro vai nascendo da combinação sucessiva da palavra com a imagem, sendo um trabalho de equipa, não deixando de referir que também como todos sabemos há livros sem imagem e livros sem texto e apenas com ilustração. E também há histórias de boca em boca, sem livro ou desenhos, encarnadas nas velhas contadoras de histórias.

“ Contar e ouvir histórias poderá aproximar-se do ato da magia, capaz de maravilhar as crianças, ...O imaginário que os contos oferecem faz com que se possa descobrir segredos, quer acerca de nós próprios quer acerca dos personagens que possam habitar a imaginação de cada um.”(Sousa, 2000:21)

No exercício de contar uma história, dando um sentido às palavras, como forma de ordenar a vida, assim o fingimento, será a única coisa que se pode controlar, deixando contar o mundo como nos apetece. Tramas que nos envolvem e que só nós conseguimos separar, na última página de um livro. Mas a criatividade bebe as palavras escritas e as histórias contadas, como traves mestras da ilustração, onde os criadores dão forma aos enigmas, que vivem nas pontas soltas dos textos. No diálogo entre o palpável e o invisível, na introspeção quente das ideias. Como se as palavras precisassem de ser limpas, para o ilustrador as purificar. Um abrigo ao imaginário, que assumidamente molda um discurso de inegável sedução, sufocando as palavras dentro das imagens.

A tradição de contar histórias, tem vindo a perder-se, já poucos sabem lengalengas, para contar às crianças. Poucas, são as mães, que cantam aos filhos, canções de embalar. Onde estão as avós sentadas à lareira, prendendo a atenção dos netos com contos que passam de geração em geração? As crianças de hoje, pouco tempo dão à contemplação e fruição, mas depende muito do adulto, saber cativar-lhes essa atenção, tornar-se apelativo. Contar histórias é a arte de improvisar, nunca se contam com as mesmas palavras, nem saem da mesma maneira. Recorre-se à teatralidade, para enfatizar os sentimentos. É o poder da palavra, mais o ênfase que lhe é dado, para ficar no ouvido, ao orador, resta ser ele a própria ilustração, para tornar visível a sequência de ações, que perpetuam na sua memória. Porque a memória pertence a todos que nela vivem.

Segundo a perspectiva de Godinho (2004), há no prazer de ouvir histórias, (um querer viajar nas palavras), uma inerente intenção de fertilizar a imaginação, potencializar a capacidade de sonhar, e reacender memórias.

Mas ilustrar, é simplesmente uma outra maneira de contar uma história, pontuando o texto, reforçando ideias, tornando a leitura absorvente.

A força e a potencialidade narrativa da ilustração, vive nos livros de imagens, onde as ilustrações, assumem comando. Mas, até mesmo as ilustrações descritivas, nos transportam para realidades paralelas à do texto. Há todo um mérito, mesmo no caso de apenas lhe ser atribuído um papel decorativo e secundário, isso não põe em causa a sua importância ou competência, pois insere-se numa das tantas funções do ato de ilustrar.

A passividade, no entanto, é de todo a pior presença, procura-se na recriação alimentar a magia, a alienação, não repetir-se as palavras, como redundâncias inexpressivas, que nada trazem de novo, para isso as palavras bastam.

Um livro ilustrado forma o gosto, por poder ser um objeto artístico determinante, estimula a criatividade, educa o sentido estético e a sensibilidade, potenciando vocações, ampliando a consciência visual do meio envolvente. Nele se refletem, diversos e variáveis estilos artísticos.

“Claro que é muito importante que os livros de literatura para a infância, ilustrados, tenham uma boa qualidade estética, não tanto para que as crianças aprendam a reconhecê-la, mas sim, e principalmente, para que os adultos ... se vão familiarizando com ela. Se os padrões estéticos dos pais são débeis, são pouco consistentes, serão assim os das crianças, por mais imagens esteticamente perfeitas que lhe mostrem e/ou ponham à disposição. É em casa, através da família e do seu quotidiano, mais do que em qualquer outro sítio, que se criam e se aprendem as regras estéticas a que cada criança vai aderir.” (Coquet, 2004).

Um livro comporta em si, condicionantes opções técnicas e gráficas, que o definem, e definitivamente ampliam o efeito final.

Quando tenho que ilustrar um livro, um texto, ou uma capa, tenho sempre a necessidade de consultar novos trabalhos de ilustração, ver as tendências, consumir imagens, em suma, ir beber noutros livros o que para mim me interessa, dentro das minhas opções estilísticas, contemporâneas, paletas de cores, tipos de traço, em suma o melhor do que se tem feito, por outras *palavras*

“toda a gente sabe, que somos constituídos por recordações de imagens, para as quais a experiência nos remete, como por recordações de experiências para as quais as imagens nos remetem.” (Joly,2008:154).

Isto é extremamente importante para iniciar qualquer trabalho criativo, pois ou se cai no muito visto, ou se traz algo de novo. E para um ilustrador, mais necessário ainda, é ter um cunho próprio, que o identifique, que o caracterize. Isto é essencial e exige método, profissionalismo. Assim, as ilustrações, são como um veículo que irrompe por oscilantes percursos, submetendo a fantasia das histórias a uma sabedora transmutação em arte. Tal como afirma Malrieu (1996: 231)

“por intermédio das correspondências que estabelecem, as ficções constituem um fenómeno precursor da analogia. Elas introduzem a referência a um modelo, e submetem-lhe a motricidade, favorecendo assim o sentido da regra, essencial à atividade intelectual”.

No exercício de saber se algo tão vago ou sugestivo como o título de um livro, sem nenhum sustento teórico, sem nenhum contacto com o que se faz e o que se fez na ilustração ao longo dos anos, será suficiente para desenvolver uma ilustração interpretativa? Ou se o conhecimento, a investigação, o contacto com exemplos de ilustrações associado à leitura de um texto sugestivo, será trampolim para o desenvolvimento da criatividade? Muitas pessoas, são criativas já por si, conseguem com pouco material desenvolver bastante as suas narrativas visuais, isto no que respeita à ilustração, mas ajuda muito um texto apurado em estímulos e devaneios.

Aferir se um aluno, poderá ser capaz de parar, para observar o meio envolvente, se pormenoriza ou dirige o olhar e se é capaz de construir uma memória visual, a cada dia que passa, com o que vai retendo, como um álbum de sensações e conhecimento estético geral. Procurando libertar os alunos de expressões estereotipadas, de símbolos prontos a serem evocados como bengalas de expressão. A ideia de casa, ideia de sol, ideia de nariz, ideia de corpo, ideia de mãos, para se desenhar o que se sabe e não o que se vê. Exercícios que se destinam a expandir o poder de percepção propício à criatividade.

Desenhar favorece a imergência de imagens na nossa cabeça, quer sejam apenas neuronais, ou a nível sensorial, quer no grau de memória, ou mesmo que sejam inventadas.

O ato criativo no desenho potencia a criação ao nível das imagens mentais, criando assim novas imagens, ou ao nível da imaginação criadora, inventando representações mentais de carácter percentual. A imaginação pode ser vista como um resultado de uma interligação entre o consciente e o inconsciente, como refere Freud, capaz de criar novas linguagens.

O desenho de ilustração sustenta-se de símbolos, que se espelham em metáforas ou alegorias, que vêm a lume, desvendando segredos do «segundo mundo» como dizem os

especialistas. No domínio da técnica, no domínio da cor, no domínio do espaço, por outras palavras, na arte de recriar e conduzir uma história. A capacidade notável de nos por a ver o mundo de outra maneira, criando uma nova ordem, percecionando figuras ocultas, por de trás da narrativa, desvendando uma sequência de imagens com alto poder de sedução.

Em ambiências idealizadas, que criam no leitor, prazer, sonho e evasão, os contos profusamente ilustrados, expressam registos plásticos e pictóricos de grande impacto visual. Tal como o conhecimento em relação à cultura geral, as sensações que tenhamos tido com determinadas obras de arte, sítios, músicas e até filmes, vão construindo em nós saberes, que nos permitem tomar opções em certas alturas, com conhecimento de causa e alguma autoridade sobre a matéria, uma vez que, fruímos ou participamos da intimidade desses "objetos".

Só com a atitude de aprendiz, que por muito querer e pela discência com os grandes mestres, se pode mais tarde arriscar criar algo novo e pessoal, único. Isto de saber fazer pode já nascer com cada individuo, a chamada pré-disposição, como se pode aprender, pois como tudo, não basta só ter aptidão, mas estar com a mente aberta para absorver conhecimento. Parafraseando Rodrigues (2010:125):

“ A experiência permite ao individuo aprender a lidar com problemas para os quais terá de tomar decisões/ opções. Essa sua disposição para agir, com uma certa capacidade de optar, fica memorizada, de tal forma que, em circunstâncias afins, o individuo, sem esforço e sem consciência terá a capacidade de gerir os conflitos tomando as decisões que venham a ter consequências mais positivas para ele.”

Se olhar para trás, consigo ver-me desde criança a desenhar como uma necessidade. Como se o meu raciocínio não se processasse em palavras mas em imagens. *“...Todos nós observamos o que nos rodeia com maior ou menor interesse, com maior ou menor atenção, com maior ou menor análise.”* (Rodrigues, 2010:124). Temos interesses dirigidos, que nos despertam os sentidos, pelas mais diversas razões, naturalmente tendenciosas. Os nossos olhares procuram aquilo em que nos sentimos confortáveis, influenciados por uma educação estética muitas vezes direcionada, que molda as nossas preferências, orientando-nos em atitudes contemplativas. Assim, inconscientemente só observamos aquilo que nos desperta os sentidos, gravando na memória “imagens de bolso”, para a elas recorrermos, como um disco rígido de computador.

Há coisas que só se podem dizer através do desenho e da poesia, na experiência do sensível, na reserva das palavras, nas expressões do desejo.

A maneira como traçamos os nossos percursos, definem o resultado do nosso trabalho, onde a dedicação é um passo para o domínio do sucesso dos nossos objetivos. Há um processo para aprender a desenhar, que exige dedicação, disciplina pessoal, sentimos que estamos sempre a evoluir, sem nunca estarmos satisfeitos. E há o momento em que descobrimos o nosso estilo, ficando perto de controlar o que queremos, ganhando confiança para continuar a desenvolver essa atividade.

Para alguns, desenhar é fácil, a capacidade de desenhar está na maneira como se vê o mundo, mas é preciso estabelecer condições e coordenar estratégias, num processo de introspeção.

“... dada a sua estreita relação com a representação mental da imagem, o desenho, além dessas características, remete-nos para uma aprendizagem evolutiva da percepção visual, da capacidade de resolver problemas de composição, da intuição das proporções ou destrezas do gesto. (Rodrigues, 2010:128)

Isto não acontece só com o desenho ou arte, atrevo-me a dizer que acontece também com os atletas, que só com muito treino conseguem ser os primeiros a cortar a meta, assim como na música, que pude observar, que só as muitas horas de estudo e ensaios consecutivos, jovens aspirantes, conseguem compor mais tarde a sua própria sinfonia.

A ilustração pressupõe assim, domínio técnico, conhecimento estético, experiência de observação e domínio criativo, para desafiar a originalidade.

O desenho de memória pode levar-nos a recriar o que vemos, mas retratar é desenhar o que temos à nossa frente, podendo obviamente atribuir um cunho pessoal à forma como pegamos no lápis. Isto é um simples mas poderoso exercício de aprendizagem do ver. Como treinar os olhos, a parar e guardar o que se observa, para mais tarde se poder compreender a leitura atenta que se praticou. Rodrigues questiona se:

“será o desenho redutível à relação da mão com um instrumento e um papel?” acrescentando “se assim fosse estar-se ia atribuir um carácter mecânico ao ato de desenhar, quando na verdade, o desenho é também um ato mental.” (Rodrigues, 2010:24)

Se eu nunca for levada a parar e olhar o meio envolvente, nunca saberei ao certo desenhar uma paisagem de memória, assim se me pedirem um desenho livre, como poderei recriar um espaço exterior, se nunca representei nenhum antes.

“A criação não é mecânica: envolve pelo contrário as idiosincrasias (temperamentos) do autor, e estas só se constroem na relação do homem com o mundo que o rodeia. Uma vez que o desenho incita o autor a uma atenção deliberada e consciente em relação ao seu exterior-seja este o próprio desenho, seja o que serve de referencia para o fazer, isto é, tudo o que está fora de si próprio”. (Rodrigues, 2010:14)

Mas, desenhar também se aprende, embora uns tenham mais apetências para umas áreas do que para outras, no entanto, há sempre regras, maneiras formatadas de melhor fazer, que possibilitam e dão ferramentas a qualquer pessoa para que possa vir a desenhar relativamente bem. Massironi dizia *“No momento em que as estimulações visivas do desenho mimam as provenientes de uma hipotética realidade,...,somos arrastados pela cerrada lógica da representação”* (2010:70)

O desenho sem prática de observação, corre o risco de desenvolver vícios que bloqueiam a visão.

É difícil afastar as ideias preconcebidas que se sobrepõem entre aquilo que vemos de facto e aquilo que já conhecemos sobre o que estamos a ver e que sempre interfere, *“os desatentos, são incapazes de dominar a triagem dos estímulos...”* (Gil,2011:101).

Exercícios que se destinam a expandir o sentido de perceção, aumentam a capacidade de ver, e a prática familiariza-nos com o nosso lado de dentro, onde se guarda o conhecimento sem abdicar de produzir ilusões. O importante é ver, mas ver de determinada maneira. No mais secreto rumo do sentir, o desenho é assim também um jogo do acaso, que joga nos interstícios de belos dizeres.

Segundo Rodrigues (2003), a nossa capacidade de imaginar, permite representar a realidade, através de imagens trabalhadas a partir de produtos figurativos mentais, sem necessidade que existam concretamente.

No território da ilustração, o desenho necessita de atravessar a desordem «mental» instaurada pelo texto. O acaso pode ser o ingrediente necessário de procura da criação, como uma armadilha que se torna num convite.

Um emaranhado de possibilidades ou vias de acesso, que a ilustração possibilita, abrindo portas sobre portas, para a imaginação. Esta apenas pede uma mente e um olhar sedentos, para viagem dos sentidos. O outro lado da linguagem, falando pelo meio das sombras, onde o sonho é a verdade. Na experiência do sensível, em torno de um tema.

Se nos abstrairmos um pouco nas palavras de um texto, podemos perder-nos na fantasia, nos veios ou vias que nos sugerem outras motivações, deixar que tudo nos remeta para um

campo de possibilidades, elementos que ali se inscrevem e se deixam revelar nas entrelinhas, assim faz um ilustrador, abstrai-se, revelando nos seus registos, todo o seu íntimo.

O desenho não é em si, representa, existe enquanto fase do processo mental que o gera, pois de contrário, o desenho é só parcialmente existente. Paul Klee referia que, “*desenhar é levar uma linha a dar um passeio.*” (Brandão, 2005:75)

Dar visibilidade à palavra imanada pelo texto, num olhar renovado sobre as coisas, convidando o leitor a encontrar outros sentidos nas palavras e nas imagens. “*O imaginário inicia-se a propósito do estímulo.*”(Maltieu,1996:115).

Toda a criação plástica, compreende estratégias de captação e associação de imagens, que se esgotam na leitura de um texto, como tráfico de linguagens contrapostas, numa apropriação quase indevida do pensamento do artista, arrastado para o lado visível, essa sua intimidade.

“*Se, mostrando uma ilustração a uma pessoa lhe perguntarmos: O que é isto?, a resposta será: » É um cavalo«(...) e não «isto é um desenho» de um cavalo, respetivamente.*” (Massironi, 2010:72).

A ilustração requer uma feroz capacidade inventiva, que nas palavras de Maltieu, (1996:23)

“*a fantasia é a faculdade mais livre de todas as outras. Com efeito, ela pode até nem ter em conta a viabilidade ou o funcionamento daquilo que pensou. É livre de pensar a coisa que quiser, até a mais absurda, incrível ou impossível.*”

O escritor põe por escrito a linguagem que o habita, estruturando enredos que nos brindam com personagens recortadas das histórias imaginadas. Para Ponty (2009:24)

“*a palavra imagem tem má fama porque se acreditou irrefletidamente que um desenho, era um decalque, uma cópia, uma segunda coisa, e a imagem mental um desenho desse género no nosso bazar privado*”.

O ilustrador acrescenta à história, detalhes repescados do quotidiano, para dentro das páginas, com as mais variáveis abordagens, para as mais variáveis leituras. Assim nas palavras do mesmo autor “*as imagens e as palavras formam-se na cabeça, ao serem pensadas, ao serem sentidas e nesse momento, elas são «vistas» como se o nosso espírito tivesse olhos*” (Ponty, 2009:25)

As ilustrações são neste contexto, um veículo que irrompe por oscilantes percursos.

Cada um, ao expor o que tem de mais íntimo, levanta o véu da sua identidade e revela-o nas imagens que explicita nos seus trabalhos. *“O olho vê o mundo, e aquilo que falta ao mundo para ser quadro, e o que falta ao quadro para ser ele próprio...”* (Ponty, 2009:26).

A realidade da nossa cabeça pode ser diferente das coisas que existem, na ilustração inventa-se ou se retrata o que existe na natureza, no meio envolvente, embora se possa modificar, acrescentar, distorcer, pois transpor para o papel os sonhos é uma particular vantagem de afortunados “poetas visuais”. *“...O pintor seja ele quem for, enquanto pinta, pratica uma teoria mágica da visão.”* (Ponty, 2009:27)

Arnheim (2007:17) diz, *“longe de ser um registo mecânico de elementos sensoriais, a visão prova ser uma apreensão verdadeiramente criadora da realidade – imaginativa, inventiva, perspicaz e bela”*.

Leon Battista Alberti diz que a imagem visual é um quadro, só acessível através da visão, *“as coisas que não podemos ver, ninguém negará que elas não pertencem ao pintor. O pintor só se esforça por representar aquilo que vê.”* (Gomes, 2007:92)

Mas um dos ingredientes indispensáveis é a criatividade, um apontamento de loucura, com um bocado de sonhos, misturando com o nosso lado de dentro e se possível, um pouco de humor. *“O imaginário é, assim, sentido como uma experiência de si mesmo; deixa sempre atrás de si – sonho, leitura de um conto, visão de um espetáculo.”* (Malrieu:1996:116). Assim, e segundo Malrieu, posso dizer que a história é um estímulo para a criatividade. As ilustrações surgiram por intermédio de um texto, penso que, o facto de os alunos terem contactado com alguns autores através das suas produções plásticas, e experiencializado algumas técnicas, foram traçando analogias às formas que percecionaram.

No entanto, gostar de ver e gostar de ler, são os dois lados de um instante mágico indispensáveis para uma predisposição artística, ingredientes para um possível ilustrador. É assim que a experiência visual se afigura sobretudo uma experiência representacional, já que ver, segundo vários autores (Capeloa, 2011; Wittgenstein 2003) é sobretudo interpretar.

Amar os livros, amar as imagens e apreciar o trabalho das pessoas criativas são palavras de ordem, para um criador de sonhos.

Nem sempre as histórias são contadas por palavras, as imagens constroem narrativas com uma linguagem própria. Estas imagens exigem mais que um lance de olhar para serem lidas.

O que é afinal ilustrar?

Ilustrar são maneiras de dizer, que só a ilustração permite. Todos sabemos ilustrar, temos de aprender a olhar para dentro. A nossa “vida interior”, está cheia de sensores, que

captam reflexos do mundo, como referiu Merlon Ponty na sua obra *“Diremos que há um olhar do interior, um terceiro olho que vê...as imagens mentais.”* (Ponty,1996:25). Ilustrar tem uma aura de fantástico, quase mágico, que só alguns têm a dádiva, porque em terra de cegos quem tem um olho é rei. Há imagens que pertencem e habitam o interior de cada indivíduo, expô-las é desvendar o indesvendável, por a nu a perturbação, um sonho, é ter coragem de exhibir o em muitos recalcado e atrever-se a deslumbrar quem as observa. Leonardo da Vinci (1452-1519) disse que o olho era a janela da alma, o órgão principal, por ele o entendimento podia ter a mais completa e magnífica visão das infinitas obras da natureza. O ilustrador é detentor poético do lado invisível das imagens, como se tivesse um olho a mais, destacando-o entre os pares .

Euclides dizia que para tocar o mundo a luz saía dos olhos, como dedos invisíveis. Assim as coisas eram palpáveis, os dedos percorriam as realidades sólidas e tangíveis, como uma outra forma de ver.

O processo criativo no decorrer da atividade expressiva, envolve, imaginação, talento, sensibilidade, e o desenho de ilustração, revela emoções, relativas ao estado de espírito, que resulta na percepção visual do autor em traduzir uma representação de uma ideia que lhe é extrínseca. Isto é, se existir motivação externa, que apele ao nosso sentido emotivo, o nosso comportamento, numa atividade de ação criativa, vai ser facilitado no processamento de imagens do nosso cérebro para o papel. Para José de Almada Negreiros o desenho é o nosso entendimento a captar o instante.

Os estímulos externos, neste caso a narrativa, desde que seja apta para lhe poder associar imagens, desde que, seja fértil no campo criativo, como um terreno à espera de ser cultivado, permitem a associação de imagens mentais logo possibilita o ato criativo traduzido nas ilustrações

“Olho para cima e vejo um pássaro sobre o ramo: enquanto mantiver os olhos na ave, o meu cérebro continua a registar um objeto percebido. Fecho os olhos, mas, se quiser, continuo a ver o pássaro com os olhos da mente. O que ainda «vejo» (isto é retenho), é uma «imagem» do pássaro. É menos distinto do que o objeto percebido, apesar de poder, por concentração, torná-lo mais claro e mais detalhado. Então retiro o pássaro do meu espírito e imagem desaparece; mas se alguns dias depois me lembro do pássaro, a imagem volta, embora apareça menos distinta quanto maior for o intervalo.” (Read, 2007:55)

Ao observar estas fases a que submeti os aprendentes, percebo que as evoluções resultam de muitos fatores, de um percurso que veicula um conjunto de estímulos, como a informação e a experimentação.

As imagens que criamos resultam da apreensão de um mundo táctil e de um mundo mental, de imagens que agregamos na nossa consciência, com base no conhecimento, na experimentação e no treino da visão. Como dizia Le Corbusier , há que desenhar para interiorizar aquilo que se vê, e que ficará escrito na nossa memória para o resto da vida.

Penso que, quando somos educados com qualidade visual, algo irá permanecer na nossa memória, um conjunto de cores, uma composição, uma forma de desenhar um rosto ou uma árvore. Assim, as opções estéticas, favorecem ou condicionam a percepção geral de um conto ilustrado, a forma de contar que determina a descodificação do mesmo. Assim e segundo Massironi *“Estas escolhas serão determinadas e impostas pelo tipo de informação que se quer dar, pelo grau de comunicação que se deseja estabelecer”* (2010:70) e acrescenta que *“o recetor-fruidor é ativado pelo simples encontro com a mensagem,...produzida pela interação entre a própria subjetividade e materialidade dos estímulos concretos de que é composta...”* (2010:71)

Para os mais novos, um livro ilustrado constitui uma preciosa iniciação à arte, como uma nova forma plástica. Será um processo que envolve experimentações que façam pensar, o aluno aprende arte, conhecendo artistas e as suas experiências, para melhor entender o que os levou a criar. O professor deve estar preparado para estimular e promover a linguagem gráfica como meio de comunicação pessoal. Para P. Lairesse: *“O desenho ajuda muito a regular a vista (ou a visão) e a formar o Juízo.”*

A criação artística instaura uma disciplina formativa interna entre o pensamento e o gesto, favorecendo a autoestima e a sociabilização.

Assim, os contos graças à componente mágica contida na linguagem, vão ao encontro da apetência que a criança sente em saltar do real para o fantástico compensando-a muitas vezes da incompreensão que a realidade lhe levanta. Como disse Munari (2007) a imaginação não é a fantasia pura, mas simplesmente a presença de imagens no pensamento.

À criança mais velha, que já descodifica um texto com facilidade, a ilustração fornece informação suplementar, como uma leitura paralela, alternativa e divergente que lhe permite contrastá-la com a sua própria leitura. *“ O conhecimento dá ao individuo uma ampla capacidade de gestão do meio, pelo que se exprimirá com clareza, com coerência entre o meio e a mensagem.”* (Munari, 2007:146)

Assim, a minha escolha recaiu na obra “O dia em que troquei o meu pai por 2 peixinhos vermelhos”¹, com texto de Neil Gaiman e ilustrações de Dave Mckcan. Este livro retrata a história do pequeno rapaz que em casa com a sua irmã e o seu pai, resolve fazer uma troca com o seu amigo Nathan, troca o seu pai pelos dois peixes do seu amigo. Quando a mãe chega a irmã conta-lhe e ela exige que ele efetue a troca. Assim, ele e a irmã iniciam uma aventura para reaver o pai.

Este autor faz narrativas repletas de fantasia, sonhos e contos de fadas sombrios.

Conheço este livro desde 2004, chamando-me à atenção pela aparência enquanto objeto e pela diferença enquanto obra ilustrada. Lembro-me de o manusear absorvendo o conteúdo, que tão depressa seduz como nos envolve numa leitura plástica que bem expressa a linguagem codificada dos símbolos visuais do domínio artístico.

Consigo neste livro ter três géneros de interpretação, a do texto, a da ilustração e as duas que se completam mutuamente. Este trabalho deixa transparecer um certo desafio que mais parece que lançaram um ao outro, de ideias em cadeia entrelaçadas no enredo, ambos os textos, visual e escrito, sobrevivem separadamente e juntos colmatam-se.

É a convivência harmoniosa, no mesmo espaço, neste caso uma pequena folha de papel, entre o suporte com as cores, os pastéis, recortes, lápis, aguarelas, fotografia, rasgos de jornal, marcador preto, selos, com acabamento e tratamento digital. Numa atitude segura de quem está confiante no seu trabalho, com um desenho rápido e ágil, em sintonia com o pensamento e o gesto. Em todo o livro há uma linha contínua de equilíbrio estético, assim como com os outros livros ilustrados por este mesmo autor. Mas o mais fascinante, é que ambos se conjugam e se compreendem, ilustrador e argumentista, como se caminhassem desde sempre no mesmo sentido, um completa o outro e apimenta-o.

O texto é repleto de humor, naturalizando atitudes de ingenuidade, banalizando a troca de um pai por dois peixes, como se isso fosse prática corrente de crianças que na falta de cromos dariam o pai obviamente para troca.

A ilustração faz convergir num só desenho, diversos materiais, desde fotografia, lápis, pintura, colagens e meios de solução digital, apoderando-se assim de quase todas as vias que conheço de expressão, a chamada técnica mista não abrange sequer tamanha amplitude de material concreto e virtual utilizado por este ilustrador.

Para mim é o melhor exemplo de livro ilustrado que vive entre a Banda Desenhada (BD) e a ilustração, não é apenas BD, não é só um livro de histórias, hilariante, divertido, que eleva o banal da vida quotidiana, ao estatuto de literatura infanto-juvenil, nem se fica pela

¹ O dia em que troquei o meu pai por 2 peixinhos vermelhos” (1997) Neil Gaiman e Dave Mckcan.

invulgar ilustração de livros, “*O Dia em que troquei o meu pai por 2 peixinhos vermelhos*”, é tudo isso mais a sensação de entrar no mundo ao contrário, onde o impensável passa a ter sentido, como nos sonhos.

Assim, por todas estas razões, socorro-me deste livro, como ponto de partida para uma investigação que questiona no fundo, se o texto condiciona a ilustração, se a ilustração alimenta o texto, se texto e imagem se completam numa leitura, se o texto vive sozinho, se a imagem num livro sobrevive sem texto, ou se a criatividade é a alavanca da gestação do imaginário, que possa ser o texto ou a ilustração.

E ao mesmo tempo, nada melhor para a fundamentação das minhas aulas teóricas, que basear-me na pintura portuguesa que mais admiro. Achei por isso, pertinente dar início ao meu tema, apoiando-me no percurso conceptual Paula Rego, tendo, por ponto de partida a visita de estudo dos alunos à casa das histórias, para reconstruir a memória recente, assente num ambiente estético repleto de desenhos e fecundo, carregado de contos que nos questionam, de imagens importantes que nos transmitem sensações de belo e feio, exaltando o grotesco, elevando-o ao estatuto de arte de cavalete.

Hoje, a arte já não é o clássico quadro a óleo que enaltece a beleza e a perfeição, assenta sobretudo no conceptual, no imaterial, no poder das instalações e na leitura das performances. Do séc. XX ao séc. XXI há uma história de rutura com a arte de cavalete, rompendo-se com a até então ideia de belo, e inatingível, esta era, chama para si a tecnologia, a inovação, o pensamento como conceito artístico, mas Paula Rego afirma-se no quadro a óleo tão clássico, mas ao mesmo tempo teimosamente atual e assim eterno. Arrisca contrariar as tendências artísticas e vinca-se nas suas telas, mas vanguardando por sua vez, com o feio e o grotesco no lugar do belo e do santo.

Dizer que a arte tem de ser bela, é um princípio romântico, que hoje já deveria estar ultrapassado. A arte espelha a vida, que comporta o belo e o feio, a dor, a morte, a sedução, o prazer e desprazer. Assim o horrível também é um território artístico.

Paula Rego conta histórias, envolvendo-nos na sua ideologia e mensagem social. As suas pinturas são ilustrações em grande formato, que tomam de inspiração contos tradicionais, focalizados na condição feminina, arriscando linhas morais e políticas.

Traçando críticas de opinião feministas, sendo nitidamente contra as opressões que punham em causa a condição da mulher. Não podemos ignorar que Paula Rego viveu em Portugal, numa época fascista que reprimia a mulher. Ela teve necessidade de fugir, escolhendo Londres como bastidores do seu percurso artístico, mas Portugal fica para sempre como o palco do sucesso, sendo eternamente a sua musa de inspiração. Encontrou no meio

britânico, as condições favoráveis para aprofundar um trabalho com raízes portuguesas, que mergulham nas suas memórias.

Paula Rego desenha adolescentes e jovens mulheres que sofrem, que escondem a cara ou olham o observador, algumas delas caídas sobre a cama, outras ainda contorcendo-se com dores, numa imensa solidão. São retratos de sofrimento, medo e vergonha. Pretende-se que os alunos entendam o processo criativo como elemento gerador de arte.

Falar de Paula Rego aos alunos do 6º ano de escolaridade, leva-nos a sentir dificuldade em transmitir corretamente as suas opções mais controversas, expondo um ponto de vista grotesco, cruel e real, da autora. Segundo Carneiro (2001, 34), a sua obra leva-nos a questionar: *“porque desenha assim, o que desenha, do que fala Paula Rego nos seus quadros, o que a leva a pintar como pinta? O desenho é a escrita do corpo que revela o mais íntimo dele”*. Neste âmbito Alves (2003:55) estabelece que:

“Uma escola que vai nascendo de perguntas que o corpo faz. Uma escola em que o ponto de referência não seja o programa oficial a ser cumprido, mas o corpo da criança que vive, admira, encanta-se, espanta-se, pergunta, enfia o dedo, prova com a boca, erra, machuca-se, brinca. Uma escola que seja iluminada pelo brilho dos inícios”

Esta parte do trabalho foi importante para consolidar os meus conhecimentos teóricos e para comparar a minha perspetiva com a de vários autores, cujo percurso, sigo e admiro, uns mais que outros, mas todos foram importantes para esta fase do meu trabalho, porque me ajudaram a reforçar as minhas próprias convicções.

Capítulo II - Metodologia

2.1 Sequência e Procedimentos Utilizados em Contexto de sala de Aula

Estas aulas teórico-práticas, tiveram como objetivo promover a experiência e a reflexão sobre a ilustração, incidindo sobretudo na noção de síntese das formas e no desenvolvimento narrativo a partir de suportes bidimensionais.

A exploração de uma sequência narrativa, tem como propósito, capacitar os alunos na criação de novas imagens, isto é, capazes de transmitir de modo claro conhecimentos, sem menosprezar o impacto da estética.

Nestas aulas apresentar-se-ão regras, princípios, métodos e técnicas básicas de desenho, adaptadas à ilustração, no intuito de formar esta turma, com uma base teórico-prática, passível de facilitar a progressão autónoma nas técnicas e temáticas abordadas. Traçando um percurso que vá da narrativa à ilustração, num desdobramento estrutural no qual se pretende desenvolver competências no âmbito da ilustração, experimentando diferentes métodos de representação plástica, variando as técnicas e os meios, com os diversos suportes e materiais.

Numa primeira fase, serão exploradas as principais técnicas da ilustração e desenho, desenvolvendo as aptidões pessoais dos intervenientes, o que, numa segunda fase, permitirá uma evolução técnica e conceptual, aplicada em algumas ilustrações, com demonstração e aplicação das técnicas de ilustração.

Numa segunda fase pretendia implementar um projeto de maior complexidade, exigência e conceptual, através de noções básicas, associadas às metodologias inerentes a aplicar aos projetos de ilustração. No sentido de permitir ao aluno aprender e de o preparar na elaboração de um trabalho de ilustração.

Assim, transmiti uma grande quantidade de imagens para que mais tarde pudessem fazer associações.

“Há pessoas que memorizam uma quantidade enorme de dados e que para outros, passam por pessoas muito inteligentes, quando afinal se trata apenas de memória. Se estas pessoas não criarem relações entre as coisas que sabem, não usarem a fantasia, não passarão de um maravilhoso armazém de dados. Exatamente como um dicionário, que tem todas com as quais se constrói qualquer poesia, mas não tem sequer uma poesia.”
(Munari, 2007:37)

Fui apontando necessidades, pois a dada altura os alunos tiveram uma visita de estudo a Lisboa e Cascais, estando no trajeto a Casa das Histórias de Paula Rego, registei que seria pertinente falar também, desta mesma artista plástica, como forma introdutória do meu projeto e maneira de consolidar conhecimentos. Para tal, expus uma aula sobre as ilustrações de Paula Rego para que os alunos percebessem melhor o que lhe queria transmitir.

Na aula que lecionei, sobre a ilustração de Paula Rego e depois de muito frisar sobre o seu gesto de lápis mole, que percorre formas, que se apresentam nos modelos, que compõem o seu enquadramento, como uma cena de teatro estanque, pois a artista, elabora o cenário das histórias, para depois acontecerem nas suas telas, como vinhetas de BD, que retratam ações em sequência, mas neste caso, as ações vêm-se repartidas por telas. Isto é, Paula Rego não pinta de memória, desenha à vista, compõe e caracteriza a cena de uma ação específica, elabora bonecos/personagens e convida amigos a interpretarem papéis, depois desenha simplesmente o que está a ver.

Depois desta apresentação foi aberto um debate, onde os alunos colocaram questões.

Assim, baseada nesta forma de desenhar e para que os alunos ainda pudessem entender melhor o seu trabalho, convidei-os a experimentar a mesma forma de desenhar, desenhando à vista. Os resultados foram surpreendentes, os alunos distribuíram peso e forma, corretamente pela folha, a maior parte desenhou o que estava a ver, e como estava a ver, respeitando a proporção dos objetos relação aos outros, assim como a sua colocação na mesa. Na maior parte dos alunos o traço revelou-se limpo e fluido.

O primeiro objetivo foi cumprido, que seria levar os alunos a fruir da forma como Paula Rego prepara os seus quadros. O segundo objetivo seria desinibir os alunos perante a folha branca, riscando sem hesitações, conseguindo desenhos o que estavam a observar.

Como se sabe, ver não é o mesmo que olhar e nestas idades se não lhes apontamos certos pormenores com o dedo, o mais certo é que lhes passe despercebido.

Quando lhes mostrei as imagens dos desenhos feitos por Paula Rego, expliquei-lhes que o seu traço era mutante, que se colava a cada textura, mimetizando-a, refletindo suavidade e aspereza, o liso e o enrugado, escuro e claro, leve e pesado, duro e mole, conotando no papel, valores sensitivos daquilo que observa.

O desenho de Paula Rego, tem um traço mole que parece contornar suavemente as superfícies por onde vai passando, o gesto do seu risco, mesmo no papel, retrata se é carne, se é malha, se é couro se é metal, isto com um simples lápis de grafite, sem cor mas muito eficaz, explorando criativamente a natureza do material.

Quando se desenha repara-se em tudo, quase não se tira a vista daquilo que se retrata, para que, ao percorrermos com os olhos ligados às pontas dos nossos dedos, consigamos riscar sem ser preciso olhar para o papel, trata-se de desenho de observação.

Na primeira projeção de apoio sobre a história da ilustração, fiz uma breve referência à ilustração editorial. Os monges copistas, isolados do mundo transcreviam livros e livros, repletos de iluminuras, que não eram propriamente ilustrações. Mencionando que atualmente os livros são feitos por meios de reprodução mecânica que multiplicam imagens, não esquecendo os meios fotomecânicos e digitais, para a sua reprodução. Portanto, a história da ilustração está intimamente ligada à imprensa e à gravura.

Mas o desenho foi sem dúvida a primeira caligrafia, remetendo à pré-história, ao Egito, onde a escrita eram os próprios desenhos, os hieróglifos, cada desenho representava uma palavra, uma ideia, ou o nome de um Faraó. O mesmo se constata com as crianças muito pequenas, que também escrevem da mesma maneira, desenhando. Os desenhos registavam as ideias, só mais tarde se inventou a escrita.

A ilustração, assim, possui uma tradição antiga que remonta às primeiras formas pictóricas, continuando pela Revolução Industrial até a nossa era digital.

Não pude deixar de referir também a infografia, que se trata da ilustração de mapas, tendo origem na pré-história.

A Bíblia foi um importante livro, fonte de iluminuras, gravuras e ilustrações, até mesmo esculturas de alto e baixo-relevo, ilustravam nas igrejas, de temas bíblicos, pois a igreja impulsionou os artistas, mantendo-os ao seu serviço ao longo de séculos e séculos da nossa história.

Mais tarde, com a revolução industrial, surgiu um novo meio, a imprensa criada por Gutenberg, um procedimento de impressão com caracteres móveis e com ela a gravura, que permitiu continuar a ilustração dos livros mas agora em massa.

Privilegiando o campo do desenho, procurando explicar, numa perspectiva histórica, o desenvolvimento das funções da imagem no “fazer ver”, ou “ajudar ao entendimento” definindo o modo como em cada época as ilustrações foram emitidas e recebidas. A história da Ilustração transmitirá como prioridade, a articulação e equilíbrio entre dois sistemas de linguagem – a escrita e a imagem – na construção de formas de comunicação.

Nomes muito relevantes no mundo das artes plásticas, deixaram também o seu contributo nos livros, Goya, Toulous Lutrêque, o grande Matisse, o tão marcante Picasso e em Portugal, Almada Negreiros, entre outros.

A ilustração científica, de moda e a ilustração publicitária, foram ainda parte integrante desta mostra breve introdutória da história da ilustração.

Contos de fadas e histórias tradicionais foi o diapositivo seguinte, que pretendia levar os alunos a viajar em alguns dos livros para crianças mais conhecidos e que fazem parte do imaginário coletivo. Peter Pan e a eterna busca do lugar onde as crianças nunca crescem. É a magia das palavras que nos leva a voar, como nos sonhos, esse lugar onde tudo é possível, porque todos nós sonhamos, sejamos novos, velhos ou crianças.

Alice no País das Maravilhas, pois quem não gosta de ouvir histórias? Tanto crianças, como adultos ou mesmo idosos apreciam uma boa história narrada por um contador que sabe dar vida a um acontecimento.

Por fim, o Capuchinho Vermelho, porque há histórias ouvidas que se transformam dentro do leitor e com ele vão crescendo e o modificam. As narrativas chegam às crianças por meio da voz de um adulto que é o contador de histórias, e cada ilustrador interpreta de modo diferente esta história, mas uma outra finalidade da ilustração é também a lúdica (que torna o livro num objeto que distrai), nesse caso, a imagem orienta-se para a brincadeira e o humor.

Nesta aula, os alunos tiveram a oportunidade de manusear livros ilustrados infantis e juvenis, que lhes levei da minha coleção pessoal, pois não há nada melhor que tocar nestes objetos artísticos, para melhor consolidarem o que lhes esteve a ser dito.

Porque antes das palavras, temos as imagens que permitem imaginar essas palavras.

A ilustração contemporânea, foi a última projeção, desta fase mais teórica, onde se pretendia levar cada aluno a compreender a relação entre texto/ilustração, promovendo uma relação mais próxima com a anatomia do livro.

Papel, grafite, aguarela, lápis de cor, guache, pastéis secos, pastéis a óleo e também os dedos, podem ser um meio riscador, assim como a caneta os marcadores, colagens, uma máquina fotográfica, scanner, mesa – Pen touch e mãos à obra.

Desde os anos 90, os ilustradores eram confrontados com uma mudança nos meios de se fazer seus trabalhos. A chegada do Design-Gráfico com softwares de manipulação fotográfica e novos instrumentos como as mesas digitalizadoras têm modificado a maneira como se faz ilustração. Novas técnicas de ilustração em computador, como o uso da Imagem vetorial e 3D, têm-se tornado comum na comunicação visual.

Muitos ilustradores, hoje em dia, já trabalham diretamente na frente de um monitor, criando novas formas, novas texturas e uma maneira inovadora de colorir as imagens. No entanto, todas as técnicas são importantes.

Definindo livros interativos, como obras em que a narrativa é assegurada por uma estreita interação do texto visual e do texto verbal. Enumerando ilustrações Pop Up, como fascinantes conjugações de duas linguagens, a palavra e a imagem, a envolvimento do texto com as ilustrações, tendo por base a surpresa, o deslumbre. Não esquecendo os livros artísticos, com imagens que podem não ter nada a ver com o texto escrito mas que funciona como uma decoração. Podendo a ilustração, ser acompanhada por muitos textos (poemas, rimas ou simples legendas).

De referir, que ainda, neste enquadramento, os livros em estilo de cartoon ou BD, se agrupam dentro das várias vertentes da ilustração, são livros em que as legendas se parecem com elementos típicos da BD, formando uma narrativa visual, como acontece com o livro “O dia em que troquei o meu pai por dois peixinhos vermelhos”.

No entanto, o que distingue a ilustração da BD, é que o fio narrativo está no texto, na primeira, enquanto na BD é ao contrário, a linha narrativa é dada pelas imagens. A BD, descreve todos os momentos é sequencial, a ilustração é mais sugestiva.

No caso da caricatura, também esta se enquadra na ilustração, como sátira, assumindo um papel irónico no contexto social e político. Mas é importante dizer que também a ilustração de jogos e das capas dos CD's, assim como o graffiti e a publicidade, são ainda da família da ilustração, no sentido de ilustrarem ideias ou temas.

Será importante mencionar, que quando os objetos, cenários, animais, aparecem em desenhos cheios de pormenor, muitas das vezes com carácter científico, a ilustração tem uma função descritiva, como nos livros informativos e didáticos, no caso dos manuais escolares.

Citando nomes de alguns criadores conhecidos, como André Letria, Carla Pot, Danuta, João Caetano, Marta Torrão, David Makean, entre outros. Pedindo-lhes para de futuro, olharem para os livros com mais atenção do que o costume.

Para todas estas projeções de apoio despendi muito tempo. Tendo feito exaustivo trabalho de pesquisa. Enfatizando o papel de um ilustrador, fizemos uma experiência com a turma, apresentei no lugar do quadro, uma folha de papel de cenário em grande formato. Convidei os alunos e todas as professoras da sala, a intervirem numa elaboração de uma história nascida naquele momento. O primeiro a ir ao quadro, desenhou um personagem, a lápis de cera, todos deram sugestão para a sua identidade, outros foram lá desenhar onde ele vivia o que fazia, que amigos tinha, todos conseguiram descrever por imagens a vida deste boneco. Ficamos a saber que fazia anos e que prendas teve. Penso que foi o melhor remate para enfatizar o que realmente será escrever uma história só com imagens, de forma a poder ser lida por terceiros.

Paralelamente e enquanto uns estavam a desenhar, outros estavam a manusear mais uns livros de ilustração contemporânea que lhes trouxe, para cimentar os conteúdos abordados nesta aula. Mas também, para desta forma equilibrar o ruído, reflexivo da excitação que estes momentos causam nas crianças.

Estas aulas teórico-práticas, tiveram como objetivo promover a experiência e a reflexão sobre a Ilustração, incidindo sobretudo na noção de síntese das formas e no desenvolvimento narrativo a partir de suportes bidimensionais.

A exploração de uma sequência narrativa, tem como propósito, capacitar os alunos na criação de novas imagens, isto é, capazes de transmitir de modo claro conhecimentos, sem menosprezar o impacto da estética.

“Se quisermos que uma criança se torne uma pessoa criativa, dotada de fantasia desenvolvida e não sufocada (como muitos adultos) temos, portanto, de fazer que a criança memorize o maior número de dados possível, no limite das suas possibilidades, para lhe dar a possibilidade de criar maior número de relações possíveis, para lhe dar a possibilidade de resolver os seus problemas de todas as vezes que se apresentarem.”(Munari, 2007:32)

Para a criança ser ágil na resolução de problemas, deve poder saber criar o maior número de relações possíveis, isto é, estabelecer encadeamentos lógicos de ideias que levam a outras ideias. Para isso é necessário que memorize o maior número de informação possível, ou seja, que a processe e guarde. Assim, sem recalamentos ao nível da fantasia esta criança estará apta a tornar-se num indivíduo criativo.

Por isso, lhes transmiti uma grande quantidade de imagens, para que, mais tarde pudessem fazer associações.

Nestas aulas apresentaram-se regras, princípios, métodos e técnicas básicas de desenho, adaptadas à ilustração, no intuito de formar esta turma, com uma base teórico-prática, passível de facilitar a progressão autónoma nas técnicas e temáticas abordadas. Traçando um percurso que vá da narrativa e ilustração, num desdobramento estrutural.

Propiciando experiências, vivências e conhecimento, capazes de moldar a perceção estética e plástica dos alunos. *“O indivíduo forma-se nos primeiros anos de vida e assim permanecerá durante toda a sua vida. Depende dos educadores se esta pessoa, mais tarde, vai ser criativa.” (Munari, 2007:37)*

Assim, apresentei oralmente a história sem imagens “O dia em que troquei o meu pai, por dois peixinhos vermelhos”. Na sala, a turma estava expectante. Já na aula anterior falamos

que iríamos dar início nesta aula à leitura da história. Os alunos tinham curiosidade em saber, pelo que se poderia trocar um pai? Sentei à minha frente os alunos mais perturbadores, intercalados pelos mais sossegados. Mas, naquele momento eu estava preocupada em transmitir uma imagem e um determinado tipo de sensações. Considero-me uma contadora de histórias, porque gosto de o fazer.

Agora aqui, tudo tinha de correr dentro do previsto, embora estivesse completamente à vontade com esta história, pois já por diversas vezes a contei. Mas, desta vez era diferente, nunca tinha lido este livro a crianças sem recorrer às imagens, que muito ajudam, para percepção da história. As imagens são tão ricas, cheias de cor e ritmo, com desenhos sugestivos e repletos de humor, assim, era muito difícil, ler o texto, apenas recorrendo à entoação, às expressões do rosto e corporais. A história era muito longa, no entanto, os alunos estiveram com bastante atenção, riam-se, e seguiam-me com o olhar, pois eu não permaneci no mesmo sítio, andava para a esquerda e para a direita, enfatizando a história e assumindo os diversos papéis, traçados para cada personagem.

No final foi-lhes entregue, o texto impresso da história sem imagens, como também a folha de registos de ilustração, explicando-lhes que cada ilustrador regista de igual maneira todos os pormenores do texto, para que nada lhe escape, sendo esta uma forma de organização entre muitas outras, é importante irmos sempre anotando detalhes importantes como a cor dos olhos, do cabelo, a altura, posteriormente é algo de fácil consulta e evita que estejamos constantemente a recorrer ao texto.

Esta solução pareceu-me viável, uma vez que, poderei refletir se os alunos estiveram atentos aos pormenores da história, por outro lado este documento ser-lhes-á muito útil, para consultar sempre que quiserem saber pormenores físicos de um personagem em particular.

Entender histórias escritas de imagens, levá-los numa viagem entre as letras e as ilustrações, convidá-los a entrar num mundo paralelo, o da fantasia. Querer que aprendam a ver. Que reparem nas cores, na leveza do gesto, implícita nos desenhos, nas texturas e na originalidade, para procurar nas imagens dos outros a nossa própria inspiração. Propiciando a criação de um vocabulário gráfico com base nas imagens captadas nas projeções, que viram durante estas primeiras aulas. Pretende-se que os alunos adquiram noção de síntese e depuração ao criar uma imagem.

A introdução à Ilustração desenvolveu-se no cruzamento das áreas da Cultura Visual e História da ilustração, procurando estabelecer a evolução do recurso às diversas formas de linguagem visual, aplicada na definição de métodos de conceção de uma imagem associada a um texto.

Segundo Hernández (2000) a racionalidade criativa deve ser potenciada na escola, favorecendo o seu desenvolvimento, para saber ver, saber fazer, ver fazer, interpretar. A educação artística segundo este autor contribui para o desenvolvimento social e político do indivíduo. A sensibilização para os parâmetros estéticos, o desenvolvimento da capacidade crítica, a desconstrução, a própria experimentação, assim como a percepção visual e plástica, mais os procedimentos de observação, de leitura e análise, resulta de diferentes modelos de análise, semiótico, estruturalista e desconstrucionista. Para ele a Cultura visual, reflete-se em todas os campos sociais, económicos, tecnológicos e de culturais.

Assim, num processo que envolve práticas, que façam pensar, o aluno aprende arte, conhecendo artistas e as suas experiências, para melhor entender o que o levou a criar.

Nas “Orientações Curriculares” para a Educação Visual e Tecnológica apresentadas pelo Ministério da Educação, definem-se competências específicas para a Educação Artística no Ensino Básico, nomeadamente, a declaração de Competências Essenciais em Educação Artística no Ensino Básico (MEEB, 2000). De acordo com este documentos os alunos devem estar preparados para se apropriação das linguagens elementares das artes, assim como desenvolver a sua capacidade de expressão e comunicação, desenvolver a criatividade e compreensão das artes no contexto (MEEB, 2001).

Contudo, procura-se determinar a capacidade de resolução de problemas, reconhecendo juntamente como os alunos, a importância de interpretar mensagens escritas e visuais.

Assim, a par deste objetivo geral serão ainda objetivos específicos da minha intervenção pedagógica:

- Reconhecer a arte como expressão do sentimento, através da experimentação plástica;
- Levar os alunos a traduzir diferentes narrativas em imagens;
- Interpretar mensagens na leitura de formas visuais;
- Explorar temas ideias e situações;
- Entender o desenho como meio para representação expressiva das ideias
- Determinar se o aluno tem sentido de composição, harmonia, ou agradabilidade.
- Aferir se a ilustração realizada pelo aluno se adequa ao tema sugerido.
- Averiguar se o trabalho tem originalidade, e em que sentido.
- Avaliar se o aluno usa as cores com critério.
- Avaliar se o aluno enquadra o desenho.

- Se o aluno representa uma ideia e é legível no trabalho?
- Como é o traço do aluno ao nível do desenho?

Ao aluno, como experiência de aprendizagem e dentro das competências essenciais do Currículo Nacional do Ensino Básico, na área de Educação Artística (Educação, 2001:152) pretende-se levá-lo a desenvolver, uma adequada apropriação das linguagens elementares das artes, assim como uma melhor capacidade de expressão e comunicação, no desenvolvimento da criatividade e compreensão das artes em contexto.

Assim deverão adquirir as seguintes competências de como ilustrar:

- Como organizar referências de paleta de cores, esboços dos personagens, ambientes, com definições alusivas ao texto, etc.
- Linguagem técnica
- Como usar o hábito de desenhar todos os dias a favor de um processo criativo mais rápido e eficiente
- Exercícios práticos
- Debates para esclarecer dúvidas

Para a realização deste estudo optei pela metodologia qualitativa, considerando-a o método mais útil para a investigação a que me propus.

Capítulo III - Análise dos resultados

Para este estudo, privilegiei a observação direta, através do método de investigação - estudo de caso. O objetivo central deste estudo centra-se nas ilustrações que os alunos elaboraram sobre o livro “O dia em que troquei o meu pai por 2 peixinhos vermelhos”²,

Este estudo de caso centra-se numa turma do 6.º Ano de Escolaridade da Escola de Nogueira, em Braga. Esta turma é composta por 22 alunos, 9 raparigas e 13 rapazes, com idades compreendidas entre os 11 e os 13 anos (Gráfico 3.1).

Gráfico 3.1 – Distribuição dos alunos por idades e sexo

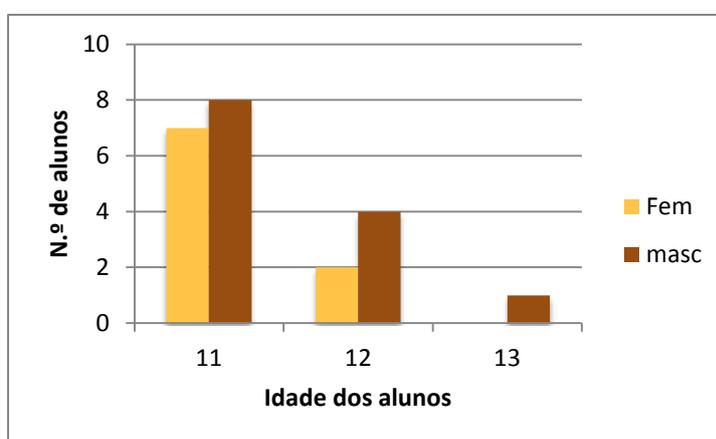


Gráfico 3.1 - Distribuição dos alunos por Idades e Sexo

A turma é constituída por 7 alunos do sexo feminino com 11 anos e 8 alunos do sexo masculino com a mesma idade. Com 12 anos existem 2 alunos do sexo feminino e 4 alunos do sexo masculino. Com 13 anos existe só um aluno do sexo masculino (Gráfico 3.1).

3.1 Síntese Descritiva das atividades realizadas

O período de observação decorreu durante as aulas lecionadas (blocos de 90 minutos) numa turma constituída por 22 alunos, que se realizou entre o dia 26 de Outubro de 2010 até ao final do 3.º período letivo (Julho de 2011). Durante este período lecionei 10 aulas (num total de 15 horas).

² O dia em que troquei o meu pai por 2 peixinhos vermelhos” (1997) Neil Gaiman e Dave McKean.

O meu estudo está dividido em sete momentos de observação/avaliação, os quais estão descritos detalhadamente no quadro 3.1.1

Quadro 3.1.1 Descrição dos momentos de observação/avaliação

N.º de momentos	Descrição do momento
1.º	Narrativa visual (1.º fase) através do título “O dia em que troquei o meu pai por 2 peixinhos vermelhos”
2.º	Aplicação do 1.º questionário de auto avaliação sobre a ilustração
3.º	Aulas sobre ilustração
4.º	Leitura teatralizada da história
5.º	Aplicação de um quadro de registo
6.º	Realização da 2.º fase da narrativa visual
7.º	Aplicação do 2.º questionário de auto avaliação sobre a 2.º ilustrações

Quadro 3.1.1 - Fases dos momentos realizados

Inicialmente, sugeri aos alunos que realizassem uma ilustração sobre o título da narrativa, no qual me baseei para este estudo³.

Num segundo momento, apliquei o primeiro questionário de autoavaliação (essencialmente com questões abertas, de forma a, que os alunos pudesse exprimir da melhor forma a sua opinião sobre a primeira ilustração que cada um realizou).

Num terceiro momento expus aulas sobre ilustração, com recurso a vários powerpoint, onde abordei a obra de Paula Rego e a história da ilustração e a ilustração contemporânea.

Posteriormente, li a história, de forma dramatizada, tentando incutir ao texto uma dinâmica que permitisse aos alunos uma maior capacidade abstratizante, enfatizando o conteúdo e pontuando as frases de sentido humorístico ou sarcástico, muito características do texto em questão.

De seguida apliquei um quadro de registo para ilustração, à imagem de um profissional que precisa de resumir a história e tirar apontamentos de todas as personagens para poder ilustrar, e descrever características físicas e psicológicas das personagens, assim como os cenários onde se desenrola a narrativa.

Após estes momentos dividi as ações da história, em 6 grupos, pelos alunos que estavam sentados por ordem alfabética (o texto teve de ser dividido para que fosse possível ser ilustrado na íntegra pela turma inteira, pois não havia tempo para cada um ser capaz de

³ “O dia em que troquei o meu pai por 2 peixinhos vermelhos”, de Weil Gaiman.-

ilustrar o texto na totalidade). Atribuí por ordem um número até seis, a cada seis alunos, e assim sucessivamente. Esta foi a forma que eu encontrei para contornar o que aconteceu nos primeiros trabalhos de ilustração, isto é, alguns alunos foram influenciados pelos colegas parceiros, ainda que inadvertidamente. Mas, efetivamente os alunos têm tendência em bloquear e copiarem pelos outros. De acordo com a teoria de aprendizagem social de Albert Bandura (2007) o facto de a semelhança percebida determinar a aquisição imitativa, bem como a performance, é mais evidente do que a forma como esse efeito se produz.

Foi decidido assim, intercalá-los, atribuindo partes diferentes do texto a cada um, podendo continuar sentados à beira uns dos outros, tendo os pares, partes da história distintas, podiam trocar opiniões, mas tinham de pensar pela própria cabeça. A turma, ficou distribuída por 4 grupos (1 grupo de 4 alunos e 3 grupos com 6 alunos). Onde a cada aluno caberia realizar 2 ilustrações.

Era-lhes pedido para desenvolverem uma narrativa visual baseada no texto seccionado que eles conheciam bem. Nesta aula os alunos começaram a desenhar, ilustrando a parte do texto que lhes correspondia. Pretendia-se que os alunos representassem situações, recriassem personagens e ambientes e experimentassem novas técnicas.

Para finalizar esta unidade de trabalhos, os alunos preencheram um inquérito semelhante ao primeiro inquérito, contudo, foram acrescentadas mais 3 questões para além das que já estavam no mesmo inquérito. Esta alteração ocorreu porque achei pertinente com o desenrolar da ação, pedir-lhes para que neste mesmo inquérito fizessem a auto avaliação necessário para o meu projeto.

A seguir descrevo a análise feita através da observação dos desenhos elaborados pelos alunos ao longo do estudo, fazendo uma comparação dos primeiros trabalhos, onde ainda não tinham acesso à história e os desenhos elaborados após a leitura da história, assim como as aulas de ilustração.

Ilustração 3.1.1 Primeira ilustração da aluna A



Ilustração 3.1.1 - Ilustração da aluna A na 1.º fase do estudo

A aluna A (Ilustração 3.3.1), na primeira fase ilustrou uma situação em que abandona o pai num sítio em que não conhecia e vinha com dois peixinhos vermelhos que alguém lhe tinha dado, embora não explique quem lhos deu. Fora-lhe pedido para ilustrar o título, "O dia em que troquei o meu pai por 2 peixinhos vermelhos", por trás a aluna escreveu uma nota: "a menina chegou a casa com um recado de mau comportamento, e certamente levou um sermão, não gostou e abandonou o pai" (aluna A- subentende-se que agiu como retaliação)

Ao observar o trabalho da aluna constato, que apresenta um desenho pobre, sem enquadramento, isto é, não tem linha de terra, apontamentos de pormenor, que identifiquem o lugar onde esta ação se desenvolveu, não há qualquer referência sobre a envolvência espacial deste suposto enredo. Os personagens aparecem de perfil, tentando repetir semelhanças na mesma personagem, através da utilização de cor, isto é, quando se representa a ela (a menina) veste roxo e rosa. Mas como a aluna é uma menina a desenhar, interpreta o protagonista do título, como sendo uma personagem feminina. Assim, ao autorrepresentar-se como figura participante, veste roxo e rosa nas diversas situações, repetindo a dita menina sempre de igual maneira. O pai de veste verde e azul nas diferentes situações e um homem que segundo ela, fica com o pai em troca dos peixinhos vermelhos está vestido de castanho e verde.

Nos personagens não há expressão, no entanto, quando o pai é representado "abandonado" tem no rosto um apontamento de um sorriso e marcado vermelho, o que é estranho! O aquário é representado de uma forma interessante, o vidro é feito simplesmente a lápis, como que a tentar representar a transparência, a aluna não concluiu a pintura porque teve de preencher um questionário.

Ilustração 3.1.2 Desenho da aluna A na 2.º fase do estudo

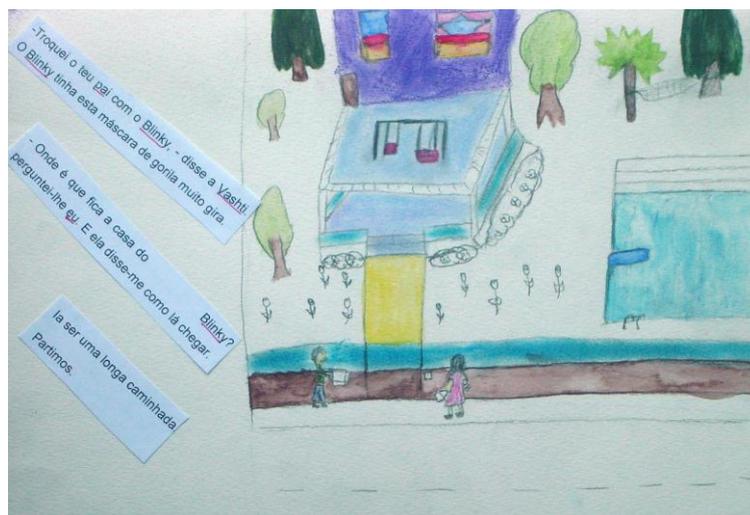


Ilustração 3.1.2 - Desenho da aluna A na 2.º fase do estudo

Na 2.^a fase a aluna (Ilustração 3.1.2) já conhece um enredo cheio de pormenores. A aluna ilustra duas situações distintas no seu trabalho. Aparecem duas casas diferentes. Aqui apresenta um traço “penteadado” isto é, não contínuo, interrompido e que vacila, voltado muitas vezes atrás e passando por cima, o que revela insegurança no desenho e pouca afirmação pouco conhecimento, pouca experiência a desenhar, ou medo de errar. Curiosamente, representa as casas com uma arquitetura atual e inovadora, não da forma tradicional, em que se recorre a estereótipos de casas, isto significa, que já parou a observar casa moderna, e que aquele desenho de casa básica já não pode ser recurso para esta situação. Quando não observamos, o meio que nos envolve recorremos a símbolos que estão na nossa cabeça, e que só são substituídos quando de facto vemos bem e ao pormenor, os objetos em questão. A aluna recria um ambiente atual, contemporâneo.

No quadro de registo do resumo da história, subentende-se que a aluna pensa, que quem quis trocar/levar o pai foi o Nathan! Erradamente! A aluna diz: *“apareceu lá o meu amigo com 2 peixinhos vermelhos e tentou trocar por muitos objetos mas o que lhe interessou mais foi o meu pai”* (foi ao contrário, o menino é que “impingiu” o pai) (Aluna A)

Ilustração 3.1.3 Desenho da aluna A na 2.º fase do estudo



Ilustração 3.1.3 – Desenho da aluna A na 2.º fase do estudo

Distingue os ambientes de duas habitações, com envolvências distintas. A forma de representar as árvores, tem algum pormenor, tenta recriar um ambiente com diferentes tipologias de árvores, no entanto, as mesmas aparecem rebatidas. O sol, no segundo registo desta fase, surge com características influenciadas, pelas abordagens que fizemos nas aulas, sobre modos de representação, aplicou mais uma vez os conhecimentos. E como na anterior unidade de trabalho, dada pela professora coordenadora, foi acerca da representação de árvores, notasse que a aluna tentou recorrer aos saberes adquiridos ao longo deste tempo, trazendo-os para esta ilustração, como uma marca pessoal da sua identidade.

De salientar, que representou os personagens de costas, pois estive sempre a advertir, que não era necessário pôr os personagens virados para o leitor, as cenas deveriam acontecer por si. Isto é, no caso em que a ilustração é algo mais do que pontuar um texto, as ações desenrolam-se com naturalidade, autónomas, sem terem, á partida, ligação direta com quem as observa, como um filme, tudo se desenvolve sem que os olhos dos personagens se cruzem com o olhar do leitor. Assim as figuras, prescindem de aparecer todas perfiladas viradas para o observador, como se estivessem num palco de teatro a serem apresentadas a um público, o que aconteceu nos primeiros trabalhos dos alunos.

Na pintura a pastel a aluna é contida, pois não queria sujar o desenho, note-se que este material é como o giz e desfaz-se em pó, o que requer conhecimento na sua utilização e técnica, mas esta aluna não sujou o desenho. No entanto, não conseguiu terminar, assim como a maioria dos colegas, devido ao tipo de material e tempo.

Há pormenores interessantes, piscinas na casa do Blinky, pois sendo um menino rico, ela associou essas ideias. O que não acontece na casa da Vashti, aqui atribuiu-lhe uma casa muito moderna, enquanto, ao Blinky, concedeu-lhe uma casa muito mais clássica. Tem também baloiços e muitas mais árvores comparativamente à outra residência. Um pormenor interessante, na vivenda do rapaz, ao fundo, duas árvores com uma rede, que pode significar “boa vida”. Na casa da Vashti, tem a linha do horizonte perto de nós (apesar de não a saber usar). O sol é representado de uma forma plástica, enquanto, o resto tende a ser muito mais naturalista. Na casa do Blinky, o menino aparece de perfil e a irmã de costas, há nas duas habitações, uma campainha. Pois trata-se em ambas, de uma ação, quase a efetuar-se. Na outra casa colou um texto que diz: ia ser uma longa caminhada, no entanto, ela desenhou-os já à porta. Por isso está desfasada na história e no tempo (tinha sido uma longa caminhada). A aluna não refletiu e abreviou as ações, não é propriamente errado, mas avançou na ação.

No quadro de registo do resumo da história, subentende-se que a aluna pensa, que quem quis trocar/levar o pai foi o Nathan! Erradamente! A aluna diz: *“apareceu lá o meu amigo com 2 peixinhos vermelhos e tentou trocar por muitos objetos mas o que lhe interessou mais foi o meu pai”* (foi ao contrário, o menino é que “impingiu” o pai) (Aluna A)

Quando comenta o uso das cores refere que combinam umas com as outras. Classificou-se no nível 4 e eu também.

Quando comenta o uso das cores refere que combinam umas com as outras. Classificou-se no nível 4 e eu também.

Ilustração 3.1.4 Desenho da aluna B na 1.º fase do estudo



Ilustração 3.1.4 - Desenho da aluna B na 1.º fase do estudo

A aluna B (Ilustração 3.1.4) no primeiro desenho tem um trabalho idêntico à colega A, (estavam ao lado uma da outra), as ideias são coladas, a aluna tenta mudar alguns pormenores, em vez de um homem, desenha uma mulher e coloca uma venda nos olhos do pai, mas de resto é igual à colega. A menina chega a casa com uma negativa a inglês (descreve a aluna atrás da folha) o pai discutiu muito com ela e a menina furiosa, e vendando os olhos ao pai, entregou a uma senhora em troca de dois peixinhos vermelhos. A aluna pinta muito devagar e pára muito, para pensar, embora, pelas cores utilizadas revele bom gosto (tenta conjugar as cores) é particularmente interessante o uso das cores, uma mulher de cabelo vermelho, camisola azul com saia amarelo torrado, é agradável, mas não teve tempo para concluir, porque tinha de para fazer o questionário número um, o que me prejudicou a conclusão do trabalho. O seu desenho é muito interessante, porém semelhante ao da amiga, não é original, pois está colado à ideia de uma colega revelando insegurança em não arriscar e não pensar por si. De referir que não fez alusão ao enquadramento. Não existe qualquer referência ao local onde se passa a ação, nem nenhum pequeno traço que defina a linha de terra.

Ilustração 3.1.5 Desenho da aluna B na 2.º fase do estudo

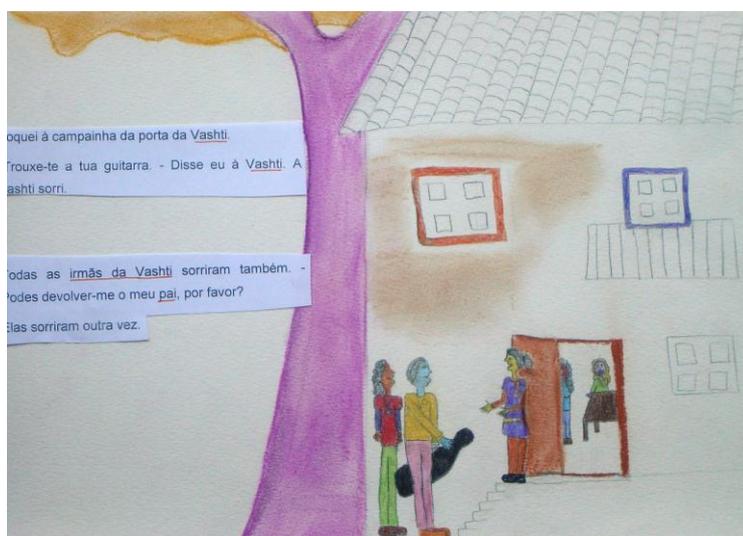


Ilustração 3.1.5 - Desenho da aluna B na 2.º fase do estudo

Na 2.ª fase, após as aulas de teoria sobre a ilustração e depois da abordagem oral à história a aluna evoluiu (Ilustração 3.1.5). O enquadramento do seu desenho é muito bom. A casa aparece em grande plano com pormenores. A porta aberta onde se vê as irmãs da Vashti. A aluna arranja solução para representar um segundo plano com profundidade na porta aberta, como diz no texto. E o menino e a irmã aparentemente, adolescentes, pois não os representa como crianças, levam a guitarra à Vashti, as irmãs são representadas a rir com a mão na boca

recuadas no plano, o que é fantástico. Curiosamente, os personagens são representados com tronco de frente, pernas de lado e rosto de perfil (como os egípcios) tem dificuldade em colocar o tronco de perfil também.

A aluna arriscou nas cores, não teve tempo de concluir a pintura. A escala/proporção da figura humana está próxima da real à exceção dos braços, que estão pequenos, o que tem sido comum neste grupo. A árvore de tronco de cor rosa, as casas verdes, laranjas, e amarelas significa que a aluna quis atribuir um toque plástico aplicando os conhecimentos das aulas sobre ilustração.

Esta aluna também não acabou de pintar, mais uma vez, pelo motivo de ter que responder ao questionário. Desta vez a aluna libertou-se, pensou pela sua cabeça (pois não estava sentada à beira da sua colega A).

A representação da figura humana, aparece de frente, e os rostos de perfil, nos personagens do polícia e da irmã, subentende-se que estão a olhar para o menino. Tudo rebatido, sem apontamentos de profundidade, no entanto recorre a uma sugestão de linha de terra, para assentar os pés dos personagens.

Os alunos têm dificuldade em representar vários planos de forma correta, mas é um desenho expressivo. De facto, esta aluna evoluiu. No quadro de registo, quando questionada sobre este facto, ela comenta que as técnicas de pintura que utilizou foi técnica mista. A aluna fez um bom e sucinto resumo e, compreendeu bem a história. O traço da aluna é bom e limpo.

Ilustração 3.1.6 Desenho da aluna B na 2.ª fase do estudo



Ilustração 3.1.6 - Desenho da aluna B na 2.ª fase do estudo

No segundo desenho desta segunda fase não conseguiu pintar (figura 3.1.6), por não ter tempo. Mas tratava-se da cena da máscara de gorila que o menino colocou e a irmã diz ao polícia que se tratava de uma gorila que tinha fugido do jardim zoológico. Muito expressiva e os pormenores com muita piada, assim como os personagens. A estética, não é muito diferente da casa anterior, dá a ideia de uma casa geminada, no entanto, a rua aparece rebatida com as casas deitadas no chão, o que revela falta de noções de perspetiva. O irmão com o braço esticado e a boca aberta como se estivesse a falar. Nesta fase, retrata a troca da máscara de gorila com o irmão, num registo a lápis, sem estar pintado.

A representação da figura humana, aparece de frente, e os rostos de perfil, nos personagens do polícia e da irmã, subentende-se que estão a olhar para o menino. Tudo rebatido, sem apontamentos de profundidade, no entanto recorre a uma sugestão de linha de terra, para assentar os pés dos personagens.

Os alunos têm dificuldade em representar vários planos de forma correta, mas é um desenho expressivo. De facto, esta aluna evoluiu. No quadro de registo, quando questionada sobre este facto, ela comenta que as técnicas de pintura que utilizou foi técnica mista. A aluna fez um bom e sucinto resumo e, compreendeu bem a história. O traço da aluna é bom e limpo.

Também desenhou com mais calma e levemente e que aprendeu a colocar as personagens na posição correta e não virados para o observador/leitor. E lamenta não ter terminado por falta de tempo.

Ilustração 3.1.7 Desenho da aluna C na 1.º fase do estudo



Ilustração 3.1.7 - Desenho da aluna C na 1.º fase do estudo

A aluna C, (Ilustração 3.1.7) também estava ao lado do colega A e B e, mais uma vez, a ideia é a mesma inspiraram-se todas na colega A. O conceito era idêntico, tinha tirado negativa num teste e mandou o pai embora, numa carrinha, com um anúncio de peixes, publicitado na viatura. Um homem carrega o pai numa maca! Subentende-se que leva o pai, deixando em troca os dois peixes. No entanto, este seu primeiro desenho, é mais perceptível do que as colegas A e B, tendo mais informação e pormenor. De referir que o traço da aluna é muito limpo, embora não tenha movimento e nem seja muito fluido. Penso que tentou ser explícita e descritiva nas ações.

Há um mero apontamento de chão, no entanto mais nada me indica onde acabe o chão e começa o céu.

Ilustração 3.1.8 Desenho da aluna C na 2.º fase do estudo



Ilustração 3.1.8 - Desenho da aluna C na 2.º fase do estudo

No segundo momento, depois de conhecer a história, ilustra a circunstância em que entrega a guitarra branca à Vashti e lhe pede o pai (Ilustração 3.1.8). A aluna tem um pormenor cuidado nas escadas. Sendo um pouco expressiva, aplicou técnica mista com pastel seco e lápis de aguarela na pintura do seu trabalho. E o mais importante é que retocou o desenho, conferindo-lhe acabamento final, o que poucos fizeram. A perspetiva da casa está completamente deturpada, não tendo noção alguma, de perspetiva, os planos estão confusos mas a composição resulta. O que é o mais interessante e explícita.

No entanto, a aluna evoluiu, pois o enquadramento assume grande importância e os personagens estão virados uns para os outros em diálogo, embora rígidos e pouco expressivos, não arriscou muito em cores alternativas às da natureza, mas tentou aproxima-se da realidade,

não extrapolou, o que também é legítimo. Mais uma aluna que não terminou a pintura por falta de tempo.

Ilustração 3.1.9 Desenho da aluna C



Ilustração 3.1.9 - Desenho da aluna C

O corpo humano está pouco explorado, principalmente nas articulações, as pernas estão vistas de lado, o tronco de frente e o rosto de perfil, lembrando as figuras Egípcias.

Curiosamente, ao ilustrar a irmã com a máscara de gorila, (figura 3.1.9) no segundo registo desta fase, enquadrou as personagens, com a esquadra da polícia. O guarda, apresenta com apontamentos de ligeiro movimento, o desenho insinua, que se está a dirigir aos dois irmãos. O corpo humano está pouco explorado, principalmente nas articulações, as pernas estão vistas de lado, o tronco de frente e o rosto de perfil, lembrando as figuras Egípcias. Para definir a chão, desenhóu três ervas, aqui e ali, e para definir o céu, colocou o sol, penso que se tivesse pintado, teria determinado certamente, pela diferença de cor, uma divisão natural que separaria o chão do céu incontornavelmente.

Ilustração 3.1.10 Desenho da aluna D na 1.º fase do estudo



Ilustração 3.1.10 - Desenho do aluno D na 1.º fase do estudo

O aluno D, no primeiro exercício, descreveu que odiava o pai e preferiu ir viver para a beira dos peixes (Ilustração 3.1.10). O aluno refere: “Criei a minha própria amizade”.

O desenho tem enquadramento e está muito bem desenhado. Tem uma boa memória fotográfica, a casa está bem estruturada e o lago bem definido, tem um sentido realista, as plantas, as nuvens, e o menino em pose de cócoras a observar os peixes que saltam em sentido ascendente, com água a espirrar das costas. O desenho deste aluno é muito superior aos dos restantes colegas. Estabelece enquadramento, as plantas não são as básicas flores que os companheiros costumam desenhar, como imagem estereotipada que sempre recorrem para conseguirem representar algo. Como o tipo de mãos, o tipo de nariz, e o tipo casas. Nota-se que é um indivíduo habituado a observar o meio envolvente.

Ilustração 3.1.11 Desenho da aluna D na 2.º fase do estudo

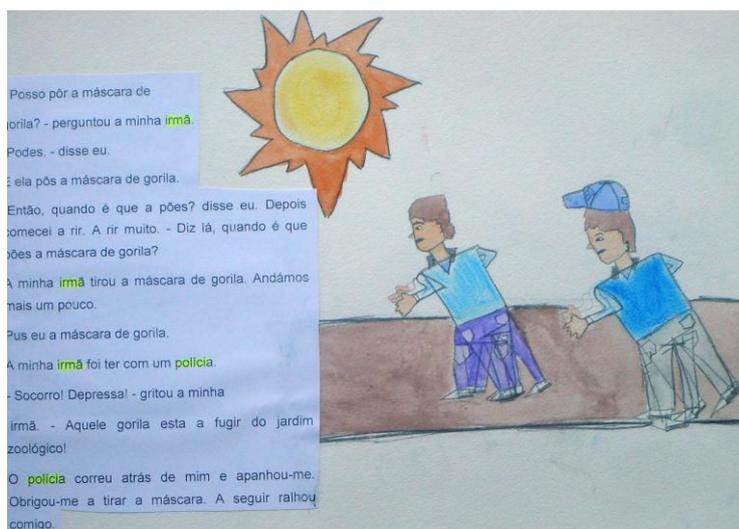


Ilustração 3.1.11 - Desenho da aluna D na 2.º fase do estudo

Penso que a representação evoluiu muito em termos estéticos. Nota-se que o aluno esteve atento às aulas teóricas, aliás é um assunto que se vê que lhe interessa.

Não é tão naturalista e já assume uma identidade plástica, mais estilizada, como se estivesse a descobrir o seu próprio estilo (Ilustração 3.1.11).

Nesta fase do seu desenvolvimento ao nível da ilustração o aluno representa o movimento como um princípio de animação, as pernas movimentam-se, embora não dobre as articulações dos joelhos. Representa efetivamente o momento em que o polícia correu atrás do menino, embora só identificou o guarda pelo boné, e mesmo assim, o chapéu não é parecido com o da polícia. Preocupa-se, no entanto, mais com a forma e menos com o conteúdo, pois estando a retratar o momento em que o menino põe a máscara de gorila, esqueceu-se de desenhar a máscara, o que seria fundamental...!

Descreve que a escolha das cores foi porque são as cores que ele usa no dia-a-dia, pois foi algo que eu estive sempre a salientar. As cores tinham de combinar entre si, dando exemplo da roupa que vestem, como a camisola deve pois, condizer com as calças e os sapatos com o cachecol. No entanto, reparei que o aluno dá respostas politicamente corretas, ou seja, vai de encontro ao que eu quero ouvir.

Ilustração 3.1.12 Desenho da aluna E na 1.º fase do estudo



Ilustração 3.1.12 - Desenho da aluna E na 1.º fase do estudo

A aluna E dividiu a folha em quatro partes iguais, como na banda desenhada (BD), representou uma sala de aula, onde a professora exhibe em cima da secretária, um aquário com 2 peixes vermelhos (Ilustração 3.1.12). A professora dá os 2 peixes a uma das suas alunas (no 2.º quadrado). No quadrado de baixo (esquerdo), a aluna, só “vive” para os peixes e não liga ao pai, desenhou um véu como se amasse os peixes, e quisesse casar com eles, algo insólito, representando o pai ao lado de forma muito expressiva, com o rosto furioso.

No último quadrado o pai está representado associado a um balão de pensamento, em que a aluna explícita o estado de tristeza do pai e da menina só pensando nos peixes. As mesas são como se estivessem a ser vistas de cima e a professora de frente, notasse confusão de pontos de vista.

Conhecendo poucos elementos da banda desenhada, a aluna utiliza o balão opaco que permeabiliza o pensamento em relação ao cabelo, isto é, não se vê o cabelo porque o balão tapa, no caso do pai. Os desenhos são básicos, rígidos e estáticos, no entanto, contêm elementos que facilitam a leitura.

Ilustração 3.1.13 Desenho da aluna E na 2.º fase do estudo

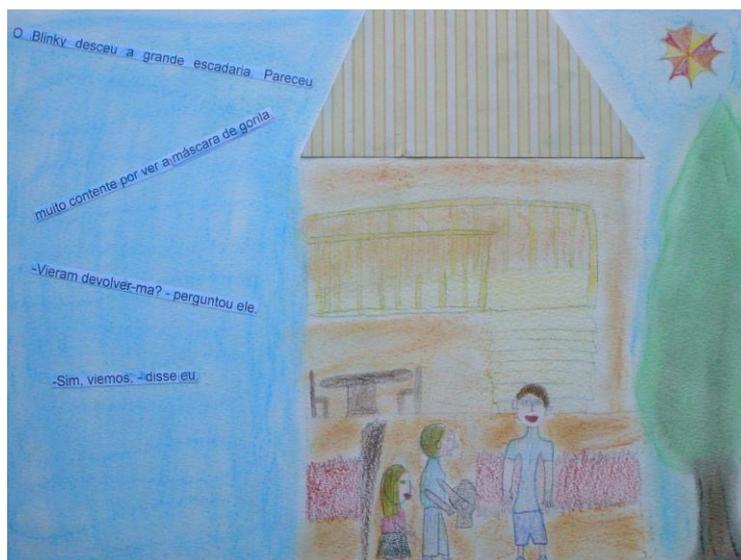


Ilustração 3.1.13 - Desenho do aluno E na 2.º fase do estudo

A aluna E evolui ligeiramente, já representa o menino e a irmã de perfil e esforça-se por representar o Blinky como se estivesse a olhar para eles. Há o pormenor da máscara de gorila na mão (Ilustração 3.1.13).

No entanto, mantem-se as transparências nas paredes, talvez porque nunca ninguém lhe tenha exemplificado como se resolve esse problema do fora e de dentro. O sol é representado de forma original, muitos o fizeram pois foi algo que foi frisado nas aulas e em muitas ilustrações que viram. Aliás, neste caso é a parte mais original do desenho, pintou usando técnica mistas, pastel, lápis de aguarela e colagem. Não retocou os pormenores finais. E pintou toda a folha com um enquadramento do céu como envolvente. Pormenores que penso serem importantes e curiosos é o facto de o Blinky ter óculos como que se de um intelectual se tratasse. Representa uma escadaria dentro da casa (curiosamente o ilustrador original do livro também o faz) associa-se esta ideia a um menino rico. As cores não me parecem mal escolhidas, no entanto, estão esbatidas e faltam pormenores de acabamento o que torna a apresentação pouco cuidada.

Mas tenho que referir que é a primeira vez que pinta com este material, por isso ainda não sabe provavelmente como o controlar. Há uma tentativa de representação de vários planos. A figura humana representada aproxima-se do real, mas não sabe desenhar muito bem o rosto do perfil.

A aluna compreendeu e resumiu bem a história. Não encontra soluções de representação do interior em relação ao exterior de uma casa. Inconscientemente opta pelas transparências.

O Blinky tem uma camisola de gola alta e manga curta, e referiu que não acabou completamente de pintar este segundo desenho.

Na representação da casa, esta aparece com paredes invisíveis, a casa é transparente, o que revela imaturidade no desenho, a nível do conhecimento de perspetiva. As cadeiras estão corretamente representadas, sendo vistas de lado, não estão mal, têm uma ligeira perspetiva lateral. A aluna não encontra soluções de representação do interior em relação ao exterior de uma casa. Inconscientemente opta pelas transparências. O Blinky tem uma camisola de gola alta e manga curta, e não pinta este segundo desenho.

Ilustração 3.1.14 Desenho da aluna E na 2.º fase do estudo

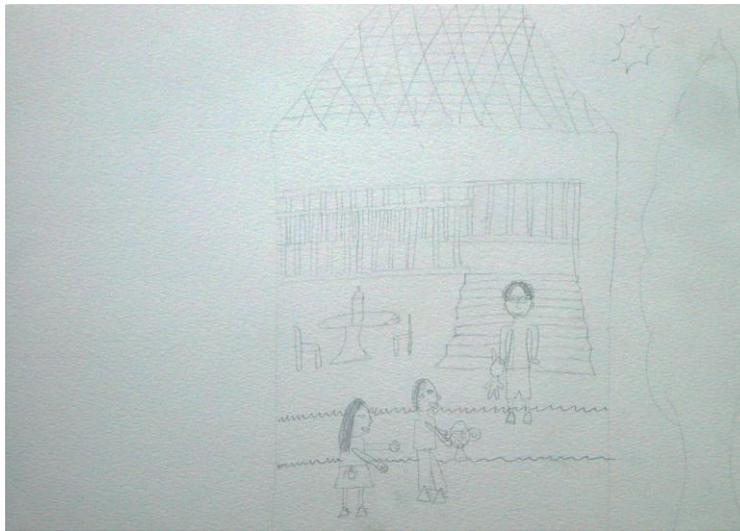


Ilustração 3.1.14 - Desenho da aluna E na 2.º fase do estudo

Na representação da casa, esta aparece com paredes invisíveis, a casa é transparente, o que revela imaturidade no desenho, a nível do conhecimento de perspetiva. As cadeiras estão corretamente representadas, sendo vistas de lado, não estão mal, têm uma ligeira perspetiva lateral. A aluna não encontra soluções de representação do interior em relação ao exterior de uma casa. Inconscientemente opta pelas transparências. O Blinky tem uma camisola de gola alta e manga curta, e não pinta este segundo desenho.

Ilustração 3.1.15 Desenho da aluna F na 1.º fase do estudo



Ilustração 3.1.15 - Desenho da aluna F na 1.º fase do estudo

A aluna F, no primeiro desenho em que se pede para ilustrar o título (Ilustração 3.1.15), ao descrever o que fez, relata uma ação muito vaga, comentando que desenhou uma menina com o pai a ver uma exposição de peixes, talvez numa loja. Efetivamente, no desenho pouco mais se passa. A loja com uma parede exterior transparente apresenta uma mesa com vários aquários expostos, os peixes são desenhados de forma esquemática, como um 8 na horizontal. E há um elemento estranho a pairar no ar, sobre as cabeças do pai e da filha, diria que será um objeto voador não identificado, mas dentro do contexto, parece ser um peixe. Não há qualquer apontamento de vestuário no tronco dos personagens, a aluna não acabou de colorir, certamente se o tivesse feito a cor iria destacar a peça de vestuário. Quanto ao enquadramento há um caminho, que indica o percurso que fizeram até à loja, transmitindo uma sensação de profundidade, e a linha de terra é a própria margem da folha inferior.

Ilustração 3.1.16 Desenho da aluna F na 2.º fase do estudo

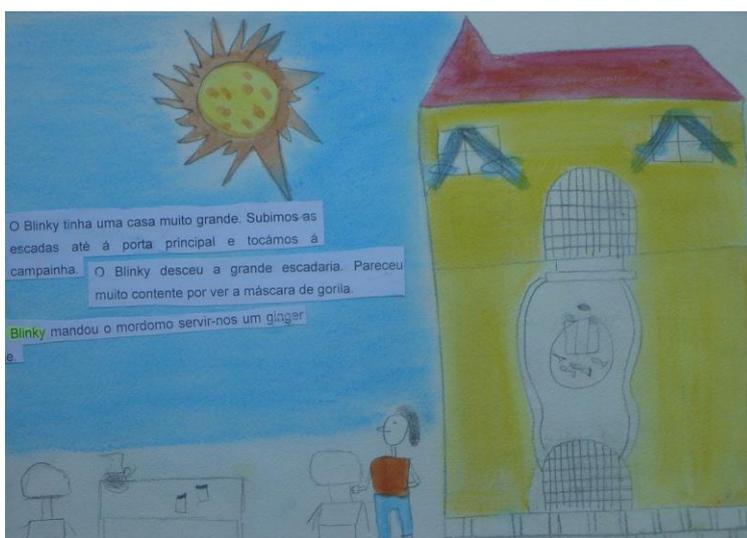


Ilustração 3.1.16 - Desenho da aluna F na 2.º fase do estudo

No segundo desenho, a aluna F (Ilustração 3.1.16), já se aplicou um pouco mais, embora a forma de desenhar a casa não seja muito diferente. O sol aparece de uma forma mais evoluída. Saliento, que dei explicações à turma neste sentido, dando vários exemplos para se esquematizar o mesmo. Enquanto no 1.º desenho o seu esplendor é um círculo com raios de tamanhos intercalados, ora grandes ora pequenos, muito primários e a pintura, não me parece, que tenha tido grande critério, tanto na escolha como na relação das cores, definitivamente a aluna não extrapolou. Para o efeito, escolheu o amarelo porque sim e o azul para o céu. As cores estão escolhidas de forma berrante.

A frente da casa tem ausências de perspetiva e tem um lago mais um portão, mas tudo rebatido, parece um prédio alto, porque a linha lateral da casa continua a delimitar o terreno à frente sem variar a inclinação, sugerindo um mesmo volume ou forma. Curiosamente a ilustração original também existe um lago, o que é curioso, o que levará ambos a interpretar do texto que a casa possa ter um lago (?) sem que haja qualquer referência nesse sentido no livro, deve ter associado o facto do Blinky, ser uma criança muito rica com um mordomo, daí a alusão ao lago.

Para esta aluna, foi complicado explicar que dentro da casa, o Blinky mandou o mordomo servir um Gingerelle, então força na mesma ilustração duas fases da história, contando o que que passa dentro da casa em duas ações distintas. Curiosamente, ilustra uma cadeira e a mesa vista de cima e os copos vistos de frente, como se fosse dentro de casa, mas na verdade parece ser no jardim. O exterior da casa, o terraço e o lago, estão representados no mesmo sentido das paredes da residência, sem perspetiva e utiliza a mesma cor o que

complica a percepção do desenho. À primeira vista parece uma casa de dois andares, pois o lago está rebatido, só reparando melhor é que se deteta que se trata de uma lago com repuxo e um portão à frente.

Note-se que o telhado aparece com um bico que será a chaminé, tanto no primeiro como no segundo desenho. Efetivamente, a aluna evoluiu, já não apresenta os personagens expostos a olhar para o observador, mas sim de perfil. Os braços cresceram em comparação ao primeiro registo da primeira fase, até aparecem fletidos, algo que lhes fui explicando pontualmente, quando falei dos desenhos de Paula Rego na abordagem ao corpo. Mas a figura humana ainda é muito rígida, no entanto apresenta indícios de movimento.

Ao analisar o texto a aluna resume com dificuldade. Entendeu a história com alguma confusão.

Ilustração 3.1.17 - Desenho do aluno F na 2.º fase do estudo



Ilustração 3.1.17 - Desenho do aluno F na 2.º fase do estudo

A aluna ainda fez uma segunda abordagem, com o mordomo a ir chamar o Blinky com a toalha no braço (figura 3.1.17), não me parece nada uma toalha, parece um objeto rígido, só sei que é, porque explicou atrás do desenho. O sol, neste segundo registo, desta fase, aparece representado de forma muito primária, este desenho foi feito primeiro que a anterior abordagem, que estive a descrever, aliás, aqui o mordomo vai chamar o Blinky, e na seguinte serve a bebida. Foi apresentada primeiro pelo facto de estar mais acabada em termos de pintura, aliás foi o anterior desenho, que a aluno escolheu para pintar e não este.

Note-se que o telhado aparece com um bico que será a chaminé, tanto no primeiro como no segundo desenho. Efetivamente, a aluna evoluiu, já não apresenta os personagens expostos

a olhar para o observador, mas sim de perfil. Os braços cresceram em comparação ao primeiro registo da primeira fase, até aparecem fletidos, algo que lhes fui explicando pontualmente, quando falei dos desenhos de Paula Rego na abordagem ao corpo. Mas a figura humana ainda é muito rígida, no entanto apresenta indícios de movimento.

Ao analisar o texto a aluna resume com dificuldade. Entendeu a história com alguma confusão.

Ilustração 3.1.18 Desenho do aluno G na 1.º fase do estudo



Ilustração 3.1.18 - Desenho do aluno G na 1.º fase do estudo

O aluno G, no primeiro desenho, apresenta duas personagens (Ilustração 3.1.18). O menino trocando o pai por 2 peixinhos vermelhos. A figura humana apresenta as mãos a saírem do cotovelo, o braço fica em arco e não dobra, não faz ângulo. O pai está com uma expressão de descontentamento e o menino com um sorriso esboçado. Atribui marcas às camisolas, são da *Nike*! O menino tem em cada mão, um saco com um peixe. Os sapatos têm pormenor de sola e feitio. Os olhos estão bem desenhados e o rosto do menino é mais ovalizado que o do pai, e pintou as caras de vermelho.

O sol é muito infantil, apresenta aqueles traços interpolados de tamanho, parece feito, por uma criança de 5 anos, pelo menos nessa idade os meus filhos faziam assim o sol, como pude constatar.

Ilustração 3.1.19 Desenho do aluno G na 1.º fase do estudo



Ilustração 3.1.19 - Desenho do aluno G na 1.º fase do estudo

Na segunda abordagem este aluno apresenta uma casa transparente e os personagens continuam desenhados de uma forma primária, ou seja, muito básica (Ilustração 3.1.19). Os rostos são círculos, os olhos são pontos, o que não é necessariamente errado, se for com sentido estético, o que não é o caso, embora até seja do meu agrado.

O menino está a bater à porta da Patti e todos os que estão lá em casa, apresentam os braços levantados como se gritassem Galveston (o nome do coelho) efetivamente ilustra a ação pretendida! O aluno conseguiu ilustrar a situação. É difícil, quando não estamos à vontade a desenhar, conseguir fazer uma narrativa visual, segundo os critérios de um texto.

Um lugar de destaque ocupa a Patti com o cabelo ondulado e com imenso volume, de sorriso aberto e com os dentes todos (e colocou brincos). Curiosamente, a Patti aparece de joelhos como se tivesse caído prostrada ao ver o coelho, que por sinal está bem desenhado, por certo tem coelhos em casa, nota-se que já perdeu algum tempo a observá-los. No entanto, o que na verdade me parece ter acontecido, é que a boneca não cabia na dimensão da casa e o aluno teve de arranjar uma solução. A Rainha da Melanésia aparece com um enorme sorriso mas com pernas curtas. De salientar que, a forma como o aluno desenha o cabelo é muito básica e o mobiliário da cozinha apresenta algum sentido de perspetiva vista de cima, no entanto, com as pernas de trás curtas em relação às da frente. Quanto à cor, o aluno não pintou tudo, só algumas coisas como o telhado, a linha de terra e os personagens. Como a casa é

transparente não lhe atribuiu nenhuma cor. O sol é representado de forma muito infantil. Parece uma aranha amarela.

Este aluno só fez um desenho, o que para mim não é grave, o que eu pretendia era comparar uma fase com a outra, consigo analisar mesmo assim, aliás a maioria só pintou um desenho.

Mas mais importante é o entusiasmo do aluno a aplicar pormenores relevantes na ilustração. Notei nesta fase que este rapaz estava entusiasmado com o trabalho.

Ilustração 3.1.20 Desenho do aluno G na 1.º fase do estudo



Ilustração 3.1.20 - Desenho do aluno G na 1.º fase do estudo

O aluno H desenhóu dois prédios (ausência do telhado foi propositada, pois trata-se de prédios modernos) (Ilustração 3.1.20).

Aparentemente, o menino muda de prédio, (muda de casa) deixando no outro o seu progenitor. No edifício da direita o pai aparece à janela a observar, com uma expressão que lhe traça os lábios imprimindo-lhe infelicidade. O aluno colocou assim, um semicírculo, que expressa tristeza na boca do pai, enquanto o menino expressa um sorriso, com o círculo no sentido oposto. Curiosamente, a cada prédio o aluno atribuiu um nome "prédio do Vasco", "Erby o animal" que se trata do prédio-casa do pai, suposto sentido de humor negro. As paredes são opacas, ocultando o corpo do pai, que aparece da parte de trás das janelas. Esta evidência não se reflete nos trabalhos dos outros colegas, que apresentam na maioria das vezes paredes transparentes.

Por traz do trabalho, o aluno explica apenas que o pai está a chorar.

Ilustração 3.1.21 Desenho do aluno H na 2.º fase do estudo



Ilustração 3.1.21 - Desenho do aluno H na 2.º fase do estudo

Na segunda abordagem (ilustração 3.1.21), o aluno atribui pormenores á ilustração. Desenhou a coelheira, com algum apontamento de profundidade, é difícil atribuir tridimensionalidade aos desenhos, só quem observa muito bem é capaz de conferir soluções de representação às suas abordagens gráficas, para que outro tenha uma boa leitura sobre o seu trabalho. A porta da coelheira está aberta para dentro, o aluno aplica um traço de inclinação oblíqua, que simula profundidade.

Pressupõe-se uma tentativa de definir planos, havendo uma casa mais recuada em relação à coelheira.

Pode-se ver um pouco indefinidamente um corredor, uma espécie de manga feita de rede, sei disso porque conheço o excerto que o aluno ilustrou, pois de contrário seria difícil compreender o que se tratava, parece mosaicos de pedra traçando o chão. As cores estão muito esbatidas, mas também, o aluno H não teve muito tempo para explorar o material novo, que se tratava de pastel seco, no entanto, pode também revelar insegurança a pintar, (insegurança a lidar com o instrumento de trabalho, como se pinta-se com medo. Isto é aplicável a todos os alunos, que não empregam intensidade na cor, têm receio de pintar mal ou de tomar opções de tonalidade). Aparentemente pode ter sido uma má decisão, ter dado a alternativa aos alunos deste material, uma vez que nenhum estava à vontade. Mas a intenção era também proporcionar-lhes novas experiencias, para abrirem os horizontes estéticos. O que me leva a não estar arrependida.

Ilustração 3.1.22 2.º Desenho do aluno H na 2.º fase do estudo

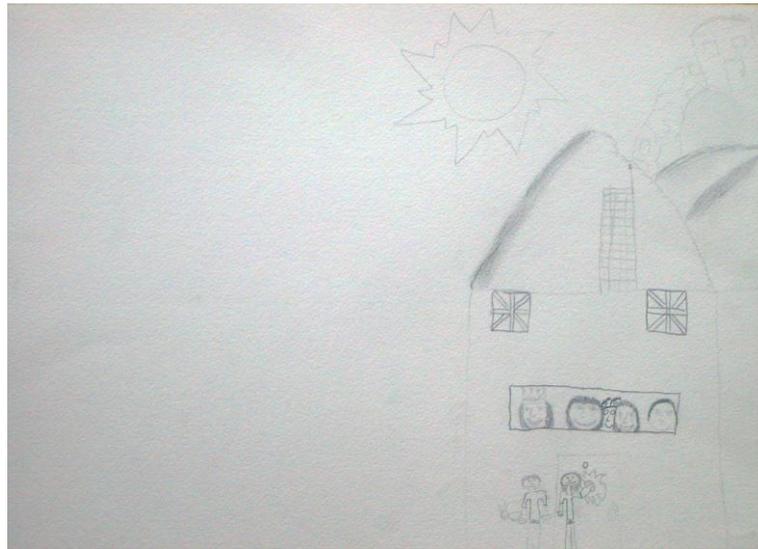


Ilustração 3.1.22 - 2.º Desenho do aluno H na 2.º fase do estudo

O segundo desenho do aluno H (figura 3.1.22) desta fase, até está mais sugestivo. Há dois planos distintos, uma casa mais atrás, com dois registos de caminhos a estreitar ao fundo, propósito de indução perspétival. Chamo a isto, instinto natural de percepção (há regras para desenhar perspectivas, mas quando já se sabe desenhar porque se observa bem, elas estão inerentes na representação). Depois há uma casa em grande plano e todos os protagonistas a espreitar por uma janela, mãe pai, irmãos e a Rainha da Melanésia.

Na parte da frente da casa está uma menina a bater à porta o aluno recorre a um símbolo de BD que significa ruído, o interessante é como chegou a essa conclusão, certamente lê BD. Este aluno não tem um desenho muito ousado, mas tem soluções viáveis. Recorre à BD, como linguagem de leitura geral

A parede já não é transparente o que traduz uma maior maturidade visual em relação aos colegas. Embora as janelas da casa se coleam ao telhado (algo que na realidade não é normal acontecer). No entanto, na primeira fase o aluno, nos prédios que representa, as janelas estão bem colocadas, não sendo coladas ao teto nem às arestas das paredes da casa! O aluno evoluiu.

A parede já não é transparente o que traduz uma maior maturidade visual em relação aos colegas. O aluno evoluiu.

Ilustração 3.1.23 Desenho do aluno I na 1.º fase do estudo



Ilustração 3.1.23 - Desenho do I na 1.º fase do estudo

Perante o primeiro desenho fiquei muito perplexa. Trata-se de uma abordagem, de história ao estilo BD, aqui o aluno I (Ilustração 3.1.23) dividiu a folha em seis partes, (mas só usou cinco).

Na descrição que fez sobre o seu desenho, explica que se tratava de um pai alcoólatra que o filho não gostava por causa do vício.

O pai, segundo se entende, bebia muito, e quando ficava nesse estado, estragava os eletrodomésticos, com pontapés, o facto do filho, estar nessa vinheta, com a mão dada ao pai, subentende-se que será para o travar de alguma forma. Um dia foram passear, e viram uma montra com peixes (parecia o oceanário), Surge a ideia de irem visitar este local, o filho compra os bilhetes e a correr diz ao pai que já podem ir. O aluno desenrasca-se muito bem, ao tentar comunicar pelo desenho tudo o que está na sua ideia. Há um momento em que a criança sai do espaço, que se encontrava, apressadamente. Na vinheta seguinte está o pai dentro do aquário, com os peixes á sua volta. O filho "afogou" o pai! Tudo isto está descrito visualmente nos desenhos que apresenta em sequência.

O aluno tem algumas noções básicas de perspectiva, pois os balcões da loja têm apontamentos de divisão e seccionamento de espaço, com a perspetiva que naturalmente nos induz a essa sensação.

O menino apanha o pai distraído e foge ao pai, levando num saco dois peixes que roubou e que parece ter substituído pelo pai que aparentemente se vai afogando no aquário! Terrível. E constrangedor, pois entram-lhe peixes pelos olhos, pela boca e pelo nariz.

O aluno confirmou comigo mais tarde quando eu o questionei para ver se eu tinha interpretado bem. Eu pensava, que o autor da história, já tinha ido longe demais no argumento, mas estes alunos ainda conseguem ser pior, que qualquer sarcasmo do autor original. Isto é, perante o mesmo tempo uma criança conseguiu superar de forma drástica o destino que se pode dar a um pai, e desenhou tão naturalmente, que trocar assim o pai, até parece ser algo inocente e até é óbvio.

Em suma, o menino abandona o pai que bebe muito álcool, num parque de exposição de peixes, foge e leva em troca dois peixes vermelhos e o pai "naturalmente" fica dentro do aquário, rodeado de pormenores macabros de peixes a entrar pelos ouvidos olhos e boca!

O aluno tem muita imaginação e conseguiu contar uma história com princípio meio e fim.

Ilustração 3.1.24 Desenho do aluno I na 2.º fase do estudo

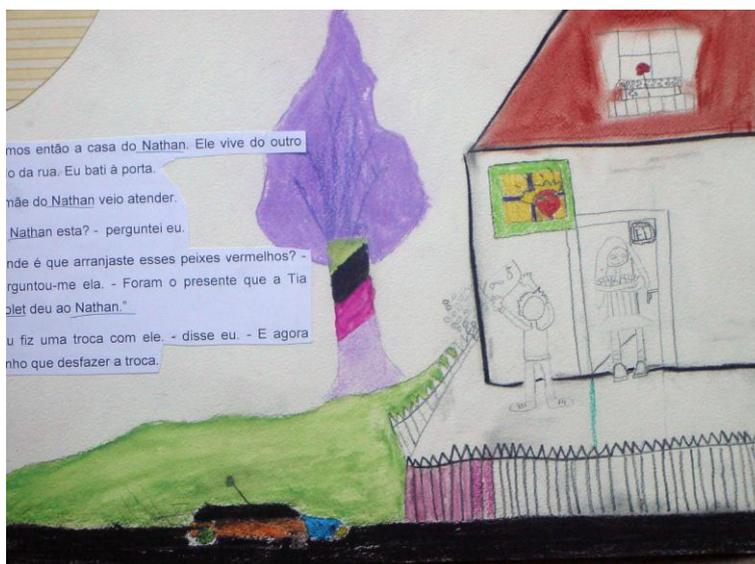


Ilustração 3.1.24 - 1.º Desenho na 2.º fase do estudo do aluno I

No segundo momento, o aluno I (Ilustração 3.1.24) esforça-se para evoluir, é notório. A maneira como me interpelava nas aulas, via-se que tinha gostado muito deste tema. E queria mostrar o quanto estava aplicado, tentando evoluir e chamando a constante atenção para esse facto.

Não pinta completamente o desenho o que é pena, pois nota-se que estava muito entusiasmado e que queria muito aplicar os conhecimentos adquiridos na minha aula, tentando por fim dar um acabamento à cor.

No seu desenho retratou o momento em que a mãe do Nathan vem à porta. A mãe tem os braços cruzados numa atitude inquisidora. Pergunta ao menino onde arranjou os peixes,

pois foram um presente para o Nathan, o aluno recorre a aspetos expressivos e teatrais, para representar as suas ideias!

Simultaneamente, o Nathan está à janela a ouvir a conversa e certamente apercebe-se que o menino veio trazer os peixes. Aliás, o menino tem os braços estendidos para a janela, como que a dizer que quer o pai de volta, mostrando-lhe o aquário. Este trabalho tem pormenores muito interessantes.

A árvore está pintada às riscas, assim como o carro, que passa, aparece às pintado, faixas tudo como na fantasia. Como tantas vezes foi referido, na nossa cabeça tudo é possível quando queremos criar um novo mundo, uma nova linguagem visual. O sol pode ser às riscas, podemos ser livres e pintar-mos como bem queremos, tudo pode acontecer como quisermos, foi algo que falamos nas nossas aulas e que para alguns surtiu efeito, ou pelo menos pode ter havido um esforço, para aplicar conhecimentos. No mundo da ilustração há lugar para vários géneros de representação.

Para além disto, a árvore às riscas apresenta copa rocha, e está mais distante, em relação à casa, apresentando-se num plano mais recuado. A própria cerca tem apontamentos de perspectiva, pois vai estreitando à medida em que se distancia. O aluno aplica-se em pormenores, tentou ilustrar o telhado, caracterizando-o como águas furtadas

O cabelo da mãe é desenhado com contorno, algo que eu constantemente referi, pois os alunos desenhavam muitos tracinhos, e como era impossível saberem, quantos cabelos estavam a ver, ensinei-lhes a olhar e ver manchas, volumes, e a representarem apenas volume, aqui o aluno contornou o volume do cabelo, muito bem. O cabelo é uma mancha ou forma, como não temos que desenhar todos os cabelos, simplifica-se.

Mais uma vez, por muita pena minha, o aluno não teve tempo para concluir, e este aluno expressou isso mesmo nas aulas.

É um aluno limpo com uma linha limpa, ininterrupta e precisa. As formas, do corpo humano, no entanto, aparecem rígidas, sóbrias, e tronco muito retangular.

Ilustração 3.1.25 2.º Desenho na 2.º fase do estudo do aluno I



Ilustração 3.1.25 - 2.º Desenho na 2.º fase do estudo do aluno I

O aluno I aplicou-se também, no seu segundo desenho (figura 3.1.25), trata o momento em que o Nathan de rosto triste explica ao menino que aquela, era a guitarra branca que trocou com a Vashety, pelo seu pai. A porta continua aberta, mas sem ninguém à porta, sugerindo profundidade.

É um aluno limpo com uma linha limpa, ininterrupta e precisa. As formas, do corpo humano, no entanto, aparecem rígidas, sóbrias, e tronco muito retangular.

O desenho ainda é um pouco imaturo, mas com pormenores interessantes! Árvore aqui neste desenho, é menos estilizada, desenhada de forma esquemática. E a copa destoa, por ser muito orgânica, ou seja, mais natural.

De referir que o aluno não tem necessidade de desenhar a casa toda, como se tivesse selecionado um enquadramento, eu tinha referido isso nas aulas teóricas. Assim a casa que representa não aparece na totalidade, mas cortada pelo nível das janelas.

Ilustração 3.1.26 Desenho do aluno J na 1.º fase do estudo



Ilustração 3.1.26 - Desenho do aluno J na 1.º fase do estudo

A figura humana representada está mais próxima da original em termos de escala, apresentando, no entanto, os braços são curtos em relação ao corpo. Há uma tentativa de enquadramento. Desenhou uma casa ao fundo precedida de um caminho com passos marcados. E a casa tem duas vistas, a de frente e a de lado. Este aluno tenta atribuir, algum sentido de profundidade (Ilustração 3.1.26).

Penso que explica que o pai foi mandado embora e o filho prefere ficar com os peixes. O menino está sentado em frente ao aquário a olhar para os peixes. O aquário tem curiosamente o preço marcado, 25 euros.

Denota-se preguiça a desenhar. O rapaz desenhado tem pernas fletidas, como se estivesse sentado em algo que não desenhou, não há qualquer apontamento de banco ou cadeira, e ao colocar o filho com o aquário, ilustra uma situação que provavelmente se passa dentro de casa, há aqui uma dificuldade em ilustrar o dentro e o fora de casa. Como esta situação passa-se dentro de casa mas o aluno não sabe como arrumar as coisas no papel. Este aluno não apresenta a linha do horizonte!

Não se percebe o porquê de o filho ter ficado em casa e o pai ter ido embora. Não recorre a paredes invisíveis como muitos dos seus colegas, tem alguma capacidades de soluções representativas. Nota-se que tem ideias mas não as sabe por em pratica.

O preço, denota que tem algum sentido de humor, mas não foi muito mais longe. O desenho do pai até está proporcional, embora os pés estejam completamente um para cada lado. Mas a casa ao contrário dos seus colegas, tem perspetiva.

Representa a casa em $\frac{3}{4}$, e a figura humana tem proporções adequadas. A casa apresenta um determinado angulo de inclinação e as telhas seguem o mesmo sentido dessa vista de lado. O aquário tem o pormenor de um rebordo e os peixes estão mesmo bem desenhados. A própria roupa apresenta pormenores das calças de ganga do pai interessantes, como os bolsos e a braguilha. As janelas apresentam profundidade e as calhas apresentam uma linha muito penteada, que denota insegurança no traço. Falta a linha de fundo, linha terra, pois assim a casa parece estar suspensa, não assenta no chão. Penso que o aluno tem potencial, a nível de desenho. Mas tem também muita inércia, se não se esforçar por evoluir, quando for adulto o seu desenho vai apresentar ainda estas características.

Ilustração 3.1.27 Desenho do aluno J na 2.º fase do estudo

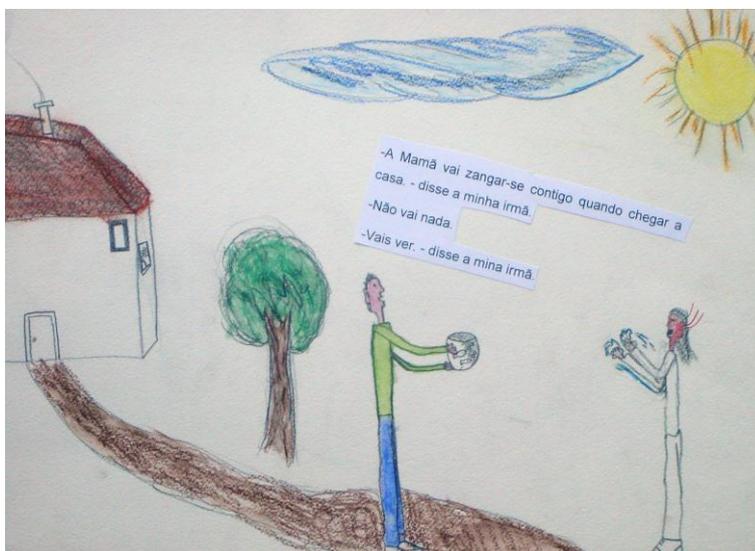


Ilustração 3.1.27 - 2.º Desenho na 2º fase do estudo do aluno J

Neste primeiro desenho, desta segunda fase, o aluno J (figura 3.1.27) desenha a casa vista de cima e de lado, apresentando algumas noções de profundidade. O telhado aparece visto de cima, e de lado.

Retrata a ação, em que a irmã o adverte que a mãe irá ficar aborrecida quando souber que o menino trocou o pai, por dois peixinhos vermelhos. O aluno não atribui linha de terra nem ao colorir.

Há um caminho que os coloca a uma distância relativa da casa, e uma árvore a meio desse percurso, que parece perdida, sem estar presa ao chão.. A figura humana vista de perfil, não apresenta as sinuosidades das formas. Não contorna a cinta nem o rabo, é como se fossem taboas, ou paus vistos de lado. No entanto a irmã aparece a gesticular, com traços intermitentes para sugerir movimento, e o irmão tem a boca aberta como se estivesse a falar.

O sol é muito infantil. Com tracinhos maiores e mais pequenos. a nuvem parece que tem a forma de um pão cacete, só que azul. Os sapatos estão bem desenhados.

O aluno não terminou a pintura.

Ilustração 3.1.28 2.º Desenho na 2ª fase do estudo do aluno J

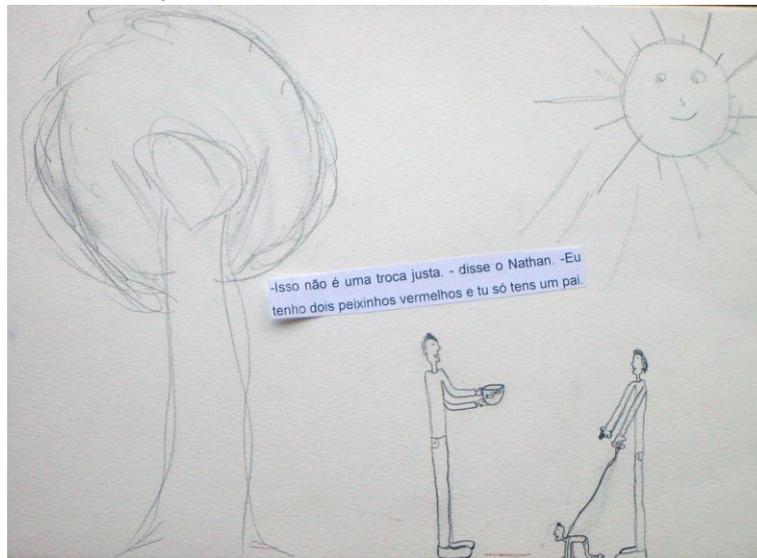


Ilustração 3.1.28 - 2.º Desenho na 2ª fase do estudo do aluno J

O segundo desenho da segunda fase (figura 3.1.28), apresenta-se a lápis, a jeito de esboço, a árvore, no entanto, tem o tamanho correto ocupando a folha de forma bem enquadrada.

A ação tanto num como no outro desenho passa-se sempre no exterior, o aluno deve ter tido dificuldade ou preguiça de desenhar, o espaço de dentro da casa. Neste último desenho, o aluno traz o pai preso a uma trela, como um cão, e oferece-o em troca dos peixes e o aquário. Em proporção, o pai está muito mais pequeno e está de gatas

O aluno tem aqui uma atitude de gozo, com a ação do livro mas também com o seu trabalho em si. Tem sentido de humor mas a leitura que faço é que interpretou o pai como um objeto ou mesmo um animal. Trocou um peixe por um cão, textualmente, este desenho é uma espécie de caricatura da ação. O menino ao sugerir trocar os peixes pelo seu pai, está a transformar o pai num objeto ou num animal que hipoteticamente, poderia ser uma troca justa. O Nathan até diz que tem dois peixes e tu só tens um pai, esta é justamente a frase que o aluno colou no desenho. (O aluno na primeira fase apresenta o desenho de frente virando para o leitor/ observador. Nesta última fase os personagens aparecem a olhar um para o outro.)

O Nathan até diz que tem dois peixes e tu só tens um pai, esta é justamente a frase que o aluno colocou no desenho. (O aluno na primeira fase apresenta o desenho de frente virando para o leitor/ observador. Nesta última fase os personagens aparecem a olhar um para o outro.)

Ilustração 3.1.29 Desenho da aluna L na 1.º fase do estudo



Ilustração 3.1.29 - Desenho da aluna L na 1.º fase do estudo

A aluna L não entendeu muito bem o título da história (Ilustração 3.1.29).

No primeiro trabalho desenha a história de um homem que foi pescar, “pescou” 2 peixes e nitidamente, saiu de casa com os 2 peixes vermelhos, abandonando o filho. A história deveria ser ao contrário. No desenho dele, que à partida é muito básico, as árvores só têm contorno. As flores apresentam uma escala muito grande em relação às árvores. O lago está num plano diferente com ausência de perspectiva e as proporções humanas não estão corretas. O desenho mostra dois caminhos, um para o lago, onde provavelmente pescou os peixes, outro que, supostamente dá para partir. O filho ficou em casa a chorar com o arco na boca que caracteriza uma cara triste.

Esta aluna atribuiu ao desenho uma linha de horizonte, separando a terra do céu. Esta aluna também deu início à pintura mas não terminou.

Ilustração 3.1.30 Desenho da aluna L na 2.º fase do estudo

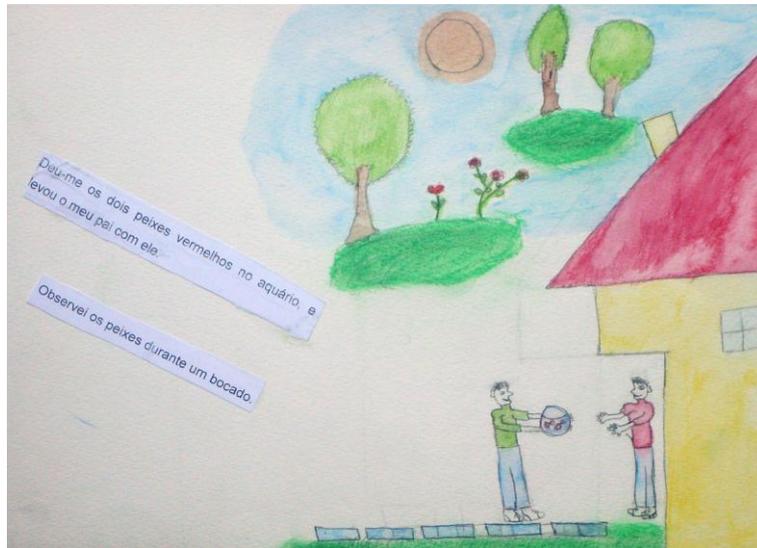


Ilustração 3.1.30 - 1.º Desenho da aluna L 2.º fase do estudo

A aluna L evoluiu neste trabalho (Ilustração 3.1.30), aparentemente a figura humana ganhou novas proporções. Neste trabalho apresentou a figura humana em $\frac{3}{4}$, o rosto de perfil, o cabelo é que não está muito bem, a cara aparece de perfil. A abertura da porta foi resolvida através da ausência de porta ou como um alpendre. Esta aluna, não colocou a casa transparente mas simplificou recorreu ao recorte do volume para apresentar o dentro da casa ou o quase dentro. A aluna criou a ilusão de um espaço coberto e outro descoberto.

A ilustração alude ao momento em que o Nathan resolve entregar o aquário em troca do pai do amigo. As árvores que a aluna coloca na sua composição estão muito melhor conseguidas do que no seu anterior registo. O sol está num apontamento muito interessante e delicado. A aluna fez dois registos de montes verdes, aqui e ali, um ao meio da folha, outro mais recuado ao lado, para certamente dar a ideia de distância e de paisagem, mas resulta numa inadequada definição de planos. Curiosamente, o chão tem uma espécie de ladrilho que vai dar à casa, não visto de cima mas lateralmente, há uma confusão muito grande a representar o espaço envolvente.

A aluna, teve uma atitude diferente e evolutiva comparativamente à sua primeira abordagem.

De salientar que, neste desenho a linha de registo está bastante limpa, pois normalmente a aluna tende em “pentear” o desenho.

Ilustração 3.1.31 2.º Desenho da aluna L na 2.º fase do estudo

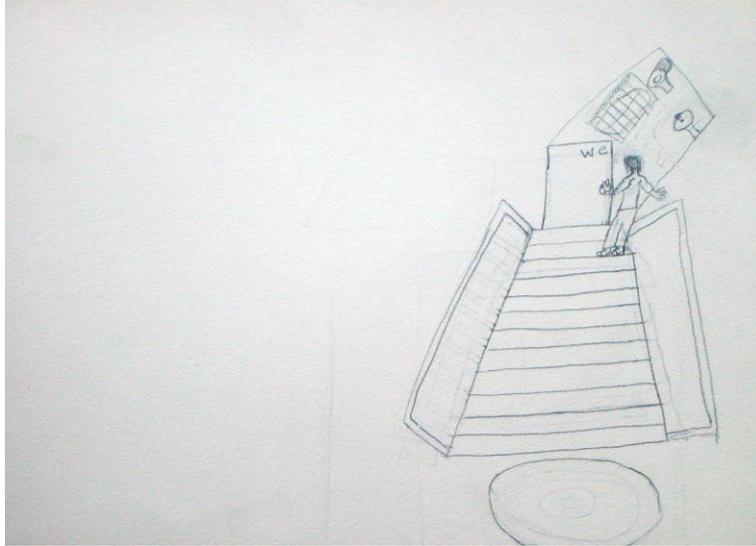


Ilustração 3.1.31 - 2.º Desenho da aluna L na 2.º fase do estudo

A aluna L evoluiu neste trabalho (Figura 3.1.30 e 3.1.31), aparentemente a figura humana ganhou novas proporções. Neste trabalho apresentou a figura humana em $\frac{3}{4}$, o rosto de perfil, o cabelo é que não está muito bem, a cara aparece de perfil. A abertura da porta foi resolvida através da ausência de porta ou como um alpendre. Esta aluna, não colocou a casa transparente mas simplificou recorreu ao recorte do volume para apresentar o dentro da casa ou o quase dentro. A aluna criou a ilusão de um espaço coberto e outro descoberto.

Apresentou um ou outro desenho, desta vez, a lápis sem qualquer apontamento de cor. Trata-se de uma escada com um tapete no início, mais larga na base e mais estreita no cimo, para dar ideia de altura e perspetiva. Lá em cima, há uma porta que diz W.C.. Curiosamente, o interior do W.C. pode ser observado, a aluna desenhou a vista interior rebatida, vista de cima, a sanita é vista de cima com o pé visto de lado e o lavatório e a banheira aparecem rebatidos. De salientar que, neste último desenho a linha de registo está bastante limpa, pois normalmente a aluna tende em “pentear” o desenho.

De mencionar que o trabalho refere-se ao momento em que a mãe anda pela casa à procura do pai, logo que chega a casa e não o vê em nenhum lado.

Ilustração 3.1.32 Desenho do aluno M na 1.º fase do estudo



Ilustração 3.1.32 - Desenho do aluno M na 1.º fase do estudo

O desenho deste aluno tem aparentemente uma carga dramática (Ilustração 3.1.32), o pai tem uma mala de viagem, despede-se do filho, que aparenta uma cara comprometida ou culpada. A figura humana está próxima das proporções corretas, muito embora o pai tenha um braço maior do que o outro, pois como se encontra fletido, a dizer adeus, o tamanho do braço esquerdo, até ao cotovelo é do mesmo tamanho do braço direito até à mão. O aluno tem uma linha tímida e penteada. O trabalho tem enquadramento, mas a casa tem as paredes transparentes. Lá fora há uma árvore, o céu e ao fundo uma piscina que mais parece uma nave voadora pois está mesmo ao nível/plano do céu (em termos de enquadramento o aluno representa uma piscina atrás da casa, mas aparece no céu, há uma dificuldade latente em representar profundidade, afastamento /proximidade).

O menino teria assim trocado o pai, pelos peixinhos e o pai iria então que sair de casa, a chorar. Este aluno está perto das proporções, no que respeita à figura humana, porém os braços estão curtos.

Ilustração 3.1.33 Desenho do aluno M na 2.º fase do estudo



Ilustração 3.1.33 - 2.º Desenho do aluno M na 2.º fase do estudo

No segundo momento, o aluno M (Ilustração 3.1.33) fez alusão ao momento em que a Patti recebe o coelho de volta.

As personagens encontram-se no interior da casa, talvez na entrada e gritam Galveston, de braços no ar (o ilustrador original no livro, também levantou os braços aos personagens). Há um apontamento de uma outra divisão da casa à direita, penso ser a cozinha, vejo um esboço de mesa e um móvel de parede, no entanto, está inacabado.

Os intervenientes estão virados para o menino, pois nas costas deles há um espelho que reflete o menino com o coelho de orelha negra e também dá para ver a porta aberta numa atitude de quem está a chegar, de frente para eles e de costas para nós (pormenor que reque inteligência, fez-me lembrar os noivos de Vanaike).

O espelho está do lado de lá do desenho e reflete o lado de cá do observador, que está ao nível do próprio menino, uma vez que, a história se passa na primeira pessoa, até faz sentido. As proporções da figura humana estão muito mais próximas. Ao representar a mãe da Patti, o aluno coloca uma mãe grávida (e comenta que a mãe estava grávida e o resto dos irmãos da Patti estão na barriga), não deviam caber todos no desenho.

Ilustração 3.1.34 - 3.º Desenho do aluno M na 2.º fase do estudo



Ilustração 3.1.34 - 3.º Desenho do aluno M na 2.º fase do estudo

No segundo momento, o aluno M (figura 3.1.34) fez alusão ao momento em que a Patti recebe o coelho de volta.

As personagens encontram-se no interior da casa, talvez na entrada e gritam Galveston, de braços no ar (o ilustrador original no livro, também levantou os braços aos personagens). Há um apontamento de uma outra divisão da casa à direita, penso ser a cozinha, vejo um esboço de mesa e um móvel de parede, no entanto, está inacabado.

Os intervenientes estão virados para o menino, pois nas costas deles há um espelho que reflete o menino com o coelho de orelha negra e também dá para ver a porta aberta numa atitude de quem está a chegar, de frente para eles e de costas para nós (pormenor que requere inteligência, fez-me lembrar os noivos de Vanaike).

O espelho está do lado de lá do desenho e reflete o lado de cá do observador, que está ao nível do próprio menino, uma vez que, a história se passa na primeira pessoa, até faz sentido. As proporções da figura humana estão muito mais próximas. Ao representar a mãe da Patti, o aluno coloca uma mãe grávida (e comenta que a mãe estava grávida e o resto dos irmãos da Patti estão na barriga), não deviam caber todos no desenho.

Na segunda abordagem da segunda fase (figura 3.1.34), o aluno M tem o pai na coelheira, sentado num banco a comer uma cenoura como manda a história. o desenho não está todo pintado, começou e não acabou. Apresenta duas casotas de coelho, uma mais alta para caber o pai do menino. O pai está sentado num banco, no texto diz que está sentado no chão, e com as calças pintadas de relva. Mas o desenho do pai sentado, não está muito mal desenhado.

A Pathy, veste um top com um ligeiro decote, e umas calças às riscas.

Ilustração 3.1.35 Desenho do aluno N na 2.º fase do estudo

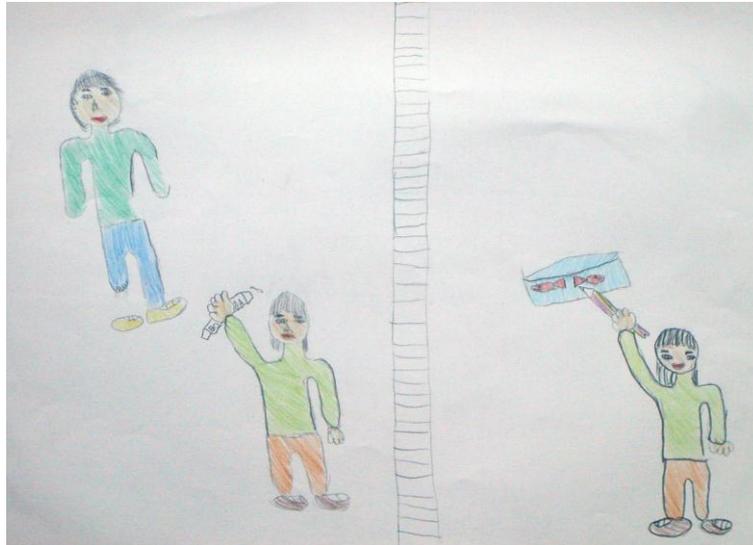


Ilustração 3.1.35 - Desenho do aluno N na 1.º fase do estudo

O aluno N dá uma solução muito engraçada à ilustração (Ilustração 3.1.35). Conta a história de um menino que estava a desenhar o pai, num quadro de giz e que a dado momento resolve apagar o desenho do pai e fazer antes dois peixes vermelhos e um aquário.

A figura humana está muito perto de estar proporcional. No primeiro desenho uma criança a desenhar o pai e a apagá-lo com o apagador do quadro, aparece de frente e de cara virada para o observador. Tanto a desenhar como a apagar o desenho, em vez de, estar de costas, está de frente a apagar ou a desenhar no quadro. Muito simples mas muito objetivo e eficaz. A figura humana está a caminho de ficar bem. Mas ainda há pormenores que falham.. O rosto e os sapatos tem mais pormenores que qualquer parte do corpo, que está muito mais sintético. Assim como os peixes, no entanto, a ideia está mesmo, muito interessante e surpreendente.

Ilustração 3.1.36 Desenho do aluno M na 2.º fase do estudo

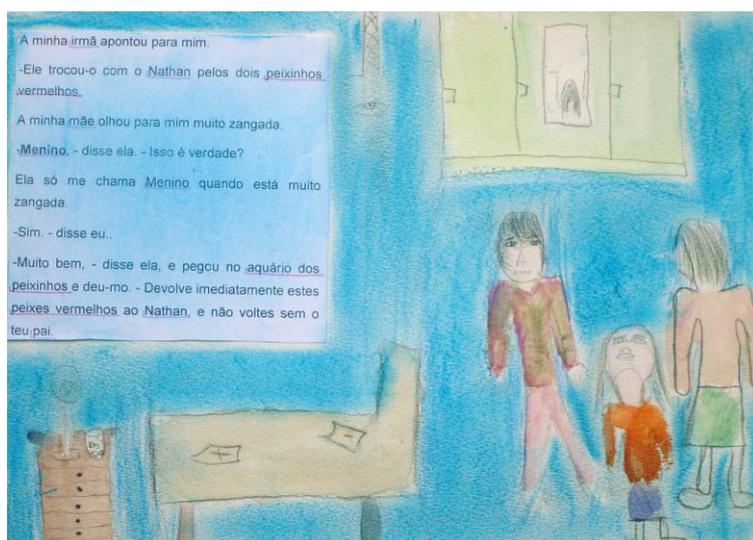


Ilustração 3.1.36 - 1.º Desenho do aluno N na 2.º fase do estudo

Na segunda fase, o aluno N (Ilustração 3.1.36) desenha uma sala de estar e um sofá, os personagens parecem estar envolvidos numa penumbra. O fundo aparece todo de azul, uniformizando paredes e chão, não havendo leitura dos dois planos.

O que torna o desenho estranho de entender, ao primeiro olhar, na segunda fase o aluno desenha a irmã de frente e no meio do irmão e da mãe, que parece receosa e encolhida a olhar para cima supostamente para a mãe que aqui aparece de costas. Não coloca as mãos da mãe ou não as pintou aliás, ao pintar oculta certamente as mãos da mãe ou mesmo da menina, uma vez que, pintou tudo de azul, chão igual à parede, o que retira qualquer apontamento de profundidade ou perspectiva associada. O problema é que o aluno estava a conhecer/experimentar pastel a seco e não dominava, ao pintar cobriu tudo o que tinha a paste seco, eliminando apontamentos de planos entre o chão e a parede, para além do mais, escolheu a mesma cor para ambos os planos, o que prejudica a leitura do observador.

A cor escolhida atribui uma envolvência sinistra ao desenho parecendo que lhe dá uma carga dramática, como se trata-se de um momento constrangedor. O aluno conseguiu porém mover o rosto da menina a olhar para cima usando recursos visuais, o pescoço e o queixo estão feitos de forma a que aparece mesmo com a cabeça a olhar para cima e para trás, para o irmão. A mãe virada de costas e o menino a olhar para a mãe! Uma atitude de conversa, revelando ou sugerindo que algo se está a passar aqui. O aluno teve o cuidado de não colocar todos de frente, pois no seu primeiro desenho a menina está a apagar e em vez de estar de

costas está de frente a apagar o que está nas suas costas (o que seria um pouco difícil) estava também a desenhar os eixes de frente para o observador.

Notasse que o aluno N refletiu espontaneamente, contrariando essa forma de desenhar, esforçando-se por comunicar com o observador. Estes alunos nestas idades, parece-me que primeiramente desenharam para eles, raramente contam histórias. É preciso organizar a mente para transmitir uma ideia e essa ideia ser legível, sem recurso às palavras.

A postura dos personagens, a atitude corporal, tudo isso tem leitura, tudo pode ser sujeito de interpretação, fazer o aluno compreender que o desenho é uma linguagem e pode ser usado para transmitir ideias, contar sequências de factos. Este aluno entendeu que será estranho desenhar personagens, de costas para o desenho e de frente para o observador, que como uma foto, se ele tivesse a tirá-la ao personagem em ação, por certo estaria de costas para nós.

Eu nunca o chamei à atenção nesse aspeto, mas frisei para todos em geral que os personagens deveriam agir entre eles e que os alunos deveriam ter isso em atenção. Também sublinhei que deveriam experimentar, colocar-se ainda que abstratamente, no lugar dos personagens. Por diversas vezes, lhes disse que nenhum dos personagens estaria a pousar para uma fotografia, parados a olhar para nós.

Ilustração 3.1.37 2.º Desenho do aluno N na 2ª fase do estudo



Ilustração 3.1.37 - 2.º Desenho do aluno N na 2ª fase do estudo

No segundo desenho (figura 3.1.37) há um apontamento de escada vista de lado. A menina tem um pano na boca (está amordaçada) e a mãe antecipa o gesto de quem vai lhe tirar o trapo da boca. Aqui o aluno já desenhava as mãos na mãe, por isso na outra abordagem

pintos as mãos de azul. O desenho não está pintado. O traço é penteado, e desenhos os cabelos todos das personagens.

Ilustração 3.1.38 Desenho do aluno O na 1.º fase do estudo



Ilustração 3.1.38 - Desenho do aluno O na 1.º fase do estudo

O aluno O teve um registo muito engraçado no primeiro desenho (Ilustração 3.1.38). Dividiu a folha em dois, ao alto, depois de um lado colocou uma porta e uma varanda e do outro um marco do correio. Desenhou uma caixa comprida colocando lá dentro o pai, que iria por o correio, com destino para fora, iria assim mandar o pai para bem longe. Prático e direto, o pai embrulhado numa caixa de frigorífico, com destino remessado e sem rodeios (o pai era algo descartável e que facilmente se resolvia o assunto, mandando-o para o outro lado do mundo).

Na parte de baixo da folha está o menino a tirar do correio um aquário com dois peixinhos vermelhos.

Este desenho tem muita piada, porque é dinâmico. Primeiramente, os braços do menino orientam-se para a sua esquerda, dirigindo o olhar do observador para o embrulho do pai, que está dentro da caixa, estando o menino com os braços virados para casa a receber o aquário. O aluno solucionou de uma forma legível a sua interpretação visual, isto é, entre uma ação e outra, transmite dinâmica, pela expressividade do movimento e direção dos braços, levando o leitor a olhar para onde o criador quer que olhe, ora para a caixa ora para o aquário. Ao estilo da BD, linguagem visual simples e direta.

A figura humana do desenho deste aluno é muito regular e com formas muito maciças, como se de formas geométricas se trata-se (volumes/sólidos geométricos)

No entanto, resulta num tipo de desenho curioso a nível estético e criativo. Faz mesmo lembrar desenhos de ilustradores infantis, carismáticos. Provavelmente, muitos quereriam chegar a esta forma.

Ilustração 3.1.39 Desenho do aluno O na 2.º fase do estudo

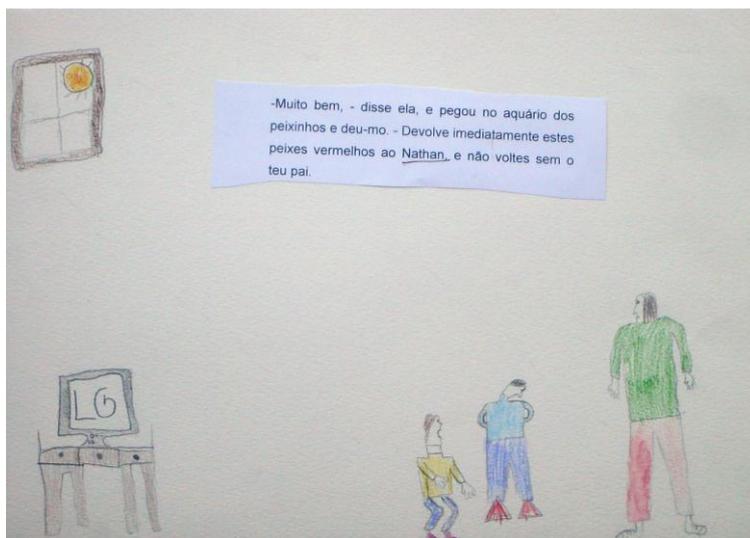


Ilustração 3.1.39 - 1.º Desenho do aluno O na 2.º fase do estudo

Na segunda fase, o aluno O (Ilustração 3.1.39) retrata a ação em que a mãe se zanga e manda o menino devolver os peixes, a mãe parece que cresce e torna-se enorme, que desde já é muito expressivo por si só.

O menino está com a cabeça baixa e a menina a falar como que a dizer o que o irmão tinha feito. Os seus bonecos parecem caricaturas, o aluno poderia ter evoluído mais, mas é um pouco preguiçoso. O aluno tem dificuldades em desenhar a figura humana, os corpos quase não têm pescoços o que poderia ser uma mais-valia se fosse propositado, pois resulta bem em bonecos, ficam curiosamente engraçados.

O aluno recorre a alguns elementos dentro da BD. No primeiro trabalho da primeira fase, teve necessidade de subdividir a folha e usa balões de pensamento. Num dos desenhos cita: “Isto não é uma troca justa, o aluno tenta colocar o Nathan a dizer que não, simulando esse movimento do rosto da esquerda para a direita, e o menino a ter a ideia de dar o pai em troca, que está a ler o jornal. A irmã está sentada a coçar a cabeça, com a expressão oh, oh,! só que o braço está tão comprido!

Ilustração 3.1.40 2.º Desenho do aluno O na 2ª fase do estudo



Ilustração 3.1.40 - 2.º Desenho do aluno O na 2ª fase do estudo

Na segunda fase, o aluno O (figura 3.140) retrata a ação em que a mãe se zanga e manda o menino devolver os peixes, a mãe parece que cresce e torna-se enorme, que desde já é muito expressivo por si só.

O menino está com a cabeça baixa e a menina a falar como que a dizer o que o irmão tinha feito. Os seus bonecos parecem caricaturas, o aluno poderia ter evoluído mais, mas é um pouco preguiçoso. O aluno tem dificuldades em desenhar a figura humana, os corpos quase não têm pescoços o que poderia ser uma mais-valia se fosse propositado, pois resulta bem em bonecos, ficam curiosamente engraçados.

O aluno recorre a alguns elementos dentro da BD. No primeiro trabalho da primeira fase, teve necessidade de subdividir a folha e usa balões de pensamento. Num dos desenhos cita: “Isto não é uma troca justa, o aluno tenta colocar o Nathan a dizer que não, simulando esse movimento do rosto da esquerda para a direita, e o menino a ter a ideia de dar o pai em troca, que está a ler o jornal. A irmã está sentada a coçar a cabeça, com a expressão oh, oh,! só que o braço está tão comprido!

No 2º desenho (Ilustração 3.1.40) a menina diz que o pai chapina e esparrinha na piscina, com um balão a sublinhar essa ideia na fala da irmã. Importante o aluno usa as mesmas cores para identificar as mesmas personagens.

Ilustração 3.1.41 Desenho da aluna P na 1.º fase do estudo



Ilustração 3.1.41 - Desenho da aluna P na 1º fase do estudo

Em relação ao primeiro desenho a aluna P apresenta um registo muito infantil e imaturo (Ilustração 3.1.41). A linha que utiliza é muito inconstante e apresenta características que vulgarmente se apelidam de penteadas, que traduz insegurança e hesitação é um desenho muito básico, a aluna representa uma praia onde a menina vai pescar com o pai. Dividiu a folha em dois, onde há uma sequência, que não é perceptível no desenho, é difícil entender o que a aluna, pretende dizer. Ao representar a praia, penso que a sugestão veio da colega do lado que também recorreu à representação da praia, e por isso não se entende o que queria dizer porque simplesmente se colou ao colega, questionei a aluna, posteriormente, e ela não sabia bem o que tinha desenhado na segunda divisão da folha.

Ilustração 3.1.42 Desenho da aluna P na 2.º fase do estudo



Ilustração 3.1.42 - 1.º Desenho da aluna P na 2º fase do estudo

No 2.º trabalho, a aluna P (Ilustração 3.1.42) representa o quarto de dormir do menino, os personagens são representados de forma básica infantil e pouco elaborada. A aluna é uma menina carente e com problemas de estruturação familiar. Mas pelo menos representou o menino e a irmã, que supostamente vai atrás dele. Consigo identificar a diferença de sexo porque a irmã está com o cabelo mais comprido e o suposto irmão apresenta o cabelo mais curto.

Representou algumas peças de vestuário espelhadas no chão, (uma vez que, o autor se refere ao quarto desarrumado). Verifiquei junto do aluno, quando a questionei verbalmente, sobre o que tinha desenhado.

Desenhou uma janela e cortinas e revestiu a parede com colagens de papéis coloridos e texturados. Mas, denota-se que fez o trabalho simplesmente, porque tinha de cumprir minimamente o que lhe foi pedido. A aluna tem uma postura relaxada, é muito distraída, não mostra interesse em geral pela escola.

Tem problemas de retaguarda familiar, segundo o que tenho vindo a aperceber-me e às reuniões intercalares que assisti no estágio. O que interfere muito na aprendizagem, a nível de concentração e de autorregulação do tempo destinado para as tarefas. Foi preciso por diversas vezes elogiá-la quando se aplicava mais, para a cativar. Várias vezes, falei com ela explicando o que tinha sido pedido, uma vez que, parecia nem sequer ter ouvido, e eu não podia arriscar não passar a mensagem que pretendia, assim insisti sempre com ela.

Ilustração 3.1.43 - 2.º Desenho da aluna P na 2ª fase do estudo

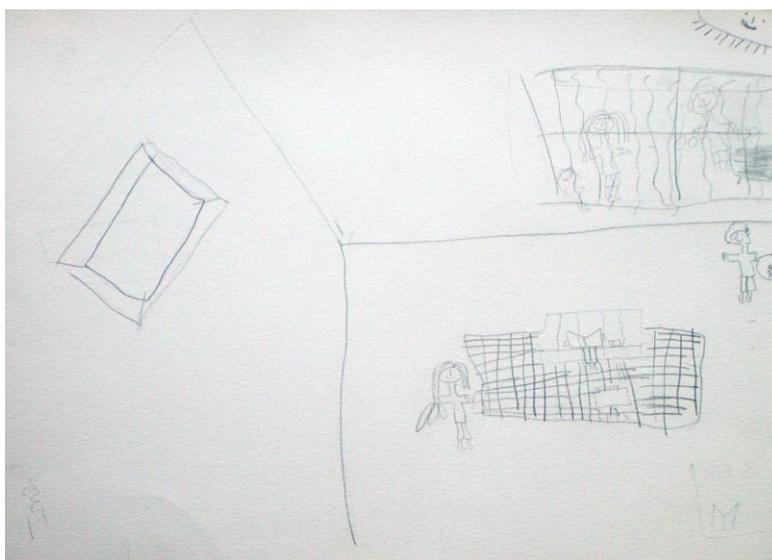


Ilustração 3.1.43 - 2.º Desenho da aluna P na 2ª fase do estudo

No 2.º trabalho, a aluna P (figura 3.1.43) representa o quarto de dormir do menino, os personagens são representados de forma básica infantil e pouco elaborada. A aluna é uma menina carente e com problemas de estruturação familiar. Mas pelo menos representou o menino e a irmã, que supostamente vai atrás dele. Consigo identificar a diferença de sexo porque a irmã está com o cabelo mais comprido e o suposto irmão apresenta o cabelo mais curto.

Representou algumas peças de vestuário espelhadas no chão, (uma vez que, o autor se refere ao quarto desarrumado). Verifiquei junto do aluno, quando a questionei verbalmente, sobre o que tinha desenhado.

Desenhou uma janela e cortinas e revestiu a parede com colagens de papéis coloridos e texturados. Mas, denota-se que fez o trabalho simplesmente, porque tinha de cumprir minimamente o que lhe foi pedido. A aluna tem uma postura relaxada, é muito distraída, não mostra interesse em geral pela escola.

Tem problemas de retaguarda familiar, segundo o que tenho vindo a aperceber-me e às reuniões intercalares que assisti no estágio. O que interfere muito na aprendizagem, a nível de concentração e de autorregulação do tempo destinado para as tarefas. Foi preciso por diversas vezes elogiá-la quando se aplicava mais, para a cativar. Várias vezes, falei com ela explicando o que tinha sido pedido, uma vez que, parecia nem sequer ter ouvido, e eu não podia arriscar não passar a mensagem que pretendia, assim insisti sempre com ela.

Nas aulas teóricas convidava-a a comentar as imagens e penso que era a melhor forma de a ter presente na aula. Com os trabalhos foi difícil, por vezes, a aluna tinha de começar de novo pois não tinha ouvido a proposta de trabalho e o resultado era completamente desfasado do pretendido. Depois de uma explicação pessoal e pormenorizada, a aluna conseguia por fim atingir alguns dos objetivos.

A maneira como colou os papéis rasgados de forma rápida e não objetiva, na tentativa de colorir dessa forma, foi numa atitude a “despachar”.

Em termos de cores o resultado não é mau, é agradável, no entanto, podia ser bem melhor, mais consciente, mais dirigido e não aleatório.

O desenho é muito básico com poucos pormenores relevantes e a perspetiva do interior do quarto, foi resolvida de forma a rebater todas as paredes, por isso, todos os planos verticais e horizontais estão ao nível do chão, aliás esta tudo ao mesmo nível!

Na sua 2.º abordagem, a aluna P (figura 3.1.43), colocou o pai num sofá a ler o jornal e o Nathan a chegar com o aquário, isto desfasadamente em relação à história, assim como a

mãe com as sacas das compras. Isto depois de eu estar ali com ela a decifrar o texto. Ela por palavras suas, simplesmente recapitulava quem eram os intervenientes.

Porém, no desenho, a aluna abre uma janela em que se vislumbra que os irmãos estão lá fora a brincar, a menina com as bonecas, barbies dela e o menino com bolinhas de lama pelo pescoço abaixo. Desta vez, a aluna conseguiu resolver razoavelmente o problema de representação de espaços distintos o de lado de fora e o de lado de dentro. A janela é algo bem pensado, mas o sol estragou um pouco a representação, pois está dentro da sala, apresenta-se no canto superior da folha de uma forma muito primária em relação à idade desta jovem, o que revela imaturidade a nível de desenho. O sol tinha forma de triângulo no canto superior direito da folha e tinha olhos e nariz. Teria lógica o sol ter feições numa ilustração se ele próprio fosse uma personagem o que não é o caso.

Há uma tentativa de representação de espaço interior, pois pediu explicações para solucionar esse problema que foram atendidas. Expliquei como se representa as paredes de uma sala. Posso concluir que no desenho colorido, embora não tenha sido construído cuidadosamente, a combinação de cores foi muito agradável, conquanto que me pareça escolhida ao acaso, ou a aluna tendencialmente opta por essas cores (pastel). A aluna tem uma presença suave e as cores que normalmente veste são igualmente suaves, talvez arrisque dizer que estas são as suas cores preferidas!

Ilustração 3.1.44 Desenho da aluna Q na 1.º fase do estudo



Ilustração 3.1.44 - Desenho da aluna Q na 1º fase do estudo

A aluna Q no primeiro desenho (Ilustração 3.1.44) representou uma praia, diz que resolveu trocar a companhia do pai pela observação dos 2 peixinhos vermelhos que poderia ver no mar, atribuiu vários pormenores para que possa ser perceptível o que está a desenhar.

No mar representa peixes, caranguejos, búzios, estrelas do mar e pinta a água de azul. Na areia representa o guarda sol, toalhas, uma máquina de gelados, bolas e uma gaivota, assim, como não poderia deixar de representar o sol, apesar de tantos pormenores, falta a linha do horizonte que divide a terra do céu, pode não ser linha, pode ser mancha.

O pai veste calções de praia e está mais recuado mais afastado perto das duas toalhas, certamente a dela e a do pai, a menina terá ido até à água, com um balde e uma cara sorridente a observar os peixes.

Ilustração 3.1.45 Desenho da aluna Q na 2.º fase do estudo

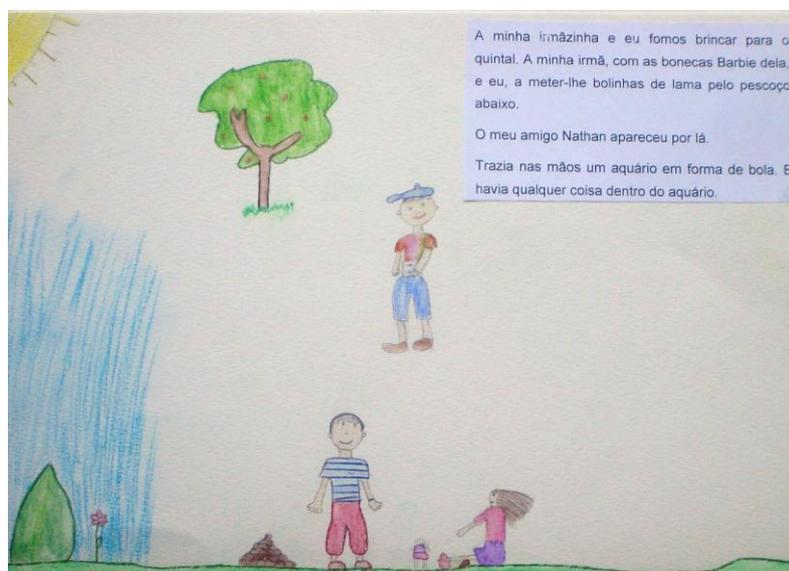


Ilustração 3.1.45 - 1.º Desenho da aluna Q na 2º fase do estudo

A representação da figura humana está muito equilibrada, no entanto, os braços estão muito rígidos, em comparação com o primeiro desenho. A aluna Q reinterpreta os pés de forma diferente (Ilustração 3.1.45).

No primeiro desenho os pés aparecem um para cada lado, um para a direita, outro para a esquerda.

Ilustração 3.1.46 - 2.º Desenho da aluna Q na 2ª fase do estudo



Ilustração 3.1.46 - 2.º Desenho da aluna Q na 2ª fase do estudo

Na segunda fase, na qual ilustra a história, a aluna opta por lápis de cor de aguarela e aplica-os com razoabilidade! (Ilustração 3.1.46). O Nathan aparece com azul, um boné e uma camisola às riscas verticais e de calções. Para diluir a mancha, deu-lhe uma pincelada de água atribuindo-lhe características de pintura de aguarela.

Representou o menino e a irmã, que sentada brinca com a barbie, curiosamente ao lado do menino há um monte de bolinhas de lama, deve estar a preparar-se, para as meter pelo pescoço abaixo da irmã, como dita o seu texto! Tem piada, que ia pintar o céu de azul, mas deparou-se com uma árvore no meio do caminho assim como o Nathan, e ficou por aqui, não resolveu o seu problema, pois podia ter traçado uma linha de terra algures entre o arbusto e a árvore. Mais um aluno que não terminou o desenho. Tanto representa o chão como tão depressa representa a profundidade, com elementos que pontuam aqui, ali e acolá. A árvore que aparece no fundo do desenho talvez defina o limite do horizonte, no entanto, já estava a representar o céu perto da linha do chão pintando esse espaço de azul.

Gostava de ter visto como iria contornar essa situação porque a linha de terra que pintou de verde pousou nos pés do menino da irmã, no entanto, o Nathan vem lá mais atrás e teve necessidade de usar o espaço como representação de profundidade. No entanto, ao pé do menino há uma árvore ou arbusto que representou com o céu azul por trás.

Ilustração 3.147 Desenho do aluno R na 1.º fase do estudo



Ilustração 3.1.47 - 1.º Desenho do aluno R na 1º fase do estudo

O aluno R no seu primeiro registo (Ilustração 3.1.47) desenhou uma praia, o mar e a areia, colocou o menino (ele) a nadar atrás de dois peixes vermelhos, lançando-lhes uma rede de pesca. No meio do mar está o pai com os braços erguidos (certamente gesticulando e com a boca aberta, em círculo como que a gritar, a afogar-se)!

O aluno R prefere ficar a nadar atrás dos peixes a ter que salvar o pai. Este aluno, a desenhar tem uma atitude muito preguiçosa, podia esforçar-se mais. No entanto, esteve com muita atenção à história.

Ilustração 3.1.48 1.º Desenho do aluno R na 2º fase do estudo

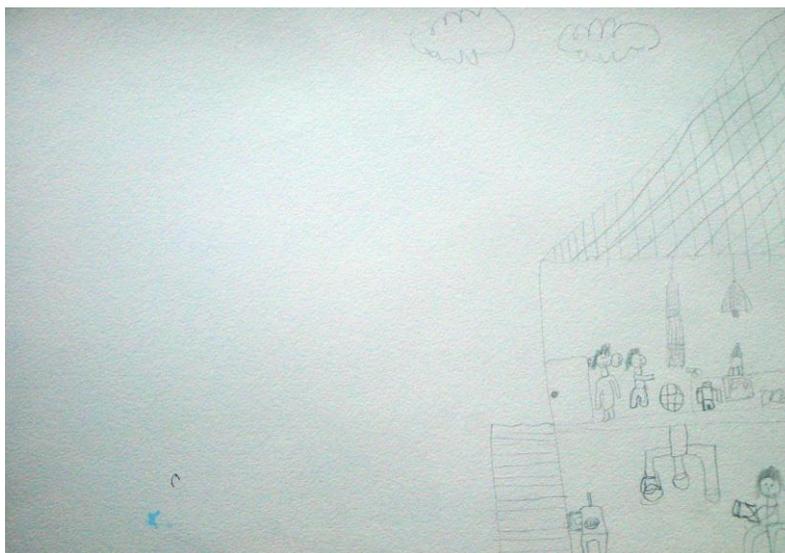


Ilustração 3.1.48 - 1.º Desenho do aluno R na 2º fase do estudo

O segundo desenho, o aluno R (figura 3.1.48) não teve tempo para pintar, mas arranjou situações representativas na sua casa, apresenta um corte na fachada da casa onde se pode ver também uma escada, desvendando dois pisos. No piso de baixo um candeeiro a televisão e o pai em frente a ela a ler o jornal, sentado no sofá.

No piso de cima um candeeiro, a cama vista de lado e a porta vista de frente. Pode ver-se a bola e o saco de boxe pendurado. Só que na maior parte das vezes o aluno não desenha os pés na representação da figura humana. Ao representar o telhado o aluno estica-o em demasia, embora, seja o telhado em bico, nunca poderia ser tão alto.

Ilustração 3.1.49 Desenho do aluno R na 2.º fase do estudo

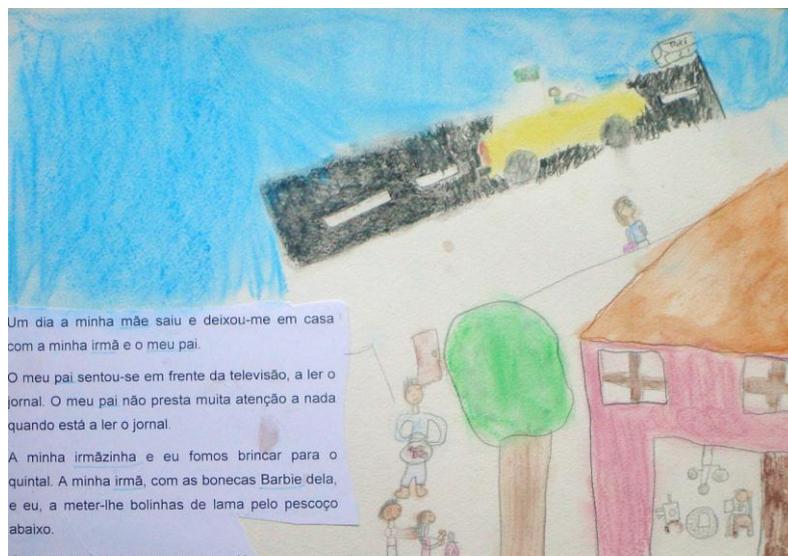


Ilustração 3.1.49 - 2.º Desenho do aluno R na 2º fase do estudo

No desenho da segunda fase, o aluno R (Ilustração 3.1.49) representa a figura humana com uma escala assertiva, em relação à casa, no entanto, na organização espacial, a mãe ao ir às compras como que a subir uma rua o traçado dessa faixa, falha na organização espacial (faltam pormenores que a classificam no espaço, mas que o aluno nitidamente desistiu ao tentar arranjar soluções).

Mas o corpo humano está pouco desenvolvido, ainda está muito básico, na organização espacial o aluno R confunde-se com a representação da perspetiva, coloca uma estrada que em relação à casa em planos desfasados, por exemplo. A casa está vista de cima e o carro visto de lado (coloca no mesmo desenho objetos vistos de pontos de vista diferentes).

A figura humana está pouco desenvolvida, ainda está muito básica, na organização espacial o aluno R confunde-se com a representação da perspetiva, coloca uma estrada que em

relação à casa em planos desfasados, por exemplo. A casa está vista de cima e o carro visto de lado (coloca no mesmo desenho objetos vistos de pontos de vista diferentes).

Na abordagem seguinte (figura 3.1.49), a escala da figura humana em relação à casa é apresentada assertivamente, no entanto, na organização espacial, a mãe ao ir às compras como que a subir uma rua o traçado dessa faixa, falha na organização espacial (faltam pormenores que a classificam no espaço, mas que o aluno nitidamente desistiu ao tentar arranjar soluções).

Na colocação das janelas o aluno ainda não evoluiu na tendência de ajustar a parte de cima dessas ao telhado, ainda não despendeu tempo para ajustar a imagem à realidade do espaço envolvente. Se observar mais esse erro provavelmente vai ser resolvido. A rua ao lado da casa surge vista de cima, porém o carro que lá está representado surge rebatido. Muita confusão em termos de organização espacial.

Ilustração 3.1.50 Desenho do aluno S na 1.º fase do estudo



Ilustração 3.1.50 - 1.º Desenho do aluno S na 1º fase do estudo

O aluno S na sua primeira abordagem (figura 3.1.50) foi surpreendente na escala da figura humana e a própria abordagem aos acessórios, cinto nas calças de ganga, inclinações dos bolsos as proporções estão quase atingidas. No entanto, o seu desenho está idêntico ao do aluno T, uma vez que, estiveram ao lado um do outro, mas quem copiou por quem (?), eu penso que foi este aluno o precursor da ideia, porque no segundo momento mantém o mesmo instinto criador.!

Retrata uma transação, onde o filho entrega o pai a um bandido, de aparência Pirata, com uma pala no olho. O pai trás cruelmente um preço, fixado na orelha, e o filho estampado na camisola exhibe um escudo, como alguém que só pensa em dinheiro. O pirata entrega um

aquário, como combinado Mas nesta situação ninguém aqui salva o pai, como no colega do lado.

O aluno S por imagens, conta a ação de um menino que foi levar o pai a troco de dinheiro (colocou na cabeça um balão que representava cifrões, muitos desenhos de cifrões, ou seja, dinheiro) e sarcasticamente o pai tinha na orelha uma etiqueta com o preço e o indivíduo que ia fazer a troca, sujeito da troca tinha uma pala de pirata, um óculo que lhe conferia um olhar sinistro.

No desenvolvimento do texto, isto é na segunda fase (Ilustração 3.1.51) o aluno apresenta soluções muito plásticas para a interpretação da história. Apresentou planos da casa em duas situações diferentes, na primeira estava o Nathan que o esperava, com a porta aberta e na casa mais acima perspectiva-se a Paty, a casa que ele iria em seguida. O desenho apresenta sentido de harmonia e de agradabilidade.

Em relação à escala do primeiro desenho e no segundo, no primeiro o pai é mais alto que o filho e da mesma altura do bandido.

Ilustração 3.1.51 Desenho do aluno S na 2.º fase do estudo



Ilustração 3.1.51 - 1.º Desenho do aluno S na 2.º fase do estudo

No segundo desenho (Ilustração 3.1.51), o menino é mais alto do que a irmã mais nova (que a leva pela mão) e da mesma altura que o Nathan e que a Paty, porém a sua capacidade de desenvolvimento de uma história ou na solução de problemas é impressionante. O desenho apresenta uma série de simbologias que leva a um entendimento mais fácil da história, quero dizer que gostei muito deste trabalho, e o considero muito bom.

A figura humana vista por trás e os pés vistos de trás e um pouco de cima apresentam uma sensação de perspectiva, as cores que definem os personagens repetem-se quando são os mesmos em diferentes ações, o que é muito positivo, o aluno parece apresentar estilizações na forma como apresenta as calças de ganga com os pormenores corretos, neste caso, os bolsos das costas das calças e no primeiro desenho os bolsos da frente das calças. O aluno consegue compilar de forma sucinta e legível duas situações distintas.

Ilustração 3.1.52 2º Desenho do aluno S na 2ª fase do estudo



Ilustração 3.1.52 - 2º Desenho do aluno S na 2ª fase do estudo

No segundo desenho (figura 3.1.52) ao quarto do Nathan (que por pena minha não concluiu a pintura), o aluno representa o quarto com imensos pormenores bem desenhados, e de memória, a guitarra, a estante em perspectiva, muito bem conseguida, assim como, a cama também é representada em perspectiva, uma bola, o avião, um camião, os livros, um urso, até colocou coisas debaixo da cama e deu um bom enquadramento ao quarto, não descorando o ponto de vista. Este aluno é muito observador, pois desenha tudo com um pormenor excelente. Desenhou tomadas, meias no chão, tapetes...e o mais importante é que não tentou desenhar o quarto todo, abriu um enquadramento apanhando exatamente o que queria mostrar (muitos dos seus colegas querem mostrar tudo e depois não sabem como resolver).

Para ilustrar a ação, o aluno coloca o menino em cima do Nathan, a imagem aparece enquadrada situando-se na parte lateral direita da folha formando um quadrado, assim como, na abordagem da primeira ação, em que o menino se dirige ao Nathan.

Na representação da figura humana o aluno deverá apresentar melhores soluções, no que respeita às articulações dos braços, pois parece que os cotovelos não articulam

naturalmente, terá de aprender a dobrar corretamente os braços. Este aluno tem muitas potencialidades.

Ilustração 3.1.53 Desenho do aluno T na 1.º fase do estudo



Ilustração 3.1.53 - 1.º Desenho do aluno T na 1.º fase do estudo

O aluno T esteve sentado ao lado do aluno S, e têm no primeiro desenho situações idênticas.

A escala da figura humana é idêntica ao do seu colega, mas este facto não foi de todo mau, porque nesta situação concreta sinto que um desafiou o outro e este foi mais longe na sua hilariante história.

Este primeiro desenho, (Ilustração 3.1.53) o aluno representa um menino que leva o pai (que tem o coração partido estampado numa camisola) como se o peito do pai fosse transparente e se conseguisse ver o coração, como as pinturas do coração de Jesus Cristo... Ou foi simplesmente uma solução de humor em que estampa o coração do pai... representando o seu estado de espírito. Aliás o pai está a chorar com as lágrimas a cair-lhe do rosto.

O menino aparece praticamente do mesmo tamanho que o pai, ele deve ter reparado e corrigiu essa situação com um chapéu que colocou no pai (penso que pode ter sido por isso, porque se vê que foi redesenhado à posteriori, porque se nota que a parte de cima da cabeça foi apagada para lhe colocar o chapéu. O rosto do filho está com uma expressão triste, o aluno recorreu ao semicírculo na posição invertida como uma simbologia de BD em que é utilizada a direção da boca como conotação de agrado ou desagrado.

Nitidamente, neste desenho trata-se da história de uma transação de uma troca em que o objeto é o pai, em que o próprio filho o faz com tristeza. Do lado direito aparece um “um bandido” que está no balcão a vender peixes, tem um chapéu de pirata e uma camisola às riscas. A prestativa da mesa é apresentada de forma bastante correta. O mais engraçado e surpreendente é a solução que ele arranja na parte superior direita da folha, aparece um helicóptero da polícia que surpreende o bandido apontando-lhe uma arma de raio lazer.

O helicóptero tem 3 cores em faixa, a parte da frente é azul e atrás é verde, a cauda é vermelha e os policiais têm representado também um foco de luz, que provavelmente seria para surpreender o bandido a tempo de ficar com o pai do menino. Na cabine do helicóptero desenhou um indivíduo a pilotar e uma porta aberta, em que o polícia aparece de pé a apontar uma arma que mais parece o braço na forma de espingarda.

Na representação da figura humana a escala está correta em termos de proporções, mas, no entanto, há aqui dificuldades em representar corretamente a articulação do corpo humano, mais precisamente nos cotovelos. Parecem homens elásticos em que os braços se movem de forma aparentemente maleável tudo menos articulações de aparência anatómica.

Ilustração 3.1.54 - 1.º Desenho do aluno T na 2ª fase do estudo

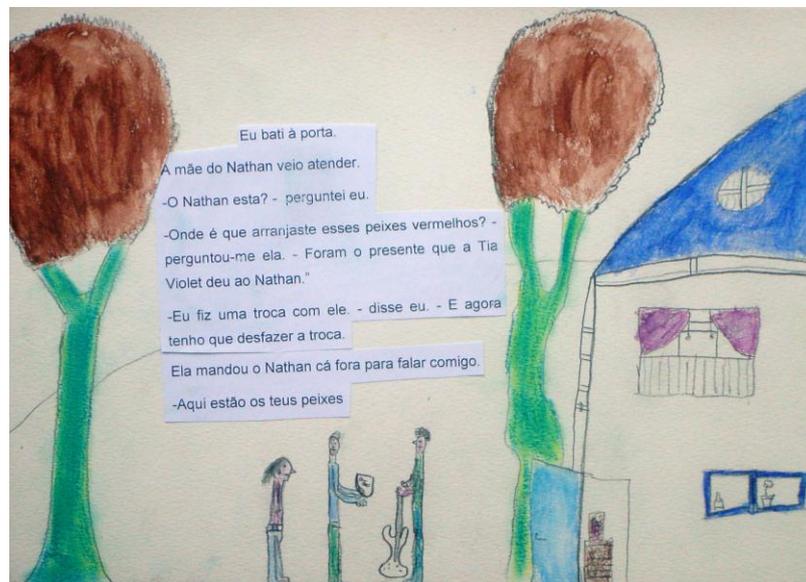


Ilustração 3.1.54 - 1.º Desenho do aluno T na 2ª fase do estudo

Na primeira abordagem de segunda fase (figura 3.1.54), o aluno T representou o menino a devolver o aquário ao Nathan, que em primeiro lugar quero referir que em termos de organização da folha o aluno não teve cuidado de deixar espaço para o texto, isto é, foi-lhes pedido para se organizarem na folha do lado do lado direito para o texto aparecer no lado esquerdo.

Ilustração 3.1.55 Desenho do aluno T na 2.º fase do estudo



Ilustração 3.1.55 - 2.º Desenho do aluno T na 2º fase do estudo

Nesta segunda fase, como os alunos foram todos separados para não tenderem em copiar uns pelos outros, o aluno neste trabalho já se distancia do seu colega S. O aluno completou praticamente dois desenhos, concluindo a pintura (Ilustração 3.1.55). O que se destaca mais no seu trabalho é a tentativa de ser criativo, na alternância das cores quanto à sua característica original, quando pinta a árvore propositadamente alterna o sentido das cores, o tronco aparece verde e a copa castanha, o telhado azul, penso que se divertiu a fazer esta abordagem, embora não com sentido lógico ou conceptual. Pois, o aluno como se pode constar no primeiro desenho da primeira fase, apresenta bom sentido de humor! De referir que o aluno representa a escala aproximada das árvores em relação à casa e em relação às pessoas.

Este aluno também já não vira os personagens para o observador externo à história, os personagens falam entre si e quando o menino devolve ao Nathan o aquário olha para a irmã, pois o rosto está virado para a mesma. Quanto à figura humana, continua rígida e as formas vistas de perfil não têm.

Ilustração 3.1.56 Desenho da aluna U na 1.º fase do estudo



Ilustração 3.1.56 - 1.º Desenho da aluna U na 1º fase do estudo

A aluna U, na primeira abordagem desenvolveu duas histórias, dois desenvolvimentos possíveis, para o título apresentado (Ilustração 3.1.56). No primeiro, a menina iria a uma loja de peixes, teve a necessidade de fazer um percurso até à loja, isso na parte de cima do desenho. Na parte inferior da folha, representou o mar diferenciando as lojas entre peixes do aquário e peixes do mar. Subentende-se que trocou o pai pela pesca de dois peixinhos vermelhos. No canto inferior direito, desenhou uma casa, colocou duas janelas uma das quais com varanda e desenhou também uma porta de garagem. Na parte inferior esquerda a aluna coloca o mar, não conseguiu colorir totalmente a pintura.

Denoto dificuldades na orientação espacial, de como se orientar na folha de papel.

Na divisão da folha, há um caminho traçado na parte superior do suporte de papel A3, e na parte inferior outro caminho traçado. Num espaço no meio, a aluna iria colorir de azul, iria pintar o céu. Talvez não tivesse concluído por falta de tempo, no entanto, a aluna iria pintar este espaço, pois trata-se do céu. Haveria uma parte de cima e uma parte de baixo do céu, com casa e mar, nesta idade denoto que muitos alunos têm dificuldades em perceber espaços e transpô-los corretamente.

Talvez porque ainda não tenham refletido convenientemente, nem observado corretamente, ou mesmo, nunca tenham experiencializado devidamente. Pois há soluções visuais, esquemas de representação!

Quanto à figura humana, as proporções não são as melhores, a aluna não lhe coloca mãos nem dedos. A figura humana ainda está imatura, muito básica.

Ilustração 3.1.57 Desenho da aluna U na 2.º fase do estudo



Ilustração 3.1.57 - 1º Desenho da aluna U na 2º fase do estudo

Na segunda abordagem a aluna U (Ilustração 3.1.57) retrata a casa do Blinky, ao que se denota que se esforçou muito, e de referir que se aplicou bastante durante as aulas, participativa e interessada. Pela minha observação, é uma aluna distraída e vaidosa, no entanto, quando dei início à minha unidade de trabalho a dada altura tive a nítida sensação que ela estava a gostar do tema. Por diversas, vezes elogiei as suas atitudes e a sua concentração. A aluna, correspondeu plenamente, esforçando-se e os seus resultados foram muito melhores.

Ao ilustrar, a aluna U colocou um ambiente visto de cima, porém a casa aparece rebatida, assim como os personagens envolvidos. Denoto dificuldade em ordenar o espaço, no entanto, há uma tendência modernista na conceção estética da casa.

Tratando-se de um personagem rico, abastado, a aluna U sugere muito espaço envolvente, enquadrado em verde recortado por uma rua que ladeava a casa. A aluna pintou a sua ilustração cuidadosamente e a combinação das cores está agradável e harmoniosa, a figura humana melhorou, pelo menos já colocou as mãos. Porém, ao retratar o personagem enganou-se no género. Segundo a história, o Blinky efetivamente tinha uma casa muito grande, quem entra nesse quadro de ação é o menino, o mordomo e o Blinky, que se ausenta para ir buscar o coelho de orelha preta.

Mas a aluna U, nessa ação representa duas figuras femininas, o que está incorreto pelo menos para a legenda que se encontra colada na ilustração (ou leu mal ou entendo como sendo duas figuras femininas).

Tudo o resto está como pedido, a ação desenrola-se do lado direito da folha de papel e o texto é colado da parte esquerda, embora com jeito inclinado o que dificulta a leitura. A aluna U pode ter-se enganado na frase que colou ou confirmar o que escreveu no trabalho que fez, poderia estar a retratar a Paty e aí já se enquadram duas personagens femininas.

Ilustração 3.1.58 2.º Desenho da aluna U na 2º fase do estudo



Ilustração 3.1.58 - 2.º Desenho da aluna U na 2º fase do estudo

Na sua 3ª abordagem (figura 3.1.58) desenhou o Blinky e foi extraordinária a forma como enquadrou o desenho. A figura humana aparece mais equilibrada nas proporções, praticamente a altura do rapaz acompanha a altura da folha ao baixo. Aprendeu isto ao desenhar à vista na aula sobre os desenhos da Paula Rego, falamos de enquadramento, da relação desenho e folha e da leitura que o espaço poderá ter. Embora, tivesse naturais dificuldades em colocar o coelho no colo do menino, a aluna coloca-o à frente. O coelho é apresentado numa escala gigante, mas desenhado com uma abordagem abonecada. De salientar que, a aluna só desenhou uma mão à vista num braço pendente, a outra mão por certo estaria a agarrar o desenho! De referir que, efetivamente este aluna evoluiu muito.

De referir que, efetivamente este aluna evoluiu muito.

Ilustração 3.1.59 Desenho do aluno V na 1.º fase do estudo



Ilustração 3.1.59 - 1.º Desenho do aluno V na 1º fase do estudo

Este desenho revela um indivíduo a praticar mergulho. Aparentemente, não se entende a relação com o título, mas com esforço penso que sei o que o aluno pretende, mas não é válido, os desenhos têm de ser entendíveis, têm de poder ser lidos. Certamente o aluno V quis dizer o que preferiu.

Este aluno é muito inquieto, no entanto, esteve muito atento às aulas, semi-práticas participando assertivamente.

No seu primeiro registo plástico (Ilustração 3.1.59) trocou o pai efetivamente pela pesca submarina, onde encontrou 2 peixes vermelhos. Trocou o pai no sentido de preferir ir à pesca do que ficar na sua companhia.

A figura humana que este aluno reproduz é muito geométrica, isto é, muito à base de retângulos, quadrados e círculos. No desenho em causa o aluno parece-me que já passou mais tempo a observar peixes do que pessoas. No caso do tubarão está mais próximo do original do que a figura humana, embora falte parte das barbatanas. Curiosamente, na representação do fundo do mar, não esqueceu de enumerar algumas rochas e plantas.

O mais engraçado é que o sol aparece como se do céu a representação se tratasse. Isto é, não tendo nenhuma alusão ao título, o que acontece em todos os alunos.

Quem estiver a olhar para o desenho desconhecendo os propósitos, vê o sol, vê os peixes, e fica efetivamente sem saber se é sustentado por uma narrativa por trás, ou se é aleatório a organização e posicionamento dos personagens no espaço. A forma como colocou

o filho de lado, é como se flutuasse, induz-nos ao fundo do mar. O indivíduo poderia estar de costas, deitado ou de lado. No entanto, a atribuição de alguns elementos que identificam o local ajuda a uma melhor perceção do mesmo. O sol efetivamente podia ser visto do fundo do mar.

Ilustração 3.1.60 Desenho do aluno V na 2.º fase do estudo

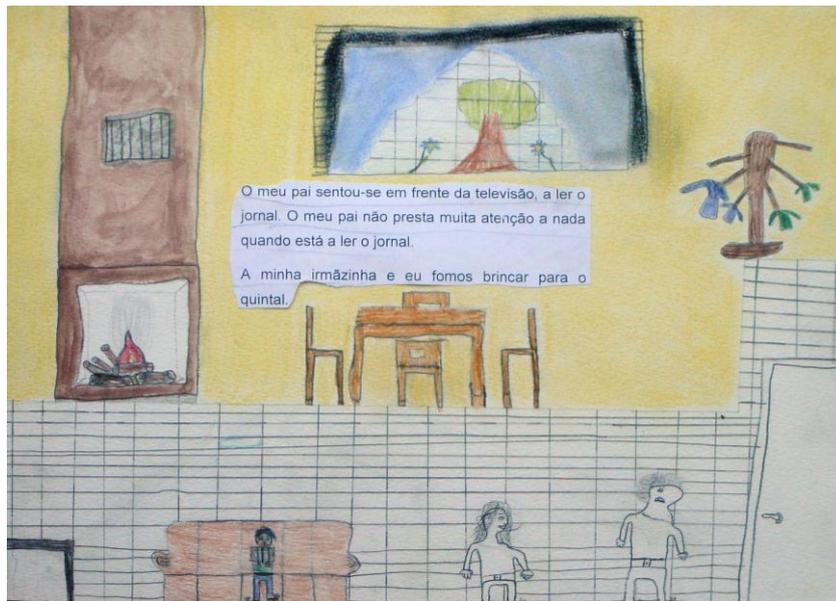


Ilustração 3.1.60 - 1.º Desenho do aluno V na 2º fase do estudo

A segunda abordagem deste aluno (figura 3.1.60), está cheia de pormenores, notasse que foi despendido bastante tempo com o desenho.

Desenhou uma sala e uma janela, onde se pode ver o interior da casa (sinal de que sabe resolver essa dificuldade ou essa questão – espaço dentro do espaço – quadro dentro do quadro.)

Desenhou o pai no sofá a ler o jornal, a televisão ao lado do sofá, mas virada para o observador, podia ter feito a televisão de lado, mas certamente isso não lhe ocorreu, e só a prática do desenho e o conhecimento amplo visual faz com que a realidade funcione a par com a memória visual, para que se possa recorrer quando se recria um espaço inexistente.

Enquanto, os dois irmãos se dirigirem para o jardim para brincar, retratou o pai no sofá a ler o jornal. A televisão ao lado do jornal. Mais um aluno que representa a figura humana com formas muito rígidas, como se trata-se de sólidos geométricos. A base do tronco é um quadrado e a cabeça da irmã, por exemplo, é um círculo. Curiosamente, o resto do menino é um círculo. Faz lembrar o caçador da pantera cor-de-rosa, a forma como ele desenhou o perfil do rosto é idêntica ao rosto desse personagem.

O corpo é representado de frente e o rosto de perfil, no entanto, as cadeiras e a mesa assumem a representação em corte. A lareira é muito estilizada. A forma como o aluno representa o espaço, no chão colocando soalho, recorrendo para isso à régua, para fazer a esquadria. Esse pormenor atribui ao desenho textura, recorrendo ao padrão repetitivo que lhe confere ritmo e ao mesmo tempo ordem. A forma como colocou a porta está incorreta pois parece que a abertura é para o exterior, está no chão e não na parede que seria antes a intenção do aluno.

Teve dificuldade de arranjar formas visuais simbólicas para solucionar corretamente a pintura da porta em relação à parede em perspetiva, não dominando ainda que basicamente esta matéria. É impossível resolver questões muito simples como esta. O aluno coloriu o desenho.

O pormenor da lareira acesa também é curioso, porque desenhou muito bem as canhotas e as chamas e na abertura da lareira, atribuiu profundidade pois desenhou as paredes da mesma com a perspetiva correta, o que não se entende porque não consegue fazer o mesmo na sala. O desenho está agradável.

Ilustração 3.1.61 2.º Desenho do aluno V na 2ª fase do estudo

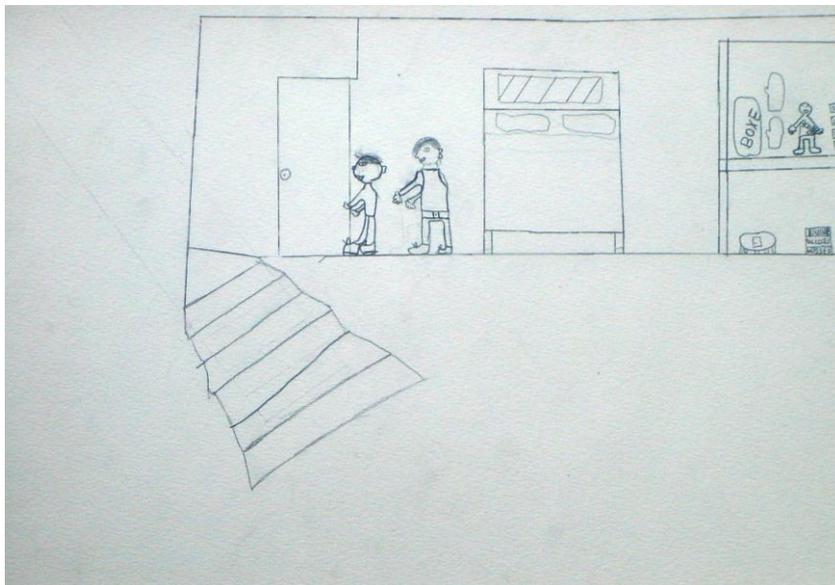


Ilustração 3.1.61 - 2.º Desenho do aluno V na 2ª fase do estudo

No segundo desenho da segunda fase (figura 3.1.61) o aluno V desenhóu o quarto do menino com estantes onde os brinquedos aparecem arrumados ordenadamente, nas prateleiras o que não vai muito ao encontro da ideia do texto pois depreende-se que o quarto está desarrumado. No quarto do menino, o aluno desenhóu uma porta e atrás dessa porta uma

escada, certamente para o andar de baixo. Não desenhou o chão como espaço preenchido. Toda a ação se passa na linha ténue atribuída ao andar de cima correspondente à divisão de dormir.

A solução de ligação do 1º piso é através da escada até ao rés do chão, irrompendo da mesma linha de terra, uma escada que fez ligação a um espaço neutro, com ausência de pormenores que nos indiquem de que divisão se trata.

O aluno manipula corretamente o material gráfico (lápiz de aguarela e pastel seco), era uma criança, à partida inquieto, mas não sujou o desenho, o que denota concentração por parte do aluno e acima de tudo, gostou do que fez, o traço do aluno é limpo.

Ilustração 3.1.62 Desenho do aluno X na 1.º fase do estudo

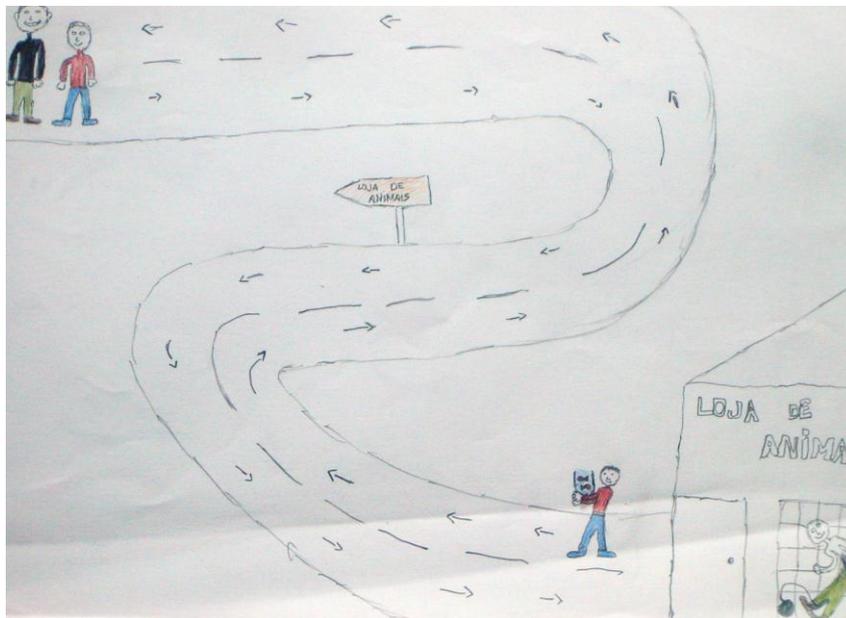


Ilustração 3.1.62 - 1.º Desenho do aluno X na 1º fase do estudo

Muito embora o aluno X tenha um registo muito idêntico aos seus pares (Ilustração 3.1.62).

Na figura humana o aluno X sugere um ligeiro conhecimento da realidade, isto é, as proporções da figura humana estão razoáveis, diria que a cabeça ainda é um pouco grande em relação ao resto do corpo e os indivíduos são apresentados rigidamente. Mas, enquanto, alguns dos seus colegas se esqueciam de desenhar as mãos, o aluno em questão fazia sempre as mãos.

Neste primeiro desenho, o aluno descreve o percurso dele com o pai até à loja dos animais. O menino deixou o pai na loja e em seu lugar trouxe 2 peixinhos vermelhos.

O pai ficou numa jaula, cruelmente abandonado, com um peso feito por um cadeado impedindo-o de fugir, enquanto, o menino com o aquário regressa a casa sozinho. Curiosamente, nenhum dos alunos conseguiu segurar o aquário nas mãos, parece que é difícil para eles conhecerem o seu próprio corpo. O aluno desenhou o aquário pousado nos braços e não nas mãos. O caminho define o ponto de partida até à loja dos animais e o esquema riscado sob a forma de 2, numa extremidade a partida, na outra, a loja de animais. Para enfatizar melhor esse esquema, o aluno recorreu a setas que iniciavam o percurso e que dirigiam o percurso de volta. Denoto que em termos de traço o aluno tem dificuldades pontuais, pois a sua motricidade fina está afetada.

A sua linha é composta por várias outras, o que significa que recuou várias vezes, até definir uma direção. Não é capaz de conduzir uma linha mental desde o início até ao término da mesma, não risca de uma vez só, vai traçando timidamente até ao seu destino.

Ilustração 3.1.63 Desenho do aluno X na 2.º fase do estudo



Ilustração 3.1.63 - 2.º Desenho do aluno X na 2ª fase do estudo

No seu segundo desenho (Ilustração 3.1.63), o aluno X respeitou o espaço exigido para a ilustração e o espaço para o texto. Nesta ilustração, aparece representado o quarto do menino muito desarrumado, com roupas desastrosamente espalhadas pelo chão e a guitarra elétrica branca aparece em grande destaque, fora de escala, maior do que seria em relação aos objetos coexistentes da representação. O menino em cima do Nathan (a esganá-lo enquanto o obrigava a dizer onde estava o pai).

Os objetos dispostos no chão, na forma como foram distribuídos denotam falta de noções de perspectiva. O topo dos pés da cama, à frente do armário, estão desenhados de forma rebatida.

A guitarra do chão sem qualquer alusão de tridimensionalidade, assim como os corpos dos rapazes representados de perfil, não recortam as formas do corpo que atribui características físicas, como cinta, rabo e uma ligeira depressão nas costas. O corpo foi desenhado de forma muito geométrica, sem as sinuosidades da forma humana.

Ilustração 3.1.64 2.º Desenho do aluno X na 2ª fase do estudo

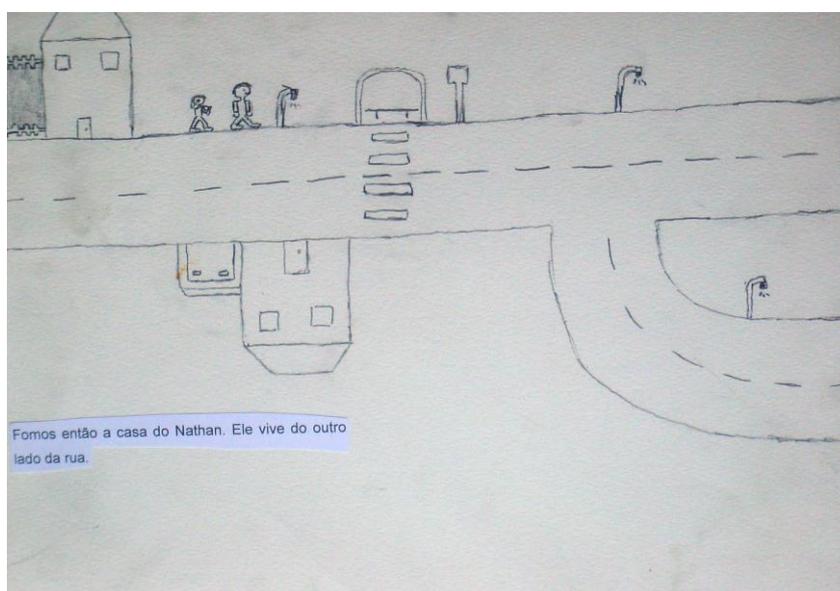


Ilustração 3.1.64 - 2.º Desenho do aluno X na 2ª fase do estudo

No terceiro registo desta fase (figura 3.1.64), o aluno V dividiu a folha em parte de cima e parte de baixo, como forma de organizar os diferentes lados da rua. Sendo difícil para o aluno organizar um esquema gráfico que divida a rua em dois lados, o aluno optou por dividir em 2 partes. O Nathan vivia no outro lado da rua, ao desenharem uma outra casa que ficaria em frente à do personagem principal, curiosamente, a casa do outro lado aparece invertido e alude à simetria. A rua apresenta uma bifurcação que divide a rua em dois lugares. Os dois irmãos aparentemente dirigem-se para a passadeira, com o objetivo de se dirigirem a casa do Nathan.

Neste desenho, mais uma vez, pude observar uma figura humana rígida e robotizada, o rosto de perfil e os pés de lado mas o tronco de frente, aludindo à forma Egípcia de representação.

Não foi só com este aluno que observei este tipo de representação, nada colada à realidade, parece-me que poucos pararam alguma vez para observar o seu próprio corpo. As casas deste desenho são basicamente iguais, as janelas no andar de cima e a porta no rés do chão. A linha do aluno continua hesitante, como se a casa tivesse cabelos.

Em termos de escala em relação ao tamanho da porta, os personagens são maiores, assim como em relação aos candeeiros da rua e ao restante mobiliário urbano que o aluno quis recriar.

3.2 Análise dos resultados do 1.º questionário de auto avaliação sobre a ilustração

Começo por explicar a análise do primeiro inquérito (2.º fase do meu estudo) aplicado aos alunos, após a realização da sua primeira ilustração.

Quando questionados acerca da agradabilidade do seu trabalho, dos 22 alunos apenas um respondeu que não estava agradável, os restantes afirmam que a ilustração que realizaram sobre o título do livro “O dia em que troquei o meu pai por dois peixinhos vermelhos” estava agradável.

Acerca da descrição que fizeram sobre a mesma as justificações são muito diversas, uns alunos fazem referência à escola, por exemplo, tiraram negativa ou tiveram mau comportamento e então decidiram trocar o pai, outros foram a uma loja de animais e como não tinham dinheiro para comprar peixes deixaram lá o pai, outros referem que estavam a nadar e o pai estava a afogar-se e em vez de ajudar o pai decidiram pegar nos peixes.

Depois de os alunos verem os trabalhos uns dos outros foram questionados acerca das diferenças entre os mesmos, e apenas um aluno respondeu que o seu desenho não era diferente dos restantes. Os 21 alunos que responderam que os seus desenhos eram diferentes dos outros argumentaram que isso acontece porque cada um teve uma ideia original, usando a sua própria imaginação, tem os seus gostos e criatividade, como os mesmos referem.

As principais personagens que, a maioria dos alunos, representou na ilustração foram o pai, um(a) menino(a) e dois peixes vermelhos. A maioria atribuiu um nome a cada personagem.

Os alunos referem que acharam importante desenhar estas personagens porque sem elas a história não faria sentido, e assim, quem visse as suas ilustrações perceberiam as suas ideias.

Quando questionados acerca das cores utilizadas seis alunos mencionam que não utilizam nenhuma porque não tiveram tempo de pintar. Os restantes alunos utilizam várias cores, como o verde, azul, vermelho, castanho, amarelo, preto, cor de laranja, cinzento, roxo, cor de rosa, branco.

O argumento utilizado para o uso destas cores é porque ficava bonito, ou porque é a cor que normalmente associam aos objetos, plantas ou animais. Dos dezasseis alunos que descreveram as cores que usaram nas suas ilustrações cinco não justificaram o uso da mesmas.

Nove alunos responderam que não fizeram nenhum enquadramento nas suas ilustrações. Treze alunos fizeram diferentes enquadramentos nas suas ilustrações, desde prédios, um lago, o mar e o céu, uma sala de aula, um parque do ambiente, uma rua, um aquário, as montanhas

atrás de uma casa, uma loja de animais, uma casa com piscina e jardim, uma estrada, uma avenida com muitas lojas.

Também foi perguntado aos alunos se estes achavam que qualquer pessoa conseguia compreender as suas ideias através da ilustração que fizeram, vinte alunos responderam afirmativamente e justificaram as suas afirmações argumentando que tal aconteceria porque desenham bem ou porque é bonito, está bem apresentável, limpo, explícito. Dois destes alunos foram mais longos nas suas explicações, argumentando que utilizaram métodos de linha e tipo de cor para que a ilustração ficasse mais explícita.

Apenas dois alunos responderam que as suas ilustrações seriam difíceis de elucidar as suas ideias porque desenham mal.

Por fim, os alunos identificaram algumas palavras que definem a linha dos desenhos que criaram (Gráfico 3.2.1).

Gráfico 3.2.1 Definição da(s) Linha(s) utilizadas na ilustração

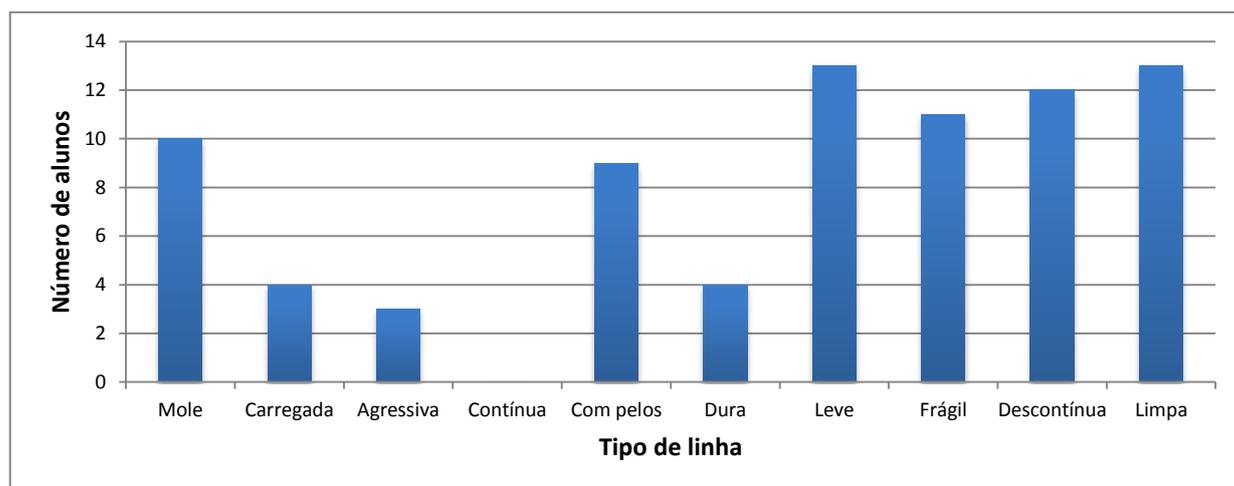


Gráfico 3.2.1 - Dados do 1.º Inquérito aplicado aos alunos

A linha que os alunos mais identificaram foi a leve e a limpa (13 alunos), depois a descontínua (12 alunos), a frágil (11 alunos), a mole (10 alunos), com pelos (9 alunos), a carregada e a dura (4 alunos), a agressiva (3 alunos) e a linha contínua não foi referida por nenhum aluno.

Cinco alunos só identificaram um tipo de linha, dois alunos identificaram dois tipos de linhas, um aluno identificou três tipos de linhas, cinco alunos identificaram quatro tipos de linhas, seis alunos identificaram cinco tipos de linhas e por fim, três alunos identificaram seis tipos de linhas nas suas ilustrações.

3.3 Análise dos resultados do 2.º questionário de auto avaliação sobre a ilustração

No final da etapa anterior, apliquei um 2.º inquérito, semelhante ao primeiro, contudo acrescentei mais três questões que considerei pertinente para o estudo, nomeadamente, quando eles comparam as ilustrações que realizaram se houve melhorias em relação ao primeiro trabalho ou não e como classificariam a sua prestação.

Nesta fase, a história foi dividida em 6 partes. Como os alunos estavam sentados por ordem alfabeticamente, e como no primeiro trabalho alguns alunos copiaram pelos pares do lado, posteriormente, decidi interpolar-los, atribuindo a cada um diferentes partes do texto, podendo continuar sentados à beira uns dos outros, tendo o parceiro uma parte da história completamente diferente do colega. Assim, dividi a turma em 4 grupos (3 grupos com 6 alunos e 1 grupo de 4 alunos). Onde cada aluno teria de realizar duas ações.

Quando questionados novamente sobre a agradabilidade da sua terceira ilustração, as repostas são perentórias, todos os alunos consideram que os seus trabalhos estão agradáveis. Também neste questionário tiveram de descrever o que ilustraram. No entanto, nesta fase já tinham conhecimento da história integral.

Após a solicitação para descrever a ação ilustrada, todos os alunos descrevem a respetiva ação que ao seu grupo foi sorteado.

Todos os alunos referem que as ilustrações realizadas são diferentes porque têm ideias diferentes.

As personagens que representaram na ilustração é referente à ação que a cada grupo ficou destinado. A justificação para a representação destas personagens é que faziam parte da história.

As cores mais utilizadas foram o roxo, o verde, o violeta, o castanho, o azul, cor de rosa, o vermelho, o amarelo, o preto, o cor de laranja, o branco, justificando tal escolha porque ficavam bem juntas, ou porque são cores que gostam. Nem todos os alunos justificaram o uso das cores que utilizaram (sete alunos) e um nem respondeu à questão que cores utilizou, o que pode ter alguma relação com o seu estado emocional.

Quanto ao enquadramento utilizado na segunda ilustração que executaram, apenas um aluno referiu que não utilizou, os restantes utilizaram como fundo a estrada, o passeio, o céu, uma casa, uma ponte, um quarto, uma árvore, jardim, uma colina, o sol, as nuvens, uma esquadra da polícia e as montanhas.

Todos referem que conseguiram transmitir as suas ideias e justificam, argumentando que está simples e bem desenhado. *“A adolescência é caracterizada por aspetos de*

egocentrismo cognitivo, pois o adolescente possui a capacidade de resolver os problemas que por vezes surgem á sua volta.”⁴

Quanto à linha que definiram para o seu desenho, os alunos referiram muitas, tal como no primeiro inquérito (gráfico n.º3.3.1).

Gráfico 3.3.1 Evolução das linhas utilizadas na 1.ª e na 2.ª ilustração

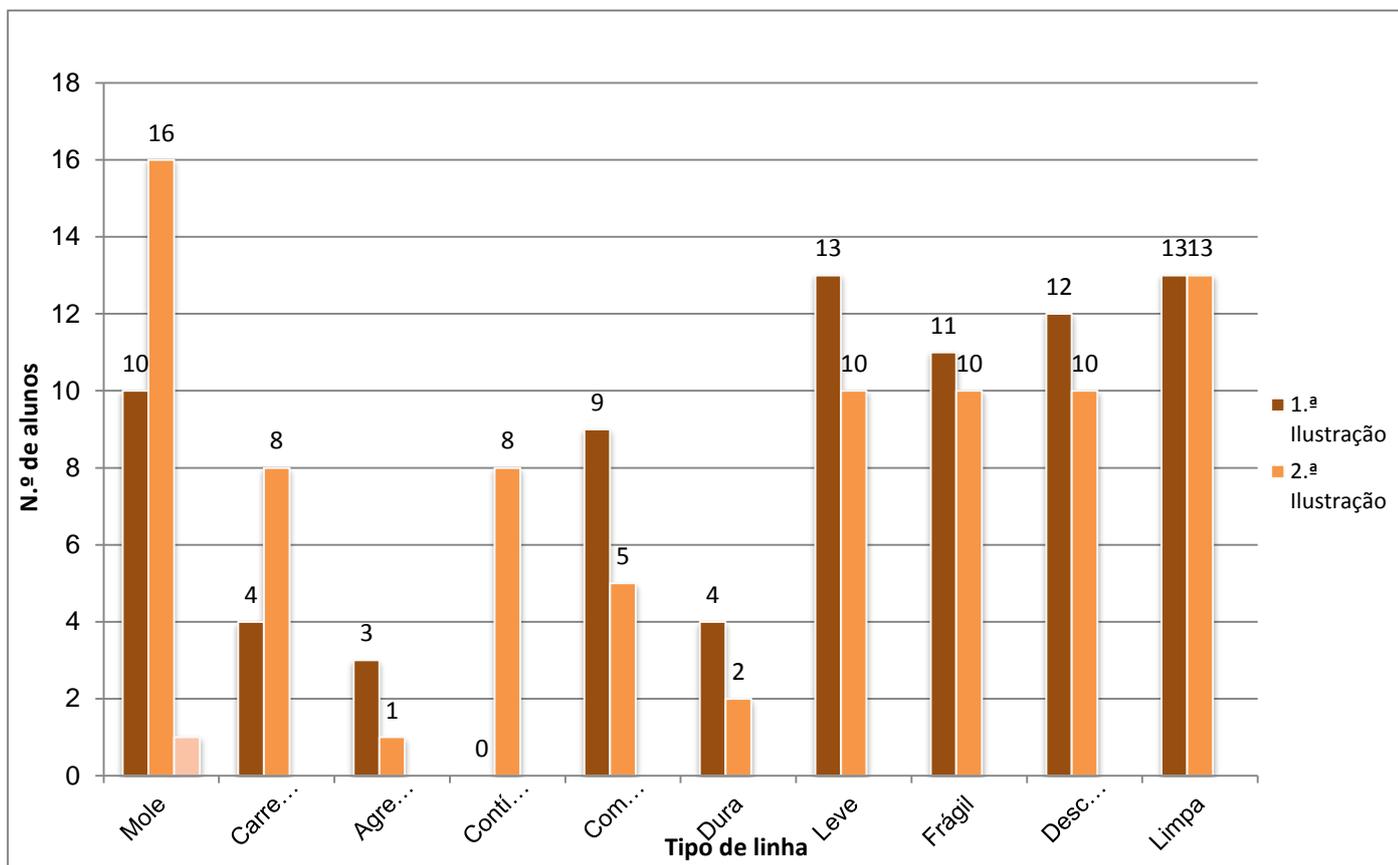


Gráfico 3.3.1 - Dados do 1.º e do 2.º Inquérito aplicado aos alunos

Nesta fase, a linha que os alunos referem que mais usaram foi a mole (16 alunos) e a limpa (13 alunos) (Gráfico 3.3.1). Depois foi a linha leve, frágil e descontínua, ambas referidas pelos mesmos alunos (10 alunos). A linha carregada e contínua foi referida por oito alunos. As linhas menos mencionadas foram com pelos, a dura e a agressiva. De realçar que nem todos alunos referem múltiplas linhas utilizadas nas suas ilustrações. Três alunos apenas identificaram uma linha, outros três duas linhas, dois alunos mencionaram duas linhas, quatro alunos referiram quatro tipos de linhas, oito alunos citaram cinco linhas, um refere ter utilizado seis tipos de linhas, assim como outro sete tipos de linhas.

⁴ .” Desenho: A Expressão do Sentimento | Amigo Nerd (amigonerd.net/trabalho/45104-desenho-a-expressao-do-sentimento)

Como já referi, anteriormente, neste segundo inquérito, acrescentei mais três questões que considero pertinentes nesta última fase de avaliação das ilustrações.

Quando questionados se a sua prestação tinha melhorado em relação à primeira ilustração, as respostas foram unânimes, todos responderam afirmativamente. As justificações às suas afirmações positivas são diversas, desde o facto de já saber o que desenhar concretamente, porque já lhes tinha sido lida a história, ou porque tiveram mais imaginação, criatividade. Também justificaram que aprenderam mais sobre como desenhar e as suas técnicas e assim conseguiram transpor para as ilustrações o que aprenderam até então, de forma a que, as suas ilustrações estavam mais perceptíveis e sentiram-se mais motivados para desenhar. Esta situação reafirma que este tipo de intervenção, interferiu diretamente na formação de autoconceito positivo da criança em relação à atividade, a sua aprendizagem e à própria disciplina de EVT, aspeto reiterado por diversos autores (Ferraz & Dalmann, 2011; Goleman et al, 1992; Read, 1943).

A última questão que acrescentei a este questionário visa que os alunos, perante a auto avaliação, classifiquem a sua prestação numa escala de quatro parâmetros, desde insuficiente, suficiente, bom e excelente (gráfico 3.3.2).

Gráfico 3.3.2 Auto avaliação da prestação dos alunos

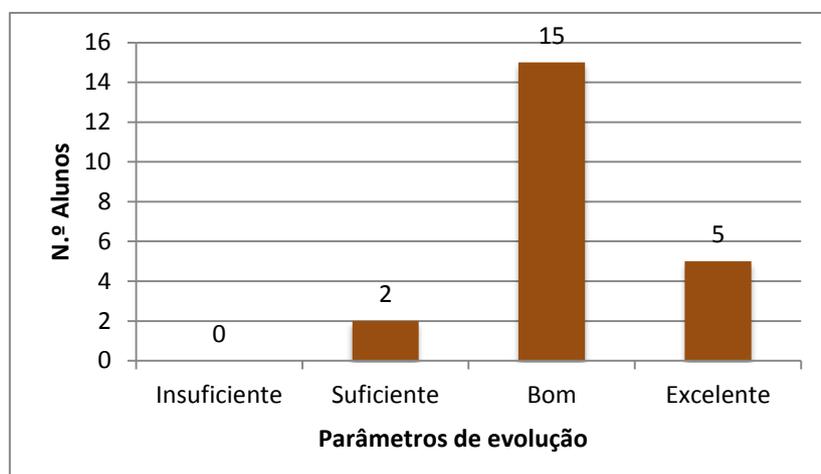


Gráfico 3.3.2 - Dados do 2.º Inquérito aplicado aos alunos

No segundo inquérito resolvi acrescentar mais uma questão, relativa evolução dos seus trabalhos. Estabeleci quatro parâmetros para os alunos se auto avaliarem. A maioria dos alunos classificou a sua prestação de Bom (15 alunos), os restantes classificaram entre

Suficiente (2 alunos) e Excelente (5 alunos). Nenhum aluno referiu que a sua prestação tinha sido insuficiente. (Gráfico 3.3.2)

Gráfico 3.3.3. Auto avaliação das ilustrações

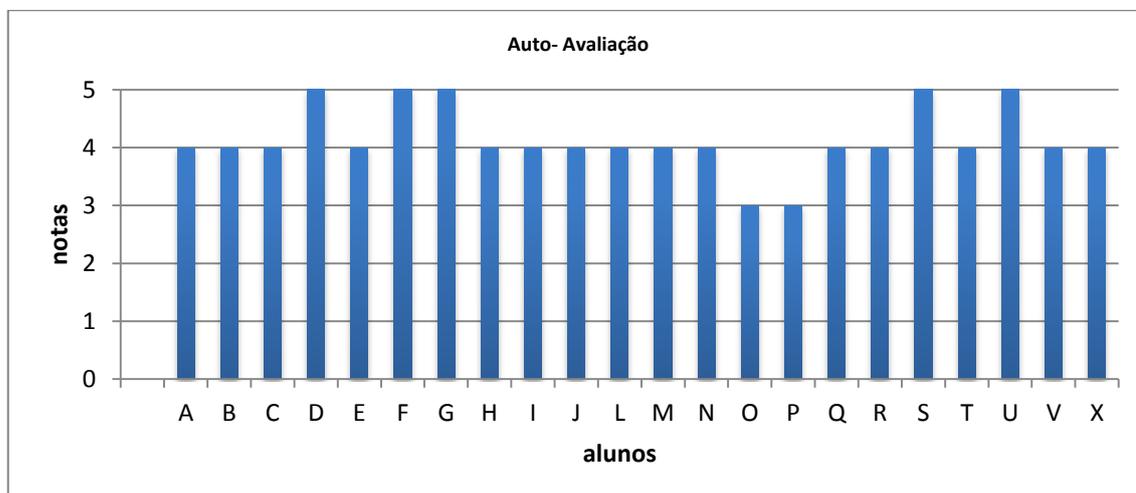


Gráfico 3.3.3 - Auto avaliação efectuada pelos alunos em relação às suas ilustrações. No segundo inquérito que efetuaram

Nos alunos, a escala de autoavaliação que apliquei foi entre 0 e 5 valores.

Olhando para o gráfico 3.3.3, podemos observar que apenas três alunos auto avaliaram a sua prestação com um três. Cinco alunos auto avaliaram-se com cinco valores, a escala máxima. E os restantes (quinze alunos) auto avaliaram as suas ilustrações com quatro valores.

Quanto à heteroavaliação, esta foi assente em vários parâmetros, nomeadamente, dez na primeira fase (1.º inquérito) e onze na segunda fase (2.º inquérito) (anexo 1 e 2). Foi pertinente acrescentar mais um parâmetro para avaliar a segunda fase das ilustrações, designadamente, se o aluno evoluiu ou não em relação ao primeiro trabalho.

Quadro 3.3.1 Parâmetros utilizados para avaliar as ilustrações

Parâmetros para avaliar as ilustrações
1. O aluno tem sentido de composição, harmonia ou agradabilidade?
2. Descreve a ação que representou?
3. A ilustração adequa-se ao tema sugerido?
4. O trabalho tem originalidade?
5. O aluno compreendeu o texto?

6. Fez uma utilização correta dos personagens?

7. Usa as cores com critério?

8. O aluno enquadra o desenho?

9. Representa uma ideia, narra, é legível no trabalho?

10. Como é o traço do aluno ao nível do desenho?

11. O aluno evoluiu em relação ao primeiro trabalho?

Quadro 3.3.1 - Parâmetros para avaliar os alunos

Ao longo dos dois momentos de avaliação, em que os alunos realizaram as ilustrações, estabeleci como avaliação a escola de 0 a 100 valores, de forma a aferir resultados que diferenciasses melhor os trabalhos realizados, com o objetivo primordial de distinguir a evolução dos mesmos, de forma criteriosa, uma vez que, a escola de 0 e 5 valores é muito estanque e vaga, o que não realça verdadeiramente o que os alunos evoluíram, por isso, optei pela escola de 0 a 100 valores (anexo 5 e 6).

Assim, mediante a análise destes onze parâmetros, podemos visualizar o quadro 3.3.2 onde estão patentes as notas (0 a 100 valores) que atribui na primeira e na segunda fase respetivamente.

Quadro 3.3.2 Avaliação no 1.º e 2.º momento.

Aluno	Avaliação do 1.º Momento (%)	Avaliação do 2.º Momento (%)	Diferença percentual
A	55	69,1	14,1
B	55	78,2	23,2
C	61	78,2	17,2
D	70	80,5	10,5
E	67	78,2	11,2
F	60	70	10
G	56	63,6	7,6
H	57	62,7	5,7
I	65	72,3	7,3
J	57	68,2	11,2
L	59	70	11
M	61	77,3	16,3
N	66	73	7
O	65	65	0
P	42	55,9	13,9
Q	56	68,2	12,2

R	50	60	10
S	67	79,2	12,2
T	69	68,6	-0,4
U	55	69,5	14,5
V	58	71,8	13,8
X	58	64,5	6,5

Quadro 3.3.2 - Avaliação realizada por mim no final do 1.º e do 2.º momento de avaliação das ilustrações

Como podemos visualizar no quadro 3.3.2 que a maioria dos alunos evoluiu do primeiro trabalho para o segundo. Apenas um aluno regrediu e outro manteve a mesma nota do primeiro e do segundo trabalho.

Gráfico 3.3.4 Evolução dos alunos ao longo do estudo

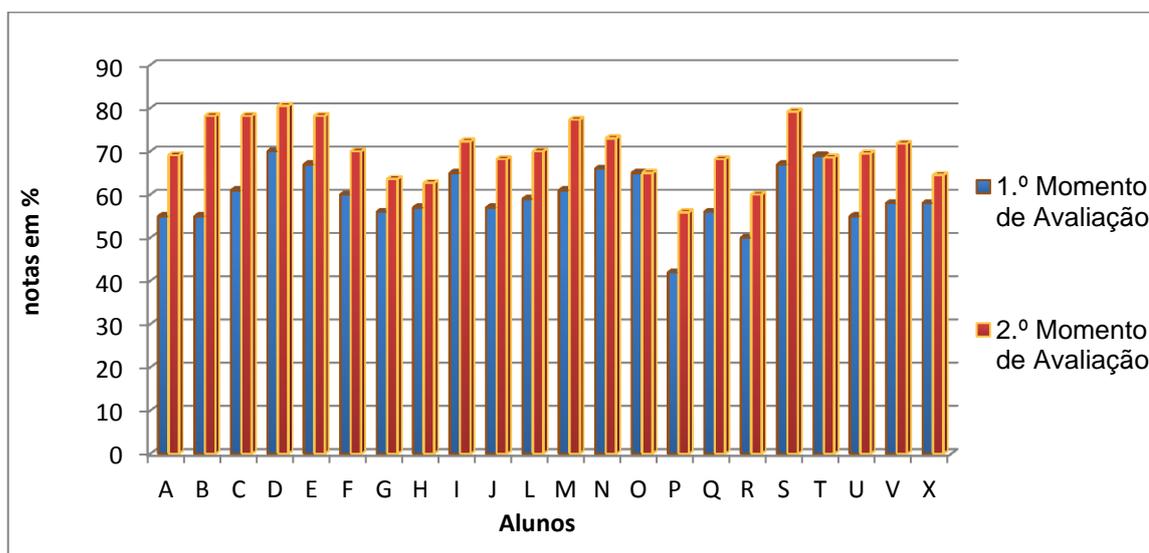


Gráfico 3.3.4 - Evolução dos alunos de acordo com os parâmetros de avaliação estipulados

Através das ilustrações realizadas pelos alunos (duas fases), primeira sustentada num título e a segunda após as aulas teórico-práticas e a leitura de um texto, avaliei-os numa escala compreendida entre 0 e 100 valores.

Assim, aferi que os alunos efetivamente evoluíram em todos os parâmetros a que me propôs, mas fundamentalmente na criatividade, que era o primeiro objetivo.

Como podemos verificar no gráfico 3.3.4, todos os alunos registaram uma evolução da primeira ilustração para a segunda ilustração. Denotasse, que aplicaram os conhecimentos incutidos nas aulas teórico-práticas. “Essa é a grande diferença de quem trabalha para crianças – não tem um público alvo, tem três: a) adultos cultural e esteticamente frágeis, b) adultos culturalmente

bem informados; e, por fim, c) crianças. A ordem é mesmo essa, as crianças estão no fim da cadeia, as crianças são recetoras em segunda mão, só recebem o que os adultos, de uma ou de outra classe, lhe fazem chegar.” (Coquet, 2004)

4. Conclusão, limitações e recomendações

Os autores Neil Gaiman e Dave McKean, foram a inspiração inicial de um projeto de investigação sustentado na ilustração e nas palavras.

Este estudo pode servir de ferramenta como práticas de abordagem à ilustração. Teria todo o interesse ampliar esta experiência com a aplicação de outras histórias, em livros de linguagem híbrida (texto e imagem), que como este, fossem fonte de estímulo na sua fecunda criatividade.

E este livro permitiu através do seu texto a percepção de imagens mentais e a elaboração de enredos pictóricos, ampliando o significado da sua mensagem escrita, como um jogo de palavras que manipula as emoções do leitor.

Numa primeira análise, constatei que posso enquadrar os alunos em diferentes perfis, aqueles que nunca observam, porque são imaturos e nunca desenham espontaneamente, aqueles que, por puro entretenimento vão riscando, desenhando, desenvolvendo vícios. Depois há aqueles que hesitam e temem errar, por isso o seu registo é inseguro, tenso e sem tempero. Outros que simplesmente não gostam de desenhar não têm essa necessidade, essa propensão, por motivos que vão desde a pura inabilidade, até à legítima noção de incapacidade, ou ainda, porque algum adulto, alguma vez o criticou de forma inadequada, imprimindo-lhe insegurança e negação. Mas também há aqueles que gostam e procuram aproximar as suas representações à realidade, investindo no traço, corrigindo desfasamentos, copiando, decalcando, arranjando as suas próprias soluções, nunca estando satisfeitos, investindo num estilo próprio. As dúvidas são inerentes a um percurso de autoaprendizagem, promovendo pesquisa, experimentação, levando a uma insaciável busca do saber fazer, para quem sabe, chegar à perfeição.

Houve aspectos contraditórios em alguns casos e até um certo retraimento como pude aferir junto de dois alunos que não progrediram pelos mais diversos motivos, como as próprias limitações do texto, não foi por motivos cognitivos mas pela emotividade que transparecia nos desenhos. Isto é, provavelmente para estes o título despertou-lhes mais o fator emotivo.

Penso que os alunos puderam compreender que os desenhos se leem, que o desenho foi a primeira forma de comunicação do homem muito antes da escrita. Que o desenho é um poderoso meio de comunicação. Estudamos isso nas aulas que lhes lecionei, abordamos a escrita enquadrando-a na classe do desenho e verificamos formas básicas de leitura, desde a pré-história, passando pelos hieróglifos no Egito, pela ilustração, pelas pautas de música e

pela própria publicidade. Com o objetivo de lhes fazer entender, que o lápis em conexão com o cérebro, no gesto da mão, ao sabor das ideias, impressas na folha branca, faz com que resultem elaborados símbolos, perceptíveis de serem entendidos por terceiros, mas se queremos ser compreendidos, temos de comunicar e sermos legíveis.

Na verdade as maiores dificuldades prenderam-se na organização espacial, na representação do fora e dentro de uma casa, pois quando sentem necessidade de explicar que determinado personagem entrou numa residência, poucos são os que optam pela ação de já lá estar dentro, ou pelo estado imediatamente antes de entrar, isto de algum modo lhes deve causar tensão, pois ilustram aquele preciso momento em que está para entrar mas ainda não entrou. Colando soluções em que as casas se tornam penetrantes pela sua transparência, de fora para dentro e de dentro para fora. Ao escolherem representar o interior de uma sala, rebatem paredes, para que saibamos que lá fora, há uma rua com carros a passar, por exagero.

A natural falta de conhecimentos em geometria descritiva, é a grande razão desta dificuldade de organização espacial e o facto de ainda não terem abordado esta matéria.

As composições visuais, devem-nos transmitir sensações de peso, uma casa ao ser desenhada, deve sugerir que assenta em terreno firme, mas em muitos casos os alunos desenhavam as casas a levitar no ar, não desenhavam a linha de terra que nos faz compreender o que se trata de chão e de céu. Como diria Rudolf Arnheim:

“No mundo dos nossos corpos chama-se peso a intensidade da força gravitacional que atrai os objetos para baixo....Por exemplo, quando se olha para os objetos de uma pintura, seu peso parece provocar tensão ao longo de eixo que os liga aos olhos do observador...” (Arnheim, 2007:15).

A percepção de peso será tanto maior quanto maior for a profundidade percebida. Ou seja um objeto parecerá mais pesado quanto mais profundo parecer.

Assim, um objeto fora do seu contexto, aparenta maior sensação de peso pois “ *O isolamento favorece o peso.* ” (Arnheim, 2007:17).

A nível da figura humana, em geral a turma apresenta também, muitas dificuldades. Em termos de proporção/escala, os corpos apresentam-se rígidos, pouco orgânicos. Grande parte dos alunos, recorrem a um esquema estereotipado⁵, de representação da figura humana.

Os mais evoluídos pecam inicialmente, por virar os personagens para o leitor/observador, ao estilo do teatro, como se de representação se trata-se, muito rígidos, sem expressão, com tendência a serem muito realistas. Evoluíram significativamente, muitos dos

⁵ Estereótipo: generalização não-confiável sobre todos os membros de um grupo que não reconhece diferenças individuais dentro do grupo. Schaefer, R (2006) Sociologia. Brasil. McGraw-Hill.

aprendentes, deixaram de o fazer e apresentavam os intervenientes da história de costas para nós, assim como tentaram estilizá-los minimamente.

O título, “O dia em que troquei o meu pai por dois peixinhos vermelhos” deixa em aberto opções que cada um poderia tomar, todos tiveram a oportunidade de sugerir o motivo que levaria quem quer que fosse a trocar o pai por dois vermelhos peixes. Não havia fronteiras e muitos foram tão longe quanto o próprio autor, eu já achava terrível trocar um pai por dois peixinhos e um aquário, ainda mais surpreendida fiquei quando alguns dos alunos, sugeriam trocar o pai e afogá-lo, ou colocar-lhe uma trela como se ele fosse um cão, ou ainda pendurar-lhe na orelha um preço, mais ainda, abandonarem o pai num local qualquer, o que me fez pensar.

Mas na fase seguinte, é notório que já tiveram outro tipo de cuidados, pois tinham de se socorrer de mecanismos de linguagem visual para expor as suas ideias. Entenderam, na sua maioria, que as imagens tinham de ser lidas e interpretadas. Tinham de passar uma mensagem na sua totalidade.

Já eram muitas as metas a cumprir, teriam que compreender o texto, e compreenderam, destacar o mais importante de cada ação, para ter uma leitura mais fácil, obrigatoriamente teriam que excluir o supérfluo, pois prejudicaria a passagem da mensagem, como um ruído. Teriam de ser sintéticos e usar uma linguagem gráfica limpa e legível, teriam de arrumar tudo numa folha de papel.

No segundo registo da última fase, a maioria não apresentou cor, não tiveram tempo para pintar, por muita pena minha, como decidi fazer o questionário, esse fator, veio prejudicar a realização do trabalho dos alunos, eles podiam ter tido mais tempo, fui influenciada para o facto de ser importante aplicar este instrumento, se fosse hoje não tinha feito, pois para mim bastava eles comentarem por trás do desenho, e tinham tido mais prazer, que é muito importante, senti que na prática lhes estava a cortar algo a meio, em nome de uma investigação.

Assim, preparar as aulas ao pormenor é elementar, os educadores têm de ser criativos, fomentando trabalhos plásticos, como se de jogos se trata-se. É um passo para o sucesso, um passo para combater a frustração. Os desenhos não têm que ser bonitos, esse objetivo já desanima os alunos. O que é um desenho bonito? Mais do que isso, têm sim, que ser criativos, pois todos sabem desenhar, depende como se lhes dá indicações e principalmente, como se os crítica, há termos que podem matar, o saber desenhar de cada individuo, para sempre, e assim, a nossa disciplina fica com poucos adeptos. Segundo Sá Nogueira “Há a necessidade de repensar o ensino artístico, onde a observação constante, sistemática é fundamental. Não se

pode abandonar a observação da vista e do tato. Uma criança vê qualquer coisa e tenta logo mexer.

” O pintor, afirma que «o desastre do ensino do desenho começa quando nós, com uma atitude violenta separamos estes dois sentidos. Não se pode abandonar a ideia de observação, o que muitas vezes nas escolas é incómodo.» Sá Nogueira” (Natália Lobo, 2001: 51)

Quero sublinhar, que com as minhas reflexões, vim a concluir que o professor deve aceitar as ideias dos alunos, criando oportunidades para que consigam ultrapassar as metas, uma vez que:

“Aprender, é também um processo que envolve numa relação muito dinâmica as dimensões emocional e cognitiva. Sem vínculo emocional, a aprendizagem perde-se com o tempo, sem um significado relevante, que lhe seja atribuído, o saber desvanece-se e perde a importância. É então na possibilidade do uso da criatividade, na estimulação de um tipo de pensamento divergente flexível e aberto à novidade, resistente à frustração e à possibilidade de erro, que o individuo vai construindo o seu estilo próprio de aprender.” (Ferraz,2011:66).

Essencialmente, pretendia-se que o aluno fosse capaz de ilustrar e percebesse o mecanismo que está por trás desta técnica. Procedi a métodos pedagógicos, desde a mostra de imagens consecutivas para proporcionar memória visual, dando-lhes instrumentos que posteriormente pudessem ser úteis para desenvolverem capacidades ao nível do desenho descritivo.

Os alunos evoluíram esteticamente, também em termos de traço e de expressão visual. No entanto, alguns, em termos criativos sentiram alguma limitação entre as paredes do texto.

Se fossem adultos, certamente conseguiriam arranjar formas de escape entre as linhas escritas desta história e seguramente as extrapolariam, acrescentando pormenores que o texto não fala. Isto também aconteceu nos trabalhos dos alunos, mas discretamente aqui e ali, arriscavam pormenores de cor e textura, mas não criaram um universo paralelo de representação da realidade mental representada. Eram cautelosos, e já tinham tão pouco tempo, que conseguir cumprir com a ilustração daquele excerto já era por si uma vitória

Em síntese, efetivamente, as linhas de uma história, favorecem a fertilidade no campo criativo. Leva-nos a viajar no nosso inconsciente, forçando-nos a arranjar linguagens adaptáveis ao texto em questão, ajustando as imagens mentais à nossa mão, que em ligação com o lápis, torna a ideia tangível ao papel. Leva-nos a organizarmo-nos em termos de espaço, forma e acabamentos. A fazer opções estéticas, apurando o sentido de composição,

todo um conjunto de soluções para um conjunto de problemas que um tema apenas não oferece.

Não posso deixar de referir a importância do texto como fator impulsionador do gesto de inventar, pois acredito que a leitura é uma “bengala” para a fluir ideias no ato de desenhar.

De facto uma boa história, poderá ser um estímulo perfeito para o insight criativo, que fertiliza a fantasia e nos leva a ilustrar. Num percurso fascinante entre as gavetas da memória e os recônditos cantos da imaginação, que vivem dos nossos sentimentos, e se alimentam das ideias dos outros que escrevem os livros.

De consciencializar que só é possível levar os alunos a uma evolução considerável, se lhes proporcionarmos exercícios com objetivos bem claros, que de alguma forma lhes aumente a autoestima, por poderem atingi-los.

Acima de tudo trata-se de ensinar a trabalhar. Para esse fim o aluno deve saber orientar-se num projeto e leva-lo até ao fim. Foram apenas dez aulas, muitas vezes não foi possível concretizar todos os parâmetros que pretendia abordar, pelo tempo, pela própria aplicação dos questionários que muitas vezes levou à quebra do ritmo que lhes propunha. Penso que em pouco tempo, os envolvi num projeto de ilustração de uma história, não sendo o meu objetivo fulcral, mas o objetivo que lhes foi proposto. O aprendente ficou a saber que agora a folha branca, não é sinónimo de vazio, somente um ponto de partida, apenas será preciso organizar as ideias, o trabalho terá de ser estruturado, pensado, supostamente implicará pesquisa de imagens, com as mais variáveis abordagens, que nos ampliam os conhecimentos.

Todos temos de ter uma bagagem necessária para enfrentarmos um trabalho, perante um tema, nasce uma estrutura, com linhas orientadoras de paços a percorrer. Os alunos tiveram experimentações plásticas e novas vivências dentro da sala de aula, foi-lhes ensinado a procurar na narrativa estímulos escritos, levados a terem regras de organização mental, numa análise orientada sobre os conteúdos de um texto. Esta turma ganhou competências no gesto de distinguir, linguagem verbal de linguagem visual, praticando a plasticidade de saber explanar uma mensagem. Sem esquecer o exercício a que se submeteram ao experienciar um pouco disciplina do desenho de Paula Rego, mimetizando a sua prática artística.

Assim, ilustrar é finalmente, transmitir uma mensagem, ampliando o seu significado, permitindo uma especulação criativa nas suas perceções de leitura, desdobrando as ideias em novos manifestos linguísticos que manipulam emoções. Porque “arquitetar um livro é arquitetar uma cidade. Num livro de imagens é preciso virar a página como quem está conhecendo uma cidade e vira uma esquina para desvendar um novo campo visual.” (Lago, 1991:63).

Referências Bibliográficas

ABRANTES, Paulo (coordenação) (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação

ACTAS DO SEMINÁRIO (2001). *Os desenhos do Desenho – Nas Novas Perspectivas sobre Ensino Artístico*. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação – Universidade do Porto

AEA (2001/2009) Projeto Educativo do Agrupamento .Nogueira, Braga

ALVES, Magda (2007). *Como escrever teses e monografias*. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda

ARNHEIM, RUDolf (2001) O poder do centro: Um estudo da composição nas artes visuais. Col. Arte & Comunicação, 52.Lisboa: Edições 70

ARNHEIM, Rudolf (2007). *Arte e Percepção Visual – Uma Psicologia da Visão Criadora*. São Paulo: Pioneira / Thomson Learning

AUMONT, Jacques (2009). *A Imagem*. Lisboa: Edições Texto & Grafia

BABIM, Pierre; KOULOUMDJIAN, Marie – France (1989) Os novos modos de compreender . São Paulo: Paulinas

BAKER, Tom (1999). *The Boy Who Kicked Pigs*. London: Faber & Faber Limited

BANDURA, Albert e (coord) (2007) *Teoria Social Cognitiva- Conceitos Básicos*. Brasil.Editora Bookman

BARROS, Luísa Dauphinet de (2004) O desenho de observação e literacia visual. Dissertação de mestrado. Lisboa :Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa

BERGER, John D. (1982) Modos de ver. Col.Arte & Comunicação, 3.Lisboa: Edições 70

- BRANDÃO, Pedro (2005) *Ética e Profissões, no Design Urbano*. Tese de Doutoramento. Universidade de Barcelona
- BRENIFIER, Óscar (2008). *O que são a beleza e a arte?* (1.^a ed.) Lisboa: Dinalivro
- CABRAL Ricardo (2010). *Newborn – 10 dias no Kosovo*. Portugal: Edições ASA
- CALDAS, Manuel Castro (2008). *Dar Coisas aos Nomes – Escritos Sobre Arte e Outros Textos*. Lisboa: Assírio & Alvim
- CANALES, Juan Dias; GUARNIDO, Juanjo (2002). *Blacksad – Os bastidores do inquérito...* Portugal: Edições ASA
- CARNEIRO, Alberto(2001) *os desenhos do desenho. O desenho, projeto da pessoa*. Escultor.
- COQUET. Eduarda (2010) *As artes plásticas, as crianças e os conceitos de sobredotação. Diálogos com a Arte. Revista de Arte, Cultura e Educação*, n.º1. Centro de Estudos da Criança do IE da Universidade do Minho e Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, 24- 37
- CURRÍCULO NACIONAL DO ENSINO BÁSICO (2001) *Competências essenciais*. Lisboa. Editor Ministério da educação
- DECOBERT, Simone; SACCO, François (coordenação) (2004). *O Desenho no Trabalho Psicanalítico com a Criança*. (1.^a ed.). Lisboa: Climepsi Editores
- ECO, Umberto (2007). *História do Feio*. Algés: DIFEL
- FALEIRO, Armando; GOMES, Carlos (2004). *Gesto Imagem – Guia do Professor*. Porto: Porto Editora
- FERRAZ, Marcelli (2011). *Educação Expressiva (volume 2)*. Venda do Pinheiro: Tuttirév Editorial, Lda
- FORMOSINHO, João (2009). *Formação de Professores*. Porto: Porto Editora
- FRANCASTEL, Pierre (1987) *Imagem, visão e imaginação*. Col. Arte & Comunicação, 37. Lisboa: Edições

- GAIMAN, Neil; MCKEAN, Dave (2002). *O dia em que troquei o meu pai por dois peixinhos vermelhos*. Portugal: VitaminaBD
- GAIMAN, Neil; MCKEAN, Dave (2004). *Os lobos nas paredes*. Portugal: VitaminaBD
- GERVEREAU, Laurent (2007). *Ver, Compreender, Analisar as Imagens*. Lisboa: Edições 70
- GIL, Isabel Capelo (2011) *Literacia visual - Estudos sobre a inquietude das imagens*, Lisboa, Edições 70
- GIL, José (2005). «*Sem Título*» *Escritos Sobre Arte e Artistas*. (2.^a ed.). Lisboa: Relógio D'Água Editores
- GLOTON, Roger; Clero, Claude (1997) *A atividade criadora na criança*, 5^a ed. Col. Temas pedagógicos, 15. Lisboa: Editorial Estampa
- GODINHO (2004) *Aprender a olhar*. nº11- Fev/Mar -Edições Firmamento, pág18-19
- GOMES, Patricia (2007) *Desenho do Espaço*. Tese de Mestrado. Faculdade de Belas Artes de Lisboa.
- HAIGH, Alan (2010). *A Arte de Ensinar – Grandes Ideias Regras Simples*. Alfragide: Academia do Livro
- HESS, Walter (1989). *Documentos para a Compreensão da Pintura Moderna*. Lisboa: Livros do Brasil
- JOLY, Martine (2005). *A Imagem e os Signos*. Lisboa: Edições 70
- JOLY, Martine (2008). *Introdução à Análise da Imagem*. Lisboa: Edições 70
- KANDINSKY, W. (1996) *Ponto, linha, plano*. Lisboa: Edições 70
- KLEE, Paul (1973) *Écris sur L'art. La pensée créative*. Paris: Decian et Tolra, D.L.
- KNAPIC, M. e Gandara, M. (1998) *Educação Visual: 7º ano*. Lisboa: Texto Editora

- KOBAYASHI, Shigenobu (1987). *A Book of Colors*. London: Kodansha International
- LAGO, Angela. (1997) A ilustração dos textos para crianças e jovens e a computação gráfica. In: RIBEIRO, Francisco Aurelio (org.). *Leitura e literatura infanto-juvenil: ensaios*. Vitória: UFES
- LE CORBUSIER (1996) *A arte decorativa*. São Paulo: Martins Fontes
- LETRIIA, José; LETRIA, André (2011). *Se Eu Fosse um Livro*. Porto Salvo: Pato Lógico Edições
- LOBO, Natália (2001) *Sinopse. Os desenhos do desenho: As novas perspectivas sobre Ensino Artístico*. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação Universidade do Porto. 51-54.
- LUQUET, G (1979) *O Desenho Infantil*. Porto: Civilização Editora.
- MALRIEU, Philippe (1996). *A Construção do Imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget
- MANTERO, Ana. (1999) *O Traço da Infância: Diálogos com Paul Klee* Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- MANTERO, Ana (2005) *O traço da infância*. Col. Biblioteca do Educador Profissional, 154. Lisboa: Livros Horizonte
- MASSIRONI, Manfredo (1996) *Ver pelo desenho*. Lisboa: Edições 70
- MEEB (2001) “Orientações Curriculares para Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico”
- MELLO, Regina Lara Silveira (2001) *Acaso, serendipidade e insight no processo de criação em arte*” in GIGLIO, Garvia et al. (org) *I congresso internacional de Criatividade. Inovação*. Universidade Federal do Amazonas.
- MERLEAU-PONTY, Maurice (2009). *O Olho e o Espírito*. (7.^a ed). Lisboa: Veja Editora

- MOLINA, Juan José Gómez (coord.) (1999). *Estratégias del Dibujo en el Arte Contemporáneo*. Madrid: Ediciones Cátedra
- MONTEIRO, Isabel Cottienelli telmo Pardal (1991) *A representação do espaço Tridimensional nos desenhos de casas feitos por crianças e jovens dos 8 aos 18 anos de idade*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa
- MUNARI, Bruno (1968) *A Arte como Ofício*. Barcelona: Nueva Coleccion labon.
- MUNARI, Bruno (1982) *Design e Comunicação Visual*. Lisboa: Edições 70.
- MUNARI, Bruno (2007). *Fantasia*. Lisboa: Edições 70
- PALLA, Maria José (1996). *A Palavra e a Imagem - Ensaio Sobre Gil Vicente e a Pintura Quinhentista*. Lisboa: Editorial Estampa
- PORFÍRIO, Manuel (2002). *Educação Visual e Tecnológica – Ensino Básico 5.º/6.º anos* (1.ª ed.). Porto: Edições ASA
- RANCIÈRE, Jacques (2011). *O Destino das Imagens*. Lisboa: Orfeu Negro
- READ, Herbert (2007). *A Educação pela Arte*. Lisboa: Edições 70
- RÊGO, Ivone Felman Cunha (1999) (coord.) – *Paul Klee. Desenhos*. Catálogo da exposição. Lisboa: Fundação Arpad Szenes- Vieira da Silva
- REGO, Paula; Bessa-Luís, Agustina (2001). *As meninas*. Lisboa: Três Sinais Editores
- RODARI, Gianni (2006). *Gramática da Fantasia*. (6.º Ed.). Lisboa: Editorial Caminho
- RODRIGUES, Ana Leonor M. Madeira (2003). *O que é Desenho*. (1.ª ed.). Lisboa: Quimera Editores
- RODRIGUES, Luís Filipe S. P. (2010). *Desenho, criação e consciência*. Portugal: Bond Books on Demand
- ROLDÃO, Maria do Céu (1999). *Gestão Curricular – Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Ministério da Educação

ROSENTHAL, T.G. (2004). *Paula Rego obra gráfica completa*. Lisboa: Cavalo de ferro

SOUSA (2000) Malasartes. *Cadernos de Literatura para a infância*,21, 2000.(confirmar?)

SOUSA, Gonçalo Vasconcelos de (2003) – *Metodologia da investigação, redação e apresentação* de trabalhos científicos. 2ª ed. Porto: Livraria Civilização Editora

SOUSA, Rocha de (coordenação) (1995). *Didáctica da Educação Visual*. Lisboa: Universidade Aberta

TELMO, Isabel Cottinelli – *A criança e a representação do espaço do espaço*. Col. Biblioteca do Educador Profissional, 99. Lisboa: Livros Horizonte, 1986

TORRES, Maria Goreti (2003). *A Arte da Contar Histórias com Palavras e Imagens – O capuchinho Vermelho*. Braga: Edições APPACDM

VALÉRY, Paul (2005) *Introdução ao método de Leonardo da Vinci*. Lisboa: Veja

VALÉRY, Paul (2005) *Introdução ao método de Leonard da Vinci* . Lisboa: Vega

VIEIRA, Maria do Carmo (2009). *A Arte Mestra da Vida – Reflexões Sobre a Escola e o Gosto Pela Leitura*. Lisboa: Quimera Editores

VYGOTSKY, Lev (2009). *A Imaginação e a Arte na Infância*. Lisboa: Relógio D'Água Editores

WARBURTON, Nigel (2007). *O Que É a Arte?* Lisboa: Editorial Bizâncio

WIEDEMANN, Julius (2007). *Animation now*. Cologne: Taschen

WONG, Wucius (2001) – *Princípios de forma do desenho* 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes

ZEEGEN, Lawrence; CRUSH (2009). *Principios de ilustración*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili

Anexos

Anexo1

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO	2011
-----------------------------------	-------------

DADOS PESSOAIS

Nome: _____

OBJECTIVOS

A professora Emília, está a estudar na universidade (Curso de Mestrado de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico).

Para o seu trabalho de investigação precisa da tua colaboração, com o preenchimento deste questionário que tem por objectivo fazer a caracterização da evolução da turma, na de ilustração de uma história.

As respostas serão posteriormente analisadas e deves, portanto, ser sincero.

Os dados recolhidos neste questionário permanecerão totalmente confidenciais. Desse modo, o teu nome nunca será referido nem o da tua escola.

Sexo:

Masculino

Feminino

Idade: ____

Ano de Escolaridade: ____°

Ano lectivo: 200__ / 200__

Escola:

1-O teu trabalho está **agradável**?

Sim Não

1.1- **Descreve** o que acontece na ilustração que fizeste?

2-O teu desenho é **diferente** do desenho dos teus colegas?

Sim Não

2.1- Porquê?

3- Que **personagens** representaste na tua ilustração,?

3.1- Porque achaste importante inclui-los?

4-Que **cores** usaste ? Justifica a tua resposta?

6- Na(s) tua imagem (s) aparece o **enquadramento** (fundo com paisagem, ambiente de casa ou seja o meio envolvente)?

Sim Não

6.1-Qual (quais)?

7- Na tua opinião, qualquer pessoa consegue **compreender a tua ideia**?

Sim Não

7.1- Porquê?

8- Identifica **a** ou **as** palavras, que definem a **linha** do teu desenho:

Mole Dura

Carregada	<input type="checkbox"/>	Leve	<input type="checkbox"/>
Agressiva	<input type="checkbox"/>	Frágil	<input type="checkbox"/>
Continua	<input type="checkbox"/>	Descontinua	<input type="checkbox"/>
Com pelos	<input type="checkbox"/>	Limpa	<input type="checkbox"/>

Obrigada por responderes.

Professora: *M^a Emília Martins*

Anexo2

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO	2011
-----------------------------------	-------------

OBJECTIVOS

A professora Emília, está a estudar na universidade (Curso de Mestrado de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico).
 Para o seu trabalho de investigação precisa da tua colaboração, com o preenchimento deste questionário que tem por objectivo fazer a caracterização da evolução da turma, na de ilustração de uma história.
 As respostas serão posteriormente analisadas e deves, portanto, ser sincero.
 Os dados recolhidos neste questionário permanecerão totalmente confidenciais. Desse modo, o teu nome nunca será referido nem o da tua escola.

DADOS PESSOAIS

Nome: _____

Sexo:

Masculino

Feminino

Idade: ____

Ano lectivo: 2010/11

Ano de Escolaridade: ____º

Escola: _____

1-O teu trabalho está **agradável**?

Sim Não

1.1- **Descreve** quais as acções que ilustraste?

2-O teu desenho é **diferente** do desenho dos teus colegas?

Sim Não

2.1- Porquê?

3- Que **personagens** representaste na tua ilustração?

3.1- Porque achaste importante inclui-los?

4-Que **cores** usaste? Justifica a tua resposta?

6- Nas tuas imagens aparecem o **enquadramento** (fundo com paisagem, ambiente de casa ou seja o meio envolvente)?

Sim Não

6.1-Qual (quais)?

7- Na tua opinião, qualquer pessoa consegue **compreender a tua ideia**?

Sim Não

7.1- Porquê?

8- Identifica **a** ou **as** palavras, que definem a **linha** do teu desenho:

Mole	<input type="checkbox"/>	Dura	<input type="checkbox"/>
Carregada	<input type="checkbox"/>	Leve	<input type="checkbox"/>
Agressiva	<input type="checkbox"/>	Frágil	<input type="checkbox"/>
Continua	<input type="checkbox"/>	Descontinua	<input type="checkbox"/>
Com pelos	<input type="checkbox"/>	Limpa	<input type="checkbox"/>

9- Na tua opinião, **melhoraste** em relação ao primeiro trabalho de ilustração que fizeste?

Sim Não

9.1- Porquê?

10- Classificas a tua prestação em :

Insuficiente

Suficiente

Bom

Excelente

Obrigada por responderes.

Professora: *M^a Emília Martins*

Guião de aula | Unidade de Trabalho

EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA ÁREA DE EXPLORAÇÃO: DATA: 17-02-2011 CAMPOS <input type="checkbox"/> AMBIENTE <input type="checkbox"/> COMUNIDADE <input type="checkbox"/> EQUIPAMENTO		PROFESSORAS: ANO: 6 TURMA: d Aula de: 90mts –Aulanº1	
ESTRATÉGIAS	ACTIVIDADES	CONTEÚDOS	RECURSOS (materiais e humanos)
<ul style="list-style-type: none"> - Explicação sobre a forma como se irá desenvolver a aula: tarefas a realizar na aula -Apresentação de um título/tema: “O dia em que troquei o meu pai por dois peixinhos vermelhos” _ Ilustrarão do tema; -Distribuição de uma ficha de análise e auto-avaliação do desenho ilustrado; 	<ul style="list-style-type: none"> - Exposição/Diálogo com os alunos sobre os objectivos pretendidos nesta aula; - Numa 1ª fase irão ver e ouvir a exposição da professora sobre os procedimentos pretendidos para a elaboração do trabalho - numa 2ª fase irão realizar um trabalho exploratório, em que ilustrarão o título/tema: “O dia em que troquei o meu pai por dois peixinhos vermelhos” - Distribuição de uma folha de papel de aquarela A3 por cada dois alunos. - Identificação da folha de trabalho. - Os alunos deverão organizar imagens no espaço bidimensional; - Os alunos deverão usar materiais expressivos de desenho, - Os alunos deverão transpor as ideias para o papel ilustrando diversas situações. - Os alunos deverão explicar, e avaliar o seu trabalho, tomando consciência das suas opções estéticas -Auto-avaliação - Registo do sumário no livro de ponto. - Arrumação dos materiais - Verificar a limpeza e arrumação da sala 	<p>COMUNICAÇÃO VISUAL</p> <ul style="list-style-type: none"> -Códigos Visuais - Formas de comunicação visual (ilustração) <p>ESPAÇO</p> <ul style="list-style-type: none"> -Organização do espaço bidimensional 	<ul style="list-style-type: none"> - Lápis grafite; -marcadores; - Papel. -Tesoura -Cola; -Quadro de giz; - ficha de análise ao trabalho;

	- Deixar sair os alunos por ordem como é habitual.		
Sumário:			
<p>Apresentação de um título/tema:</p> <p>“O dia em que troquei o meu pai por dois peixinhos vermelhos”;</p> <p>_ Ilustração do tema; Orientação dos alunos na estruturação do seu trabalho.</p> <p>-Distribuição de uma ficha de análise e auto-avaliação do desenho ilustrado;</p>			
Observações:			

Anexo 4

Guia de observação			
Professora:			
Data da aula a observar:	Aula n.º	Ano:	Turma:
Professor observado:			

Actividade: **Ilustração de um texto (parte 1)**

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22
1. O aluno tem sentido de composição, harmonia ou agradabilidade?	50	50	60	70	60	55	50	50	65	60	60	60	65	60	40	50	45	60	65	50	55	55
2. Descreve a acção que representou?	60	60	60	60	60	60	55	55	70	60	60	65	70	65	40	55	50	60	60	55	55	55
3. A ilustração adequa-se ao tema sugerido?	60	60	60	75	70	60	60	60	65	60	60	60	65	65	45	55	50	70	70	55	60	60
4. O trabalho tem originalidade?	50	50	60	85	75	60	55	60	65	60	60	60	75	65	40	55	50	75	75	55	60	60
5. O aluno compreendeu o texto?	60	60	65	70	70	60	60	60	70	60	60	60	70	70	50	60	55	75	75	55	60	60
6. Fez uma utilização correcta dos personagens?	55	55	65	65	65	55	60	60	70	55	60	65	70	65	40	60	55	80	80	55	55	60
7. Usa as cores com critério?	60	55	50	50	50	55	50	50	50	55	60	60	60	65	40	60	40	50	55	50	55	55
8. O aluno enquadra o desenho?	50	50	65	80	75	70	50	60	68	55	60	60	65	65	40	60	45	55	60	60	60	60
9. Representa uma ideia, narra, é legível no trabalho?	50	50	65	70	80	65	55	60	75	55	60	70	70	70	40	55	55	80	80	55	55	60
10. Como é o traço do aluno ao nível do desenho?	55	60	60	70	65	60	60	55	50	50	50	50	50	60	40	50	50	65	65	60	65	50
	55	55	61	69,5	67	60	55,5	57	64,8	57	59	61	66	65	41,5	56	49,5	67	68,5	55	58	57,5

Actividade: **Ilustração de um texto (parte 2)**

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22
1. O aluno tem sentido de composição, harmonia ou agradabilidade?	70	80	80	80	80	75	60	60	75	65	70	80	70	60	50	65	55	70	60	65	70	60
2. Descreve a acção que representou?	65	65	65	65	65	65	65	60	75	70	70	70	70	65	55	60	55	65	65	60	70	60
3. A ilustração adequa-se ao tema sugerido?	75	80	80	80	80	70	65	60	70	70	70	75	75	65	55	70	60	80	70	65	70	70
4. O trabalho tem originalidade?	70	80	80	90	80	70	60	60	70	65	70	80	75	70	55	70	60	85	70	70	70	60
5. O aluno compreendeu o texto?	70	80	80	80	80	70	65	65	70	70	70	80	80	70	60	70	60	85	70	70	70	70
6. Fez uma utilização correcta dos personagens?	70	80	80	80	80	70	65	65	70	70	70	80	75	70	50	70	60	87	70	70	70	70
7. Usa as cores com critério?	70	80	80	80	80	70	65	65	70	65	75	80	68	65	60	70	60	75	70	80	75	65
8. Enquadra o desenho?	70	85	85	85	85	70	65	65	75	65	75	85	80	65	60	70	60	80	70	70	70	70
9. Representa uma ideia, narra, é legível no trabalho?	70	80	80	80	80	70	65	65	80	70	70	80	75	70	55	70	65	90	75	70	75	70
10. Como é o traço do aluno ao nível do	60	70	70	80	70	70	60	60	70	70	60	60	60	55	55	65	60	75	70	65	70	55

desenho?																							
11. O aluno evoluiu em relação ao primeiro trabalho?	70	80	80	85	80	70	65	65	70	70	70	80	75	60	60	70	65	80	65	80	80	60	
	69,090909	78,181818	78,181818	80,454545	78,181818	70	63,636364	62,727273	72,272727	68,181818	70	77,272727	73	65	55,909091	68,181818	60	79,272727	68,636364	69,545455	71,818182	64,545455	